



VENCEDOR NA CATEGORIA  
ROMANCE

# AI DE TI, CAMBURI

ANDRÉIA  
DELMASCHIO

 EDUFES



VENCEDOR NA CATEGORIA  
ROMANCE

# AI DE TI, CAMBURI

ANDRÉIA  
DELMASCHIO

 **EDUFES**  
Vitória, 2024



**Universidade Federal  
do Espírito Santo**



**EDUFES**  
EDITORA

**Editora Universitária – Edufes**

Filiada à Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias (Abetu)

Av. Fernando Ferrari, 514  
Campus de Goiabeiras  
Vitória – ES · Brasil  
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852  
edufes@ufes.br  
www.edufes.ufes.br

**Reitor**

Eustáquio Vinicius Ribeiro de Castro

**Vice-reitora**

Sonia Lopes Victor

**Chefe de Gabinete**

Ana Paula Santana de Vasconcellos Bittencourt

**Diretor da Edufes**

Wilberth Salgueiro

**Conselho Editorial**

Ananias Francisco Dias Junior, Eliana Zandonade,  
Eneida Maria Souza Mendonça, Fátima Maria  
Silva, Gleice Pereira, Graziela Baptista Vidaurre,  
José André Lourenço, Marcelo Eduardo Vieira  
Segatto, Margarete Sacht Góes, Othon Souto  
Campos, Rogério Borges de Oliveira, Rosana  
Suemi Tokumaru, Sandra Soares Della Fonte

**Secretaria do Conselho Editorial**

Douglas Salomão

**Administrativo**

Josias Bravim, Washington Romão dos Santos

**Seção de Edição e Revisão de Textos**

Fernanda Scopel, George Vianna,  
Jussara Rodrigues, Roberta Estefânia Soares

**Seção de Design**

Juliana Braga, Samira Bolonha Gomes,  
Willi Piske Junior

**Seção de Livraria e Comercialização**

Adriani Raimondi, Ana Paula Rubim,  
Dominique Piazzarollo, Marcos de Alarcão,  
Maria Augusta Postinghel

**Produção cultural**

Déborah Pinto Corrêa



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

#### **Preparação de texto**

Roberta Estefânia Soares

#### **Capa**

Willi Piske Junior

#### **Projeto gráfico e diagramação**

Samira Bolonha Gomes

#### **Revisão de texto**

Fernanda Scopel

#### **Referência**

BRAGA, Rubem. Ai de ti, Copacabana.

*In: Rubem Braga: melhores crônicas.*

São Paulo: Global, 2013. p. 170-172.

(Trecho citado na página 229 deste romance).

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

D359a Delmaschio, Andréia.  
Ai de ti, Camburi [recurso eletrônico] / Andréia Delmaschio. -  
Dados eletrônicos. - Vitória, ES : EDUFES, 2024.  
240 p. ; 21 cm. - (5º Prêmio Ufes de Literatura ; 5)

ISBN: 978-85-7772-596-0

Acesso em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/774>

1. Romance. I. Título. II. Série.

CDU:821.134.3(81)-93

Elaborado por Ana Paula de Souza Rubim – CRB-6 ES-000998/O

Esta obra foi composta com as famílias tipográficas  
Constantia, Crimson Text e Josefin Sans.

# Literatura e resistência

Em todo concurso de literatura, a vencedora sempre é a própria literatura. Hoje, e desde há algum tempo, com o mundo cada vez mais veloz, difícil se faz concorrer com a sedução das obras e tecnologias audiovisuais. A lida com a palavra – base, não excludente nem exclusiva, da arte literária – pede uma dedicação de tempo e atenção ao objeto, tempo que poucos querem ofertar ao livro. Também por isso se diz que escrever literatura (e ler literatura!) se assemelha a um gesto de resistência.

A Edufes deseja colaborar com tal gesto realizando, oportunamente, este Prêmio de Literatura, agora na quinta edição. Tendo no horizonte que autores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, para citar dois clássicos apenas, ainda desconhecidos concorreram a prêmios literários (e ganharam), a Edufes se sente imensamente feliz em estender suas ações no sentido de dar visibilidade a autores estreados ou veteranos que (feito Drummond e Rosa) se dispuseram a participar do V Prêmio Ufes de Literatura.

É necessário destacar alguns aspectos fundamentais do Prêmio, sobretudo o fato de ter havido uma procura realmente bastante expressiva em todas as modalidades, com dezenas de originais inscritos nas seis categorias: Contos e crônicas, Dramaturgia, Literatura infantil, Literatura juvenil, Poesia e Romance. Escolher um vencedor em cada categoria não foi, decerto, tarefa tranquila para as comissões julgadoras. A propósito, a composição das comissões, contando com professores de reconhecida excelência e com vasta experiência no campo da leitura e da literatura, do ensino e da crítica, amplifica extraordinariamente a valorização do prêmio de cada um dos contemplados.

Concurso sem fronteiras (ou seja, não restrito a capixabas), houve inscrições de quase todos os estados do Brasil, além de muitas inscrições vindas de vários países do mundo. Outro dado relevante nos diz que enviaram originais escritores muito jovens e outros muito experientes, sinal de que a literatura se parece com aquela quadra de João Cabral em “Menino de engenho”, de *A escola das facas*: “Menino, o gume de uma cana / cortou-me ao quase de cegar-me, / e uma cicatriz, que não guardo, / soube dentro de mim guardar-se.” – os escritores sabem que a literatura é esta cicatriz, mais ou menos à vista, que atravessa a vida de quem com ela se avém.

Muito ainda se poderia dizer a respeito do Prêmio, ou de cada uma das obras, e de seus enredos e de suas técnicas etc., mas esse movimento agora pertence ao mundo dos leitores e, por extensão, dos críticos. Se, entre tantos, foram estes os livros escolhidos,

isso significa que há gume e engenho de sobra em cada obra. Para usar uma linguagem um pouco mais despojada, nosso desejo é que, página a página, vocês curtam cada livro como se curte uma música, uma comida, uma paixão.

Para que um Prêmio deste porte se realize, é necessário todo um apoio institucional, que passa pelo Conselho Editorial e por várias instâncias da Universidade, em especial a Reitoria – da qual a Editora é órgão suplementar. Mas, sem a cumplicidade, o envolvimento, a competência, o rigor e a alegria da equipe da Editora Universitária, decerto este Prêmio não teria o êxito que teve e que, agora, com os livros publicados, se estenderá a outros campos e espaços.

Em tempos de agora ou outrora, ler é resistir, resistir é insistir: boa literatura a todos!

*Eustáquio Vinicius Ribeiro de Castro (Reitor – 2024-2028)*

*Sonia Lopes Victor (Vice-reitora – 2024-2028)*

*Paulo Sergio de Paula Vargas (Reitor – 2020-2024)*

*Roney Pignaton da Silva (Vice-reitor – 2020-2024)*

*Wilberth Salgueiro (Diretor da Edufes)*



# Comissões

## **Comissão organizadora (Edufes)**

Fernanda Scopel Falcão

Roberta Estefânia Soares

Washington Romão dos Santos

Willi Piske Junior

## **Comissão julgadora da modalidade Contos e/ou crônicas**

Junia Claudia Zaidan (Ufes)

Marcelo Ferraz de Paula (UFG)

Paulo Roberto de Souza Dutra (UNM/USA)

## **Comissão julgadora da modalidade Dramaturgia**

Geraldo Ramos Pontes Junior (Uerj)

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

Maria Fernanda Garbero (UFRRJ)

### **Comissão julgadora da modalidade Literatura infantil**

Gabriela Rodella (UFSB)

Maria Fernanda Oliveira (UFRJ)

Paulo Roberto Sodré (Ufes)

### **Comissão julgadora da modalidade Literatura juvenil**

Benedito Antunes (Unesp)

Fabiane Verardi (UPF)

Vitor Cei Santos (Ufes)

### **Comissão julgadora da modalidade Poesia**

Raimundo Carvalho (Ufes)

Susana Souto Silva (Ufal)

Tatiana Pequeno (UFF)

### **Comissão julgadora da modalidade Romance**

Augusto Sarmiento-Pantoja (UFPA)

Fabíola Padilha (Ufes)

Leonardo Davino (Uerj)

# Premiados

## **Volume I · Contos e/ou crônicas**

*Autocombustão humana*, de Júlio Cesar Machado de Paula (RJ)

## **Volume II · Literatura infantil**

*O bem-te-vi que mal me viu*, de José Carlos Aragão (MG)

## **Volume III · Literatura juvenil**

*De volta a 1984*, de Gustavo Bernardo Galvão Krause (RJ)

## **Volume IV · Poesia**

*Daqui, declamo*, de Ezequiel Pereira de Sales (CE)

## **Volume V · Romance**

*Ai de ti, Camburi*, de Andréia Delmaschio (ES)



Você imagina – disse – que dois podem fazer amor contra um terceiro. E presume que essa triangulação constitua a forma clássica do adultério. A mulher, o marido, o amante. A mulher se deita com o amante e o marido ausente sofre as consequências. Mas isso não é adultério, é feitiçaria. Uma cerimônia vudu na qual o amante espeta a boneca para matar, simbólica e efetivamente, o macho adverso. Mas eu não faço amor contra ninguém.

José Carlos Oliveira, “Eis a liberdade, Nacha”,  
*Bravos companheiros e fantasmas* (FCAA, Ufes, 1986)

O maior pecado, depois do pecado, é a publicação do pecado.

Machado de Assis, “XXXII”, *Quincas Borba*  
(Livraria Garnier, 1891)

Como se já não fosse a coisa mais humana esquecer.

José Miguel Wisnik, “Mais simples”  
(álbum independente, 1992)

Não está mais aqui quem amou.

Reinaldo Santos Neves, *Sueli*  
(FCAA, Ufes, 1989)



# Apresentação

*Ai de ti, Camburi* reabilita o clássico triângulo amoroso, apresentando-o, porém, de um ponto de vista incomum, e, como se verá, embalado em reflexão e senso de humor. Ao descerrar as cortinas de um caso de amor interdito, mesmo assim fruído até os ossos, Dalva, a narradora, constrói e desconstrói o romance, cena por cena, diante do leitor, seduzindo-o com elegância, tomando-o como confidente e cúmplice, do início ao fim.

Tendo demonstrado até aqui, em sua carreira de escritora, grande domínio das ferramentas e conhecimento dos materiais de trabalho, incluída aí a capacidade de articular o pensamento crítico a um humor cítrico, a professora e pesquisadora Andréia Delmaschio, que já experimentou com êxito gêneros tão variados como o ensaio, o conto, a crônica, a poesia e a literatura infantojuvenil, desliza agora, discretamente, para estruturas mais complexas, como o romance. A temática das relações amorosas, no entanto, já frequenta sua escrita há algum tempo, como mostram contos e crônicas publicados aqui e ali ao longo da última década, e, de modo especial, grande parte dos poemas de seu mais recente livro, alguns dos quais dialogam intimamente com passagens da narrativa que ela agora nos entrega. Um bom exemplo é a presença, lá nos poemas e aqui no romance, do atroz “cutuleb”, ritual inca de sacrifício que simboliza, na escrita de Andréia, tanto o encontro entre culturas quanto a desilusão amorosa – ou a queda decorrente dela<sup>1</sup>.

---

1 Conferir “cutuleb em guanánira” na página 35 do livro *Flores inventadas*, publicado pela Editora Cândia em 2022.

Valendo-se da troca de mensagens eletrônicas em que a destinatária, Vera, é apenas um recurso narrativo para inserir o leitor direto no âmago dos acontecimentos, neste seu romance de estreia, Andréia dá vida a uma protagonista que, por esse meio, relembra e registra o caso vivido com Andrea, um engenheiro peruano casado, cuja empresa fora contratada pela professora para a reforma do apartamento (¿com esse nome, será ele um *alter ego* da autora? ¿um masculino que performa dentro dela?): “Cochilei no sofá. Despertei com o toque do telefone fixo, herança dos antigos moradores, reproduzindo, em notas cheias de chiados de chicote, um Vivaldi originariamente suave e vivaz. Era Andrea, avisando da necessidade de novas medições. Zonza de sono, assenti: que sim, que viesse, claro!”. A opção pelo e-mail, recurso dos mais utilizados no tempo dos acontecimentos narrativos – “corria o escaldante janeiro de 2010” –, é, descaradamente, uma simulação sem disfarces. Não à toa, sobre a mesa de centro em que se dá o primeiro contato físico entre os amantes ficam abandonadas as *Confissões de uma máscara*, do escritor japonês Yukio Mishima.

No nome escolhido para a amiga que recebe os e-mails (Vera) insinua-se o dilema com a veracidade, a qual aparecerá, no percurso, em contraponto com a vero e a inverossimilhança: ora a narradora nega a capacidade de rememorar os fatos ao pé da letra, ora promete entregar à amiga (e ao leitor) apenas a vera verdade. Como instância instigadora da escrita, Vera vai sendo paulatinamente substituída pelo leitor, e, à medida que a troca de mensagens se assume como ficção, ela e o leitor entranham-se mais e mais na escritura: “Mas essa é outra história. Por agora direi apenas que, no fundo, sem que soubéssemos, era a vida secreta de Mira, e não a de Andrea, ao contrário do que estas mensagens fazem parecer, o núcleo duro, que dava sustentação aos acontecimentos. E quase peço a você, Vera, para dar um destino a essa trama, a qual, em matéria de verossimilhança, começa a dar mais trabalho do que imaginei no início”.

Mote, método e meio, a mesma comunicação eletrônica que é louvada por Dalva, com ironia, como promotora do reencontro entre

as duas amigas, traçará o destino dos amantes. À psique da protagonista e de seu parceiro de amor e sexo não faltam os impasses e crises de má consciência que – imagina-se – cercam toda relação extraconjugal. Todavia, até o fim do caso e do romance, o que sobressai, além do humor que permeia a série de intrigas em que se metem os apaixonados, e da poesia de que são cercados os momentos (por vezes dolorosos) de entrega e separação, é o conjunto de reflexões éticas sobre a vivência do tabu e da traição, tanto quanto a provocação acerca das normas que regem e mantêm alguns tipos de relação. Tudo arrumado como peças sobre o tabuleiro do jogo metaficcional.

Com a escolha do título, Delmaschio se alinha e presta homenagem ao nosso cronista-mor e seu conterrâneo Rubem Braga, autor de *Ai de ti, Copacabana*. Setenta anos depois, sendo ela também uma cronista fecunda, resgata acertadamente, daquela crônica, o tom de paródia à parábola bíblica, esticando uma das pontas do intertexto até a crítica social, como faz Rubem Braga com o bairro carioca, o qual tem os seus pecados castigados por uma inundação. Só que, na ficção de Andréia, dentro de um pesadelo de Dalva no qual se misturam medo e desejo, é a bonita orla da capital espírito-santense que é tomada pelo mar. Neste novo “ai de ti” são mesclados os nomes reais dos lugares, que podem ser vistos no mapa da cidade e entornos, a nomes fictícios, a exemplo da avenida Michelini, que de fato beira o mar de Camburi e é alvo de indignação, por homenagear o empresário que era avô e homônimo de Dante Michelini, investigado na década de 1970 pelo assassinato brutal da menina Araceli. Na ficção delmaschiana, é a “avenida Mussolini” que margeia a orla e conduz até bem próximo do restaurante “Delícias do carangeijo’, (...) uma espécie de puteiro sem sexo, sem graça, com muita comida – e num ambiente estritamente familiar”. De outro lado, o “ai de ti” ecoa a voz da narradora, em autocrítica (ou mea-culpa): o paradigma religioso comparece pontualmente, no nome do local de encontro predileto de Dalva e Andrea: “Em Jerusalém, éramos um casal como qualquer outro, subindo e descendo pelas ruelas íngremes e estreitas cercadas

de mar por todos os lados, geografia que redundava numa alegoria da nossa própria condição de amantes, ilhados, por vontade, do mundo autorizado, e supondo-nos transcendentemente protegidos das intempéries lá de fora”. Um plano de fundo francamente fascista se imiscui, portanto, na nomeação da avenida que embala os sonhos e pesadelos de Dalva e em outros topônimos a conferir, enquanto uma acomodação hipócrita aos ditames sociais avulta nas relações afetivas do triângulo amoroso, espreado-se pelos demais tipos de relação, como revela a cena pungente e exuberante em que dançam os garçons, no restaurante de frutos do mar.

Algumas partes dessa narrativa de fôlego podem muito bem se destacar como crônicas e serem lidas com independência. É o caso do capítulo introdutório e do conclusivo, panoramas sociopolíticos do início e do fim do romance de Dalva e Andrea, a triste história de Sérgio Droste, o episódio dos cabelos perdidos, o intrigante encontro, na praia, com o belo Alcibíades, a maldição dos Natais, o guia do caranguejo, a revoltante dança dos garçons, o sonho da noite de autógrafos, a procura da carta de Mira, a lúdica versificação dos nomes dos personagens e o acidente de carro na avenida Mussolini.

No final do romance, e tendo sempre o mar ao fundo, após terem sido longamente mergulhados num caldo em que se sucedem amor e medo, entrega e culpa, paixão e ciúmes, afinidades e enganos, humilhação e abandono, cumplicidade e revolta, saudades e mágoas, solidão e ressentimento, Andrea e Dalva se reencontram para testemunhar a deterioração ocorrida durante os anos de afastamento, tanto dentro de si quanto fora: “Depois do lançamento, vínhamos nos reaproximando aos poucos e vagorosamente, quase sem contato físico. Ali pelo terceiro encontro, Andrea me ligou na hora do almoço, perguntando se eu estaria livre no fim da tarde. Mira tinha viajado. (...). Combinamos uma ida à Vila Lupara, acreditando que ali poderíamos recuperar, a dois, a memória de um tempo feliz. Há alguns anos não retornávamos àquele recanto no alto do penedo, de base imersa no mar, e que encontra o continente apenas por um istmo. No caminho

de subida, já então repleto de igrejas neopentecostais, cada um no seu carro, fomos surpreendidos por grandes suásticas, pichadas nos muros sujos do antigo reduto hippie. Uma parte da restinga havia sido queimada para dar lugar a nada; a outra parte continuava na mesmíssima dança com o mar. (...). Na lanchonete inócua (...) Andrea iniciou a conversa por tópicos há muito ultrapassados, e, para mim, já sem interesse, como o da redundante, inacreditável, arcaica ladainha do casamento infeliz”.

Em entrevista ainda inédita sobre o livro, a escritora, cinco vezes premiada com o primeiro lugar nos editais de obras literárias da Secretaria de Cultura do Espírito Santo, e agora ganhadora do V Prêmio Ufes de Literatura, é questionada acerca do amor livre, do poliamor e da bigamia proposta por Dalva, que afirma que “há algo de extremamente excitante em dividir um homem com outra mulher”. Andréia afirma que com o romance pretendeu perscrutar se ainda pode haver algum tipo de frêmito diante da narrativa de um caso extramatrimonial, em pleno século XXI. Se não, por que não? Pergunto se as vozes de Andrea, Mira e Dalva são um experimento com certos discursos politicamente corretos acerca das relações conjugais monogâmicas que muitas vezes cerceiam a liberdade de amar, o que talvez se revele quando esses discursos (e comportamentos) são postos em contraste com formas e reivindicações de um passado não muito distante, em que, na impossibilidade de praticar o alardeado amor livre, escorregava-se, escandalosa ou clandestinamente, para a sua realização.

Andréia me responde com poesia: “Mudam-se os tempos,/ mudam-se as vontades,/ (...) / E, afora este mudar-se cada dia,/ Outra mudança faz de mor espanto:/ Que não se muda já como soía”. Exatamente como nos legou Luís Vaz de Camões.

*José Sérgio Remi Júnior*  
São Paulo, 2023



Vera querida, estou tão feliz com reatarmos o contato!

Um dos fascínios das novas tecnologias é proporcionar o reencontro de pessoas afastadas no tempo e no espaço, uma recompensa à solidão destes dias, mesmo que o diálogo não avance além da tela. O prazer de um encontro assim só se compara à dádiva de podermos apagar do nosso convívio pessoas indesejáveis, outra graça que, a despeito da incurável persistência da memória, a técnica simula nos conceder. Depois de tanto tempo sem nos falarmos, ver a sua mensagem na caixa de e-mails me trouxe alegria. Lendo-a, a minha vontade foi responder de imediato, dizendo da saudade que sinto, e que vai tudo muito bem comigo, que, contudo, não tenho novidades. Se tivesse escrito sob esse ímpeto, teria respondido como quase sempre se responde às mensagens dos amigos que se reaproximam, e em breve a nossa correspondência arrefeceria, minada pela superficialidade dos encontros virtuais. Felizmente não o fiz, e, passados alguns dias, releio a sua mensagem. Enquanto leio, revivo quadro por quadro, como se projetadas numa tela, cenas do nosso longo convívio, relembro as afinidades e divergências que nutríamos. Por fim, me admiro de como sempre soubemos superar quase tudo, em nome de uma amizade que se manteve sólida, apesar da distância e das diferenças. Na verdade, Vera, confesso que na primeira leitura, um tanto apressada, não acreditei no seu real interesse por notícias minhas. Somente agora, superada a novidade, percebi notas de sinceridade espalhadas por tudo, marcadas nos advérbios, entranhadas em cada conjunção. Foi por isso que resolvi responder indo um pouco além da protocolar e curta mensagem. É como acho que deve ser entre amigas. Quase sempre, com respostas breves nos livramos de certas perguntas (e dos perguntadores) como se de uma obrigação. Assim fingimos – e por vezes chegamos a acreditar – que, tendo apenas respondido, não passaremos por indelicados. Pensando nisso, me proponho a contar o que, do meu ponto de vista (o único à disposição no momento), me aconteceu de mais relevante, nos últimos anos. Prometo permanecer nos fatos principais. Ou melhor, no fato principal: um romance,

meu mais recente romance, o caso que, por três anos e meio, me absorveu na totalidade, me afastando, com minha total anuência, de amigos como você, que em outros tempos foram tão próximos.

Ainda não sei que tom dar a cada uma das passagens, o que ao certo só vou descobrir no momento da escrita. Para ser honesta, nem sei se consigo relatar os eventos mais relevantes, com a cicatriz ainda latejando entre o coração e as outras vísceras. E, apenas para situá-la melhor: a sua mensagem me alcança três anos depois do turbilhão que foi o fim do romance. Pareço estar distante o suficiente para não derramar uma lágrima de saudade, mas ainda capaz de relembrar as razões daquela paixão, a qual, do meu ponto de vista, não foge ao trivial. Você mesma vai poder avaliar.

Enfim, peço que tenha paciência com as minhas mensagens e esteja livre para deixar de ler quando achar que deve. Eu, do meu lado, continuarei escrevendo e enviando uma parte dessa história a cada dia. A não ser que, por tédio ou cansaço, você me peça que interrompa o fluxo e pare de contar. Combinado?

**V**itória do Espírito Santo. Corria o escaldante janeiro de 2010. Nada prenunciava um dia incomum. Nessa época o planeta possuía água potável em abundância, e, no Brasil, vivíamos sob um regime democrático. Engatinhávamos para uma rápida passagem pelo período do pleno emprego, a euforia do consumo parecia ter alcançado o clímax. As verbas para saúde e educação estavam longe de ser congeladas. Não havia sido deposta a presidente eleita por voto direto. A aids já tinha controle, e, também, alguns tipos de câncer. Ainda não se ouviam por aqui notícias do ebola e do zika vírus. A pandemia do corona e suas consequências, milhões de mortes e a obrigatoriedade do isolamento, passavam ao largo do nosso imaginário. No estado, a dengue não deixava mais que uma dúzia de vítimas anuais. A crise da segurança, que seria deflagrada algum tempo depois, era apenas gestada nos subterrâneos das casernas. A lei da mordaca estava longe de ser instituída nas escolas e universidades. Embora sinais de fascismo despontassem em diversos tipos de relação, individuais e institucionais, o brasileiro ainda não tinha elegido, com a ajuda de grandes corporações evangélicas e fábricas de fake news, o presidente defensor da tortura e da vigência das milícias. O Rio Doce, no norte, ainda resistia, nos seus estertores de vida maltratada. Na Grande Vitória, os nossos pulmões se aprimoravam no processamento do pó de minério de ferro lançado aos ares pela Vale, empresa que em breve seria responsável pelo maior acidente com barragem já ocorrido. Mesmo com a destruição de cidades inteiras, a maioria de nós não supunha que aquele viria a ser apenas o primeiro de uma série. Assassinatos de lideranças políticas, indígenas e quilombolas, incêndios criminosos na Amazônia e no Pantanal, petróleo derramado nas praias do Nordeste, agrotóxicos liberados em grande escala, por ganância dos chefes do agronegócio... Apenas depois do período que vou narrar aqui, essas tragédias começaram a se somar, e, com o tempo, se multiplicaram, algumas descambando para o genocídio. Curiosamente, a intensificação dos eventos até o caos se deu justo a partir do momento em que nos afastamos, Andrea e eu.

Na capital, as duas grandes construtoras concorrentes ainda não haviam transformado em prédios de quarenta andares a totalidade das casas remanescentes do bairro de Beto Saraiva, para onde eu havia acabado de me mudar. Aos saltos, a sanha empreendedora ia engolindo, um a um, platôs de pedra, mercados de peixe, quintais com flores, sobrados aprazíveis, prédios baixos e antigas livrarias que um dia foram pontos de encontro dos amantes das Letras, de repente lançados à deriva.

E, embora a etapa mais difícil ainda não tivesse se instalado, já ia longe o tempo em que, do oitavo andar, se podia ver de um lado a Pedra do Ciclope e de outro a Praia do Açú. Apesar de tudo, ainda dormíamos com as janelas abertas, sonhando emoldurar com elas as lindas marinhas cobertas pelos novos gigantes de concreto. Entre a pedra e a praia, vivíamos num mundo relativamente bom, em janeiro de 2010, em Vitória, Espírito Santo. Amém.

**N**uma segunda-feira, pela manhã, telefonei para o número gravado no cartão de visitas que Valquíria, a esteticista, me deu antes que me mudasse para Recife.

Entre cravos e espinhas, havia me recomendado, enfática, os serviços de reforma anunciados no pequeno retângulo branco. Guardei-o na carteira, como se diz, por educação, já que, naquela época, nada tinha que pudesse reformar. Fazia alguns anos que eu dividia com meu ex um apartamento alugado na Politeia, bairro de remediados que alguns moradores, amorosamente – amor latente ao status burguês –, chamam pela insígnia classe média de Flacherde, nome do bairro vizinho. Aquele, Vera, talvez você se lembre, é um conjunto de conjuntos de prédios com diminutos apartamentos populares; este, um conglomerado de grandes casas, em enormes quintais com jardim e piscina.

No decorrer dos dois anos que durou a nossa temporada no Nordeste, coincidente com o que ainda não sabíamos ser o estágio final do casamento, o anúncio da empresa de reformas permaneceu jogado num antigo porta-cartões, em meio a propagandas de chaveiros, pousadas na montanha e teletáxis. E quanta coisa mudou em tão pouco tempo! Quando retornamos ao Espírito Santo, quem, além de mim, ainda possuía um porta-cartões, ou usava o termo teletáxi?

Tendo retornado à minha cidade, atordoavam-me a procura de um lugar fixo para morar e o nascimento das gêmeas. Eu também havia reassumido o trabalho na escola e já estava prestes a me separar. E foi durante um novo peeling (sentia-se na pele como a poluição crescera em Vitória) que a mesma esteticista reiterou a recomendação feita dois anos antes, da excelente empresa de reformas que, tudo indicava, havia se estabelecido no mercado.

Entre os problemas dessa fase, o da moradia foi o mais fácil de resolver – e a minha fada benfazeja da beleza bem intuía que em breve eu teria o que reformar. Entregou-me então uma nova variante, mais colorida, do cartão. Eu, que antes sequer tinha lido o que estava escrito nele, desta vez me senti atraída pelo nome impresso bem no

centro do retângulo, numa letra redonda e prateada: Andrea. Engenheira civil, construção e reformas.

— Andrea — perguntei —, é homem ou mulher?

— É homem.

— Mas não é desses decoradores pedantes da Praia do Cannot, não, é? É que eu detesto ostentação, quero morar numa casa que tenha a minha cara.

— Que nada! Ele é engenheiro e nem gosta de dar palpites na parte de decoração; faz só a reforma mesmo, e pronto.

— Ah, que ótimo! — eu disse. E, não sei por que cargas d'água, me veio o ímpeto ridículo de perguntar: — Ele é gay?

— Não é não, menina. É casado. E tem uma filhinha linda!

— Hum...

Enfim, numa segunda com cara de mudanças, novamente solteira e tendo quitado a dívida feita para a compra do apartamento, estando livre, portanto, para novos investimentos, telefonei para a empresa de reformas. Atendeu uma mulher risonha, um pouco inibida no início, alternando entre um português bastante razoável e um portunhol quase ininteligível. Pensei em pedir que falasse espanhol, para, quem sabe, nos entendermos melhor, mas me contive, como quase sempre, para não parecer antipática. Seria tão mais fácil, em circunstâncias assim, mostrarmos logo quem somos e a que viemos!

Complacente com o seu esforço de expor os serviços que a empresa oferecia, elogiei o sotaque peruano. Pela sua insegurança frente a perguntas de ordem prática, julguei tratar-se de alguém que estivesse passando por perto ao acaso, quando tocou o telefone. Identificou-se como Mira, contadora da empresa. O contato foi rápido, porém agradável. Combinamos uma visita do engenheiro de nome andrógino para a semana seguinte, terça-feira, às três da tarde. A despeito de alguma oscilação no tom da voz, vindo dela o sotaque me pareceu bonito. Depois, vindo do marido, soaria sensual como um canto de tritão.

E foi assim que teve início a fábula. Eu, que nunca me esqueço de um compromisso, apaguei aquele da memória; talvez porque uma visita, ainda que técnica, fosse algo incomum na minha agenda. O meu itinerário cotidiano era um zigue-zague de carro entre a casa e a creche, a creche e o trabalho, o trabalho e a creche, a creche e, de novo, a casa. Minha vida social, para além das aulas de Comunicação e Metodologia, resumia-se a alguns xingamentos trocados no trânsito entre Beto Saraiva e o balneário de Neanto, onde lecionava, a vinte quilômetros de casa.

Pontual, Andrea, ao chegar, encontrou-me saindo do banho. Apresentou-se, estendendo uma mão morena, curta e quente:

— *Andrea, prazer.*

— Prazer, Dalva.

Pouco antes da sua chegada, eu tinha reclamado com dona Olga de solidão – e se usei esse termo, foi antes para simplificar o estado, mais complexo que isso e sem dúvida ligado à falta de sexo. Enquanto eu espalhava no varal a minha toalha, ela, feito uma sibila que fala pelo avesso, debruçou-se sobre o cabo do aspirador e lançou mais um dos seus adoráveis vereditos, sempre repletos de negativas:

— Você precisa sair, Dalva. Você não acha que nenhum homem não vai cair do nada aqui dentro da sua casa não, acha?

Como nas telenovelas mexicanas, no mesmo instante tocou o interfone.

Nos primeiros anos como mãe de gêmeas adquiri, digamos assim, um modo brusco de lidar com os objetos, passando a fechar com os pés as portas do carro e dos armários. Não era uma brutalidade intencional, era o único modo de alcançar algum dinamismo, já que as mãos andavam sempre ocupadas. Enquanto com uma delas eu preparava a mamadeira, com a outra segurava a cabeça de uma das bebês, a gêmea sortuda que conseguira o colo, após a batalha do choro travada com a irmã de fôlego menor, a qual teria de aguardar a sua vez deitada no berço.

Organização, objetividade, dispensa do supérfluo, valorização do duradouro sempre foram qualidades que admirei; nessa fase, enfim, pus em prática algumas delas, por indispensáveis à sobrevivência, além das secretas habilidades animais adormecidas, que somente quando temos crianças de colo é que desenvolvemos, como apanhar mosquitos no ar, em pleno voo. Em circunstâncias assim se redescobrem as funções mais importantes de partes do corpo pouco requisitadas no dia a dia. Cotovelos, ombros, joelhos e boca, por exemplo, surgem soberanos no esquema das novas utilidades.

Quanto a carregar objetos, creio ter chegado à suma praticidade: não é necessário (na verdade não é possível) que uma bolsa qualquer seja levada nos braços escada abaixo. Havendo, em duas cadeirinhas, bebês ainda moles a transportar até o carro, em que braço irá a famigerada “bolsa do bebê”, com fraldas e leite? Irá escada abaixo, se houver escada, ou será empurrada por um dos pés. A não ser, é claro, que exista um ajudante, item que raramente dura todo o primeiro ano com crianças, período em que o trabalho é, ao mesmo tempo, de formiga e braçal.

Num contexto desses, me estranhava que os amigos, além de dona Olga, me propusessem sair, ir passear, namorar, como se fosse fácil, como se eu mesma não quisesse, e como se não acontecesse, de fato, por eu não querer. Ora, não era por falta de vontade que não tinha vida social, mas de oportunidade. Além dos compromissos de trabalho, eu geria sozinha o apartamento recém-adquirido (de fato

necessitado de uma boa reforma) e tinha assumido na íntegra as despesas com as meninas.

Enfim, cuidava de duas filhas pequenas, e tinha me separado há apenas um ano – uma separação traumática, para mim e para ele. Aconselhar-me a sair para conhecer pessoas soava como uma piada de mau gosto, numa situação em que, sem exagero, todo o meu esforço se centrava em sobreviver e fazer com que sobrevivessem – eram as vidas de nós três, no sentido estrito, que estavam em jogo, se é que existe um sentido estrito para vida. Isso era tudo, e já me parecia muito.

**S**eguimos assim até que começaram a andar. Só então me senti mais confiante para introduzi-las na escolinha, o que coincidiu com a semana daquela terça-feira ensolarada em que, contra as previsões aporéticas da sibila diarista, caiu-me do limbo, direto entre paredes repletas de marquinhas de mão e rabiscadas com giz de cera, ninguém mais, nem menos que Andrea, o homem da reforma, como dizia dona Olga.

Na primeira vez que o vi, ele usava um dos uniformes da empresa – não lembro se o azul ou o amarelo. De todo modo, pareceu-me cinzento. E trazia os ombros caídos como nunca, nunca mais, depois, eu os encontraria. Se tivesse de escolher uma cor que representasse quem ele era naquela época, sem dúvida seria o gris. Foi a primeira impressão que tive de Andrea, além de ter sentido na carne um talho aberto pelo esmeril dos seus olhos.

Sendo bastante honesta, foi essa a única vez que vi Andrea. Qualquer descrição que eu venha a fazer dele tem de se basear nessa imagem primordial, posto que, depois dela, nunca mais pude vê-lo como era. Tudo o que vislumbrei e senti daquele dia em diante não era ele, não era nele, nem dele; era através dele. Foi apesar e através de Andrea que passei a enxergá-lo, sendo impossível dizer algo acerca dele de maneira objetiva: sua figura, seus modos, as qualidades e os defeitos, foi tudo tragado pela bolha passional que o aguardava desde sempre, em algum canto desconhecido de mim, engendrando uma substância tão íntima e complexa que impediu, talvez para sempre, uma visada mais racional.

**T**ocou, portanto, o interfone, colocando um ponto final um tanto reticente (devido ao toque longo e meio chiado do velho aparelho) à fala de dona Olga.

Durante a visita, enquanto tomava as medidas dos cômodos, Andrea perguntou sobre o meu casamento e, em seguida, falou do seu, pedindo conselhos (logo a mim, outra reprovada na matéria). Disse que um dia, na sua juventude, o que mais desejou foi ter uma companheira com quem compartilhar sentimentos e experiências. Depois de apenas alguns meses casado, porém, o quimérico paraíso matrimonial havia se desfeito. Em pouco tempo, a vida a dois marchou para o tédio sufocante e, na sequência, para a aridez irrespirável do deserto.

— *La relación ha cambiado más y más y hoy ya no tengo ganas...*

Parada diante daquela figura morena, nem feia, nem bonita, eu sorvia, na voz suave, a música da frase, mais que o conteúdo antimatrimonial, previsível, de tão constante que é na fala de homens casados. Os ombros, meio tensos, meio pensos, lembravam um pinguim perdido do bando, solitário ao ponto de fazer esse tipo de confissão a uma possível cliente que acabara de conhecer. Era o estereótipo mais tradicional e senso comum do marido que, em busca de aventuras, mas sem coragem suficiente para assumi-lo, faz aderir à esposa, diante da mulher que corteja, todos os defeitos e problemas do casamento, sendo ele o pobre injustiçado que está sempre prestes a se separar da megera que lhe estraga os dias. Não sem algum estremecimento, notei que esse hábito, esse mesmo, tão feio e repisado, trazia o seu grão de sal, pela simples razão de estar envolto naquela voz e naquela presença que de repente se materializara ali, ao meu lado, e que agora circulava pelos cômodos do meu apartamento, desviando dos meus móveis, abrindo as portas, acendendo luzes, tocando as paredes.

Enquanto ele alternava comentários sobre a sua crise matrimonial e os materiais que seriam necessários, caso combinássemos a reforma, eu pensava em como os casamentos sem sexo deixam a todos com a mesma cara rebaixada, a pele sem lustro, mas, é claro, nada acrescentei; o assunto era pesado para um primeiro encontro

de trabalho. Além disso, o discurso dele revelava um perfil desagradável, que, com o tempo, foi se confirmando e expandindo diante dos meus olhos, feito o borrão retardado de uma aquarela infantil: era uma mistura de tédio, culpa, covardia e autocomiseração. Afora os outros ingredientes espalhados no ar durante o primeiro desfile avaliador por dentro da minha casa: preconceito, julgamento, arrogância, recriação... Tudo contido à base de grandes esforços e de mistura com uma condição que eu até então não conhecia: um orgulho enorme, imenso, incomensurável quase, de apresentar-se como... engenheiro!

Como você mesma destacou na última mensagem, Vera, no Brasil, a engenharia, durante muito tempo, foi uma profissão procurada pela classe média, que podia pagar pelas magníficas aulas dos cursos preparatórios e tinha assim seus filhos aprovados nas antigas máquinas moedoras dos vestibulares. O exercício da profissão objetivava garantir a esses jovens de famílias abastadas que seguiriam ganhando mais dinheiro que outros profissionais, oriundos de classes econômicas menos favorecidas – um professor, por exemplo. Nunca antes, porém, entre os demais trabalhadores daquele campo, percebi tamanho orgulho da profissão. Pelo contrário, até. Talvez por ser da área dita “de Humanas”, sempre convivi num meio em que o engenheiro é alvo de piadas (quase sempre injustas, é claro) acerca de seu pensamento limitado em outros âmbitos que não o da técnica.

Andrea me explicou, porém, que, *en Perú, el ingeniero es una especie de Dios*. Do mesmo modo que, tempos atrás, no Brasil, usava-se, inclusive em ocasiões informais, a insígnia de doutor para qualquer médico, por mais desqualificado que fosse, no Peru os mortais se dirigem aos engenheiros chamando-os não pelo nome, mas pela titulação honorífica, recebida no Olimpo: *ingeniero*!

Foi quando estacamos no corredor que dá acesso aos quartos. Ele, com a prancheta nas mãos, lembrava, repentinamente exaltado, o remoto início do seu casamento. Segundo disse, mesmo Mira, quando o conheceu, não o chamava pelo nome:

— *¡Te amo, ingeniero! — ¡Ingeniero, dame un beso! — ¿Almuerzas en casa hoy, ingeniero?*

No instante seguinte, com ares dramáticos de menino que perdeu o pirulito, desenterrava velhas pérolas do anedotário antimatriomonal, enquanto eu, numa outra vibração, atentava ao modo que têm os falantes do espanhol, em determinados países, de alongar a língua de modo visível em direção ao lábio superior enquanto pronunciam alguns fonemas. Atenta às lembranças do início do casamento que ele trazia à tona, era inevitável que eu elaborasse mentalmente uma cena sensual, mesmo porque, fora do contexto do fetiche, uma jovem recém-casada chamando o marido pelo nome da profissão me soaria demasiado surreal.

Na cena que eu criava, Andrea, quinze anos mais jovem, entrava, num rompante, por um cômodo pequeno e meio às escuras, onde eu o aguardava, nua e excitada, para as esperadas medições. A cada passo que dávamos, fingidamente distraída e tímida de desejo, entre denegos, eu mostrava as paredes chapiscadas, depois o piso frio, apontava o teto úmido e fazia considerações sobre o estado geral da obra, chamando-o sempre *ingeniero*. Como num tango bem marcado, porém um tanto brutal, nossos troncos se afastavam, empurrados por uma força desmedida, que passava através de nós para em seguida nos reaproximar, atraídos um pelo ímã do corpo do outro, enredados numa dança frenética cuja base eram os ganchos das pernas. No instante seguinte, o corpo de Andrea já pesava verticalmente sobre o meu e me prendia contra a superfície rústica da parede. Senti seu hálito doce e quente sussurrando frases que eu não compreendia; os olhos lançavam faíscas. Justificando o epíteto, *el ingeniero* não soltava a prancheta, que, sem que eu percebesse, foi introduzindo entre mim e a parede e pressionando contra as minhas costas, num abraço forte e maquinal que me estreitava contra o seu tronco, tirando o fôlego. Meus mamilos, indóceis, saltavam da blusa, depois os seios inteiros, como dois vorazes camundongos agigantados que buscam

alimento, iam se aninhar, brancos e duros, junto à massa achocolatada do peito liso e já desnudo de Andrea. E eu repetia, e repetia, num gemido sensual incapaz de disfarçar uma ponta de sarcasmo: “¡Ingeniero! ¡Ingeniero!”

Foi quando dona Olga veio avisar que tinha terminado a faxina. Com o arrasto que deu numa cadeira, Andrea e eu despertamos ao mesmo tempo dos nossos devaneios independentes, que, apenas presumivelmente e de modo secreto, eram complementares. De saída, ela aproveitou para me segredar ao ouvido, usando pela primeira vez uma frase afirmativa, mas que também se fundava na negação:

— É pouca areia pro seu caminhãozinho!

E a medição seguiu, quartos adentro. Quando enfim chegamos ao lavabo, com suas paredes de antigos azulejos verdes, Andrea, que vinha tomando ou fingindo tomar notas na sua caderneta, encarou-me fixamente e deu-me aquilo a que, no Brasil, chamamos uma cantada:

— *¡Tienes ojos muy hermosos! Pensé que era el reflejo verde de los azulejos.*

— Obrigada — sorri um tanto sem graça, tentando disfarçar um contentamento idiota.

Você, Vera, que sempre achou o espanhol um arremedo de idioma, deve dar risadas nessa parte, ainda mais com a comparação entre os meus olhos e o fundo de um toalete. Que seja! Ao menos você se diverte. Andrea era o meu Buzz Lightyear, o brinquedo que representa um policial intergaláctico na *Toy Story*: no filme, apenas por lhe terem mudado a configuração do inglês para o espanhol, o boneco falante se transforma, de heroico militar, frio e destemido, num galanteador inveterado, popularesco e brega. Sim, o repertório de filmes também muda, com a maternidade.

Mas, de volta ao lavabo... Embora eu costume manter uma reserva razoável em circunstâncias às quais não sei responder, confesso que o comentário sobre o azulejo dos meus olhos não desagradou, e Andrea deve ter notado. O contexto geral me predispunha a aceitar a lisonja e mesmo o início daquela intrusão, cujos efeitos

foram se espalhando por todos os poros – os da casa e os do corpo. À deriva de uma relação recém-naufragada, dedicando-me somente ao trabalho e aos cuidados com as crianças, qualquer qualidade de medidas me caía bem.

Durante a série de visitas técnicas que teve início então, ao perceber que me constrangia com seus galanteios, Andrea me explicou que os peruanos elogiam de maneira natural e quase que obrigatória, denotando má vontade um homem furtar-se a fazê-lo – isso com qualquer mulher e nas mais variadas circunstâncias. A cantada, alegava, era o mero cumprimento de uma obrigação social – estava dada a sua contribuição para que a cultura fosse usada, mais uma vez, como desculpa para o machismo. Justificava assim um comportamento que ajuda a manter intocados os hábitos, e, com eles, os status do homem e da mulher. Na minha primeira ida a Lima, notei que a afirmação de Andrea tinha lá a sua razão, embora fosse antes uma questão de classe social que de cultura nacional. Por outro lado, as barreiras que separam funções masculinas de funções femininas são mesmo rígidas. Estar em Lima, para mim, era como estar no interior de Minas.

**C**ochilei no sofá. Despertei com o toque do telefone fixo, herança dos antigos moradores, reproduzindo, em notas cheias de chiados de chicote, um Vivaldi originariamente suave e vivaz. Era Andrea, avisando da necessidade de novas medições. Zonza de sono, assenti: que sim, que viesse, claro!

Chegou em meia hora, sorumbático, visivelmente contrariado. Reclamou de uma briga com a esposa. Foi quando comecei a entender que o engenheiro não separava as atmosferas do lar das de fora dele. E que eu já prestava mais atenção a esse e a outros traços seus do que deveria.

Andou pela cozinha e pelos banheiros empunhando um aparelho que projetava nas superfícies mais distantes um ponto de luz. Entre um cômodo e outro, com ares de estilista perspicaz, ressaltou o meu jeito hippie – não sei se falava do vestido que enfiei às pressas ou da decoração –, destacou a estrutura admirável do prédio e as dimensões do apartamento. Logo, como um pedagogo sutil que tivesse douorado suficientemente a pílula e já se preparasse para lançar mão da antiga caneta vermelha, marcou com um xis, sádico, a questão de resposta errada, recriminando o fato de eu deixar as meninas rabiscarem as paredes. Referia-se a uma faixa de um palmo e meio de largura, na altura dos bracinhos das gêmeas, colorida com lápis de cor e giz de cera. Cobria quase toda a extensão do apartamento e realmente me deixava um pouco envergonhada diante da dona Olga, mas também me fornecia incontáveis horas de sossego, garantindo às pequenas um entretenimento saudável e uma alegria rara entre crianças de apartamento. Dispúnhamos de um enorme caderno de concreto onde eu mesma registrava, um metro acima dos rabiscos delas, os meus versos preferidos, listas de compra e números de telefone.

— *Los sicólogos afirman que es importante, en esa fase, imponer límites.*

A frase soava seca, e o tom tentava disfarçar a afetação (no fundo envergonhada) de quem leu tudo num manual para pais de primeira viagem, conforme veio a confessar depois. Falava comigo como quem

se dirige a um jovem aprendiz, de forma pausada, intercalando as reprimendas com anotações que fazia numa caderneta.

— Modismo — respondi. — Um monte de fórmulas que tentam nos empurrar. A gente já dá às crianças limites demais, sem nem mesmo saber por que, você não acha? Eu é que não vou educar ninguém pra se amarrar dentro de padrões.

— *Pero las paredes no son lugar para garabatos* — disse, retornando sorrateiramente ao mesmo de antes, apesar de assumir aquela entonação típica de quem dá a última palavra.

À medida que íamos nos conhecendo, percebi que o falar imponente e parabólico de Andrea não nascia de um raciocínio simplório, nem de uma autoconfiança excessiva, como poderia parecer. Vinha antes de uma dificuldade extrema com nuances mais sutis do português, apesar de já viver há uma década no Brasil.

— *La proximidad entre los dos idiomas, en vez de ayudarme, me molesta. Además, no me gustaría desaprender la lengua originaria. Sería como abandonar a mi propia madre.*

O apego ao idioma, tão comum nos imigrantes de países de moral conservadora, de fato parece ligado, por um lado, ao amor à terra e às origens (controverso como tantos outros amores), e, por outro, a uma simples resistência a tudo o que é novo. E como o moralismo gera contradições, Andrea, que tinha vivido um par de anos nos Estados Unidos, esse mesmo Andrea que rejeitava o português como língua substituta, gabava-se de falar um inglês perfeito. Chegava a incomodar-se com o que dizia ser um acento britânico na minha pronúncia de algumas palavras e infligia-me ríspidas correções. Posteriormente supus, sem muita certeza, que a sua inabilidade com o português viesse de uma circulação relativamente estrita no meio social, tese que não explicava a maior deservoltura de Mira. De todo modo, um bom exemplo das agruras da migração – que ajudam a entender o rechaço, pelo migrante, de novos idiomas e culturas – eram as histórias do tempo em que o próprio Andrea viveu na Flórida. Relatadas por ele, eram narrativas sempre recheadas de sol,

bons vinhos e mulheres bonitas, enlouquecidas com o seu suingue latino. Mira foi quem, num dos nossos últimos encontros, me revelou o lado menos glamoroso da temporada estadunidense do casal: que trabalhara como babá, e que, para sobreviver, ela e Andrea vendiam doces e salgados que preparavam em casa.

Numa dessas ocasiões, cada vez mais raras, como se verá adiante, Mira me disse que fora criada para o casamento, e não havia rastro de crítica ou de revolta nessa constatação. Pela primeira vez, conheci alguém da sua geração que via o perpasso de costumes e dogmas como algo dado e acabado. Diante da minha contrariedade, pareceu, sinceramente, não me compreender. Soava a ela tão somente como se eu carregasse o demérito de ter de trabalhar para me sustentar. Todas as vezes em que se referia a sua condição de mulher casada dependente do marido, era com ares estranhamente superiores, quase arrogância. E foi esse o assunto de um dos nossos últimos diálogos de surdas, mas mesmo ali já senti que ela intuía o paradoxo da sua condição; afinal, situava-se orgulhosamente dentro da tradição da mulher mantida pelo marido, a um tempo que tinha de trabalhar para ele na empresa – além, é claro, de cuidar da casa e da criança. Com o tempo, mesmo à distância e por intermédio de Andrea, acompanhei o que me pareceu um lento deslocamento de Mira, ainda que titubeante e contraditório, para fora do território do lar-empresa. Como em tantos casos, a relativa independência – ou a certeza de que ela é possível – não significaria a libertação do nó cultural que determina, de maneira intransponível, a sua secundariedade, como mulher.

Mas retornemos à visita técnica: *el ingeniero* terminou as medições, sentou-se para empilhar num papel as centenas de algarismos que compunham uma grande fórmula, de desenho quadrangular, e, nos intervalos dos cálculos, aproveitou para perquirir um pouco mais sobre a minha vida, beirando a indiscrição, algo que, quando relembro hoje, muito me estranha. Quanto mais eu convivía com ele, mais essa atitude tomada nos primórdios me surpreendia, por fugir ao comum da conduta que passou a assumir, em geral bastante

discreta. Inúmeras vezes, dali em diante, eu tive a impressão de estar lidando com uma cópia do Andrea real, e logo não saberia mais dizer se a cópia era a primeira, ou a segunda versão, das duas que me foram apresentadas.

Pode ser que os laivos de indiscrição que tiveram lugar então resultassem do fato de, naquele momento, Andrea ainda se sentir liberto pela ideia de que não voltaria a me ver: desde os primeiros riscos corridos sobre os seus papéis, alertou-me de que a reforma não me sairia barata, dadas as dimensões e o estado de conservação do apartamento. Sempre que pôde, deixou claro, com graus de sutileza variáveis, não crer que eu conseguisse dar início e, menos ainda, continuidade aos trabalhos. No fundo, o engenheiro não aceitava que uma professora sozinha, uma professorazinha, pudesse contratar a sua reforma para um apartamento muito maior e mais decadente que a média. Suspeitava que eu não assumiria os encargos do contrato, provavelmente porque eu fazia parte (fui descobrindo) dessa categoria nova no seu convívio: a mulher sem um homem por detrás. Ou pela frente.

Terminadas as medidas, no instante mesmo de sair, Andrea retornou do hall do elevador com a expressão arguta de quem ainda tem algo a dizer. Olhou-me fundo, mais longo que o esperado, e calou nas primeiras sílabas uma frase mal e mal idealizada. Depois coçou a têmpora de leve, com os dedos escuros e redondos como charutos, desviou o olhar e lá se foi elevador abaixo, sem ter dito uma palavra. Lembro-me de tê-lo achado triste; talvez um pouco mais que triste: apagado, sem luz, meia vida, homem cinzento, pinguim abandonado em meio à paisagem abrasadora. Naquele instante, por razões que eu não saberia precisar, o som da velha máquina do elevador descendo os oito andares (cutuleb, cutuleb, cutuleb...) abriu um rastro definitivo na memória desse romance.

Mal fiquei sozinha, me senti como se comprimida por um silêncio compacto. Eu, que tanto prezava a minha solidão, me achei melancólica como há tempos não acontecia, como nunca antes, talvez. Num ímpeto, tomou conta de mim um enorme desejo de reter aquele

homem, e eu não entendia ao certo por que, nem para quê. “Quem sabe ainda não tenha chegado à calçada”, pensei. Podia ser que tivesse ele também se detido lá embaixo, absorto nos ecos da nossa conversa, enquanto eu, de dentro, sonhava com o cheiro quente da sua nuca de inca, as espáduas enrijecidas geração após geração de ancestrais a escalarem os montes andinos, os músculos todos talhados no andar penoso por montanhas de altitudes irrespiráveis, traçando caminhos impossíveis de se realizar sem o auxílio de ao menos uma folha de coca... Alguma coisa vinda de territórios desconhecidos, de dentro ou fora de mim, havia me atingido uma veia. E tinha veneno.

Se bem me lembro, fui à janela da sala e olhei para baixo. Ele desembaraçava umas cordas emaranhadas em torno de um grande espelho retangular e sem moldura, amarrado no centro da carroceria da caminhonete, entulhada de materiais de construção. Talvez eu estivesse fantasiando, mas achei que, enquanto desenrolava os fios, de modo sempre mais lento, cedia, ele também, ao desejo de não se afastar. Subitamente olhou para cima, reto na minha direção. Sem ter como disfarçar, acenei com a mão, escondendo-me em seguida, feito um siri assustado. Pelo resto do dia (ou pelo resto dos dias), perseguiu-me a visão densa daquela massa de cabelos pretos faiscando ao sol.

**A**ndrea protelava nitidamente a assinatura do contrato dos serviços de reforma e não me informava sobre os custos que eu teria. Supus que receasse o não pagamento da dívida, a qual eu nem sequer havia contraído. Segundo me disse depois, temia uma aproximação maior. Quando percebi que atrasava muito o envio do orçamento, resolvi telefonar, solicitando-o diretamente. Diante de mais um alerta seu sobre os altos custos de material e mão de obra, e como se a minha palavra fosse garantia suficiente de uma futura liquidez, frisei com a máxima clareza possível:

— Fique tranquilo. Eu não volto atrás quando assumo um compromisso.

Dali a dois dias, assinamos os papéis.

Algum tempo depois, Andrea diria que minha assertiva soou metafórica a sua mente já um tanto perturbada pelos primeiros encontros. Como passou a ser comum acontecer, aliás, com quase tudo o que eu dizia. Qualquer declaração acerca de um assunto banal era motivo para desdobramento posterior, questionamentos, retornos, dúvidas, dívidas, aftas, ínguas, cãibras, mágoas, síncope, sinapse, estorvos, volteios, varizes, úlceras, desbordes, furúnculos, incerteza, fissuras, firulas, ressentimento, circunvoluções, metástase, interrogatório, tortura, necessidade de esclarecimento.

**N**um dia qualquer das férias escolares, fugindo de modo raro ao cronograma, o pai resolveu levar as crianças para um passeio. Depois de horas seguidas da frenética dança dos cuidados maternos, o corpo agradecia por cada minuto de folga. A lida com as meninas, agora que caminhavam, era particularmente pesada no recesso, já que passavam em casa as vinte e quatro horas, sem o respiro da escolinha: crianças pequenas correm, tropeçam, caem, mexem em objetos perigosos. É quase indescritível o cansaço de ter de vigiá-las, especialmente se não há com quem dividir a tarefa e as responsabilidades que ela acarreta. A participação do pai, naquela época, como o passeio aos sábados, às vezes por duas, às vezes por quatro horas, já significava um alívio, ainda que mínimo. Vislumbrando a tarde livre pela frente, eu me sentia como um apenado quando enfim lhe abrem os portões da masmorra. Vieram-me à cabeça dezenas de possibilidades, entre compromissos adiados, visitas a amigos, praia, porre, pileque ou um simples momento de descanso. Experimentava uma sensação extrema de potência e, ao mesmo tempo, uma angústia crescente por não saber o que fazer com o tempo vago.

Tinha de resolver rápido, então estava resolvido: enquanto resolvia, eu ia apanhar um livro, uma cerveja e pôr os pés para cima, ou enfiá-los na água.

E eu mal iniciara o usufruto quase inerte daquela tarde-surpresa de ócio quando soou o interfone. Confusa, temendo perder o tempo precioso, deixei na mesinha a antiga tradução de Mishima, cuja leitura tentava retomar há meses, e dei uma ajeitada rápida nos cabelos. Ia pelo meio de uma cerveja gelada, que sobre mim correspondia, em efeito, ao que fariam três garrafas, na equação de bebedores comuns. Era Andrea. Ou seria o engenheiro, o homem da reforma? Precisava tomar novas medidas, afirmou ao interfone, a voz entrecortada pelas buzinas de dois carros que haviam acabado de colidir em frente ao prédio. Subiu portando a bolsinha de aparelhos, mas não tocou em nenhum deles, o que me fez concluir que deveria ser outro o real motivo de ter vindo. Frustrou-me um pouco ter de abrir

mão da ansiada solidude, mas todo zelo se esvaiu diante da conversa fluida, e, principalmente, do perfume de Andrea. Tinha cortado bem curtos os cabelos, deixando em destaque uma linha mais clara, marcada entre a massa de pelos pretos e a pele lisa da nuca e do rosto bem barbeado, embora não houvesse muito o que barbear. Naquele dia, parecia especialmente tranquilo. Seus olhos esvoaçavam sobre os meus numa persistência leve e fugidia que, não fosse o efeito da bebida no meu humor, teria me inibido. Hesitei um pouco entre oferecer ou não um copo da minha cerveja. Mesmo tendo a intuição de poder confiar nos seus bons modos, não havia intimidade para bebidas, nem eu sabia se queria abrir espaço para algo desse tipo. Assim que levei o copo à boca, porém, Andrea fixou-me os lábios um tanto demoradamente, olhou o vidro suado entre meus dedos, e, naquele calor sufocante, que prometia trazer enfim a tempestade anunciada há uma semana, pareceu-me sedento. Acabei oferecendo água, o que soou engraçado. Rimos um pouco, Andrea me chamou de cruel. Perguntei se bebia em serviço, e ele disse que havia acabado de encerrar o expediente. Divisei um dos meus momentos de mandar às favas os escrúpulos e trouxe da cozinha uma tulipa para Andrea e uma nova garrafa, mais gelada que a anterior.

Como não havia sofás na sala desde a minha separação, nos sentamos na própria mesa de centro, um bloco quadrado de jatobá, marchetado na parte superior com cubos de vidro e madeira que se alternavam, simulando um imenso tabuleiro de xadrez. Andrea fez um comentário que ligava o sentido de certas peças às posições que escolhemos na mesa, e ficamos por ali, falando sobre o jogo, exibindo um ao outro pequenas parcelas dos nossos universos particulares, a parte apresentável num primeiro contato. Apesar de óbvias divergências com relação a determinados assuntos, havia, aparentemente, uma grande afinidade de opiniões diante do que era relevante, afinidade que com o tempo mostrou ser antes de método que de conteúdo – e era isso o que importava. Podíamos discordar com relação a muitos temas, mas o gosto da conversação e a força da presença de

um para o outro, sensações ilusórias típicas dos encontros inaugurais de uma relação, é algo que dificilmente conseguirei descrever sem resvalar no sentimentalismo nostálgico. Por isso, passo. O próprio formato e a pouca altura da mesa, em seu reinado de móvel central – e único, além do aparelho de som, a habitar a sala –, obrigavam a nos acomodarmos muito próximos um do outro. Caso nos afastássemos um pouco mais, assumindo, cada um, uma borda inteira do tabuleiro, correríamos o risco de falar para as paredes, sem podermos nos olhar de frente. Ou então teríamos de fazer perna de índio, como dizíamos na infância. Andrea contou anedotas sobre a sua lida diária com os funcionários, depois falou de música. Entoei trechos de antigas canções do folclore vitoriano, falamos de literatura, das culinárias brasileira e peruana. Por fim, questionou o título deixado sobre a mesa (*Confissões de uma máscara*) e terminamos às gargalhadas daquele e de outros paradoxos, menos literários, que foram se associando, ao acaso.

Nessa bruma de risos bobos feito os de crianças, chegamos ao primeiro beijo. Eu poderia alegar o apelo do espaço exíguo na mesa que usávamos como cadeira, ou responsabilizar pelo toque inicial o vaivém ao léu de copos e mãos em torno de uma garrafa, mas o que nos uniu, no miolo daquela tarde, chegado ao cerne o diálogo, eu bem sei, foi nada mais, nada menos que o simples, o complicado desejo. Mas não se tratava apenas de impulso para a descoberta de um território desconhecido, mera curiosidade ou gosto pela aventura, era uma sensação semelhante à do inevitável. Fugir ao toque, num momento assim, ao contrário de tornar evitável, apenas nos empurraria com maior força para o ato, que, quanto mais adiado, mais desejado, e, quanto mais desejado, mais próximo, apenas, de se realizar, tornando inúteis o tempo e as barreiras. Tínhamos chegado a um lugar do qual era impossível retornar, e ambos sabíamos disso.

Quando tocou o interfone, no retorno das crianças, fomos pegos ainda encharcados um do outro. Sem querer deixar a terra nova, ouvimos, muito longe, os primeiros toques do aparelho dependurado na cozinha, mas já não podíamos voltar à rotina meramente separados. Era como se um guarda-noturno apitasse no final de uma rua comprida, sem poder nos despertar do nosso fundo sono, povoado de sonhos agradáveis. Depois foi subindo o volume, até que voltei a mim, sem entender como a hora teria passado tão rápido; parecia que as meninas tinham acabado de sair. Conferi no relógio da parede, quatro horas! Sequei a boca num guardanapo, tentando esconder os restos visíveis do tesouro que poderia insultar o mundo de fora. Exatas quatro horas tinha durado o passeio com o pai. O homem era sempre parco, previsível, pontual.

Abri a porta, entraram correndo e gritando, uma delas encantada com uma bexiga colorida que trazia amarrada num dos braços, a outra pedindo água, água, água. Abraçando as meninas, cheguei a sentir umas saudades retardatárias, como se naquelas quatro horas eu tivesse visitado outro continente, sem elas. Desse país fora do mapa, mamãe retornou feliz, apesar de meio avoada, e talvez o meu novo olhar, vão, vago, quase vagabundo, fosse apenas efeito do fuso-horário.

Enquanto assumia de volta o meu posto, notei, pelo canto do olho, que Andrea cumprimentava Lauro sem nenhuma simpatia, nem polidez. Eu não quis inibir os homens encarando-os diretamente. A essa altura, as crianças já deviam estar com fome. Dispensei o pai com um adeusinho, manietando a mão de uma das bebês. Era o escudo onde eu escondia o acanhamento que me causava a atenção daqueles dois adultos completamente incompatíveis, unidos ali ao acaso. Em seguida, com uma menina agarrada a cada perna, por meio de mais um aceno, despachei Andrea, que desceu no encalço de Lauro.

**O** dia da assinatura do contrato de prestação dos serviços de reforma foi quando tivemos nosso primeiro contato mais íntimo. (Como as crianças já passavam o sábado inteiro com o pai, Andrea e eu fincamos a bandeira do nosso dia predileto.) Das dez às três, tínhamos bebido, lido, dançado, ouvido música e feito amor – não necessariamente nessa ordem.

Quando Andrea se foi, cumprindo o álibi previamente elaborado, tomei a minha ducha e saí também eu em direção a Calabar, embora descrente dos seus argumentos:

— *Si hubiéramos estado juntos hasta ahora, no te llamaría después desde casa, ¿de acuerdo?*

O engenhoso deslindava assim o seu plano, certo de que a contadora o acompanharia na mais simples das lógicas, e desse modo foi feito: telefonou-me ao entrar em casa, lá aportei em seguida. Sem muita certeza do endereço, estacionei, no horário combinado, diante da casinha bege de duas águas, que se esforçava por ser idêntica a todas as outras, naquele insípido conjunto residencial, mas que tinha ao lado da porta uma frondosa pimenteira, plantada num vaso de pedra. Lembro bem da planta, porque quase errei o endereço quando, uns meses depois, a pimenteira foi trocada por uma árvore da felicidade, que ultimamente cedeu lugar no mesmo vaso a uma braçada de espadas-de-são-jorge. Saltei do carro com as pernas meio trêmulas da dança e do álcool, e enfim vi a caminhonete prata na garagem, ao lado da casa. O engenheiro atendeu à campainha trajando uma de suas inúmeras camisas polo azul-marinho listradas de branco e azul-claro de usar no sábado. Cruzamos a varanda e entramos na sala-escritório. Sem demora, Andrea se instalou frente ao computador, feito um inca diante do totem, visivelmente lavado, e, quem sabe, almoçado. Uma nuvem odorífera de carne cozida saiu das entranhas da casa com Mira, que se aproximou e me fez um cumprimento rápido, quase ríspido. Estranhei um pouco que elogiasse a cor do meu vestido, mas era coisa minha, eu que levava mais vinho por dentro que por fora. Os olhos de Andrea, avermelhados,

ainda me ruminavam um pouco; a pele exibia aquele tom rosado das crianças felizes, que dispõem de um canto secreto no quintal para brincarem distante do domínio maçante dos adultos. Sem dúvida, cada um dos nossos gestos era vigiado de longe por Mira. Tinha início o baião indisfarçável dos olhares.

Em busca de um respiro e para escapar às armadilhas do triângulo amoroso (ou odioso), pedi água. Em questão de minutos, Andrea entrou na cozinha e voltou trazendo dois copos decorados com coraçõezinhos vermelhos, abaixo dos quais havia uma faixa dourada, em forma de til, na qual se inscrevia uma declaração de amor em francês. São peças que jamais me entrariam em casa, pensei, mas o gosto duvidoso daquela bobagem, devido ao contexto específico, me soou divertido, mesmo parecendo uma brincadeira arriscada para se fazer diante da esposa. Ou talvez fossem brios exagerados de minha culpa e presunção, mesmo porque era muito cedo para que algo soasse comprometedor. Depois de algum tempo de convívio, aí sim, os olhares trocados em público não mais simplesmente dizem coisas. Eles emulam de modo automático – às vezes entusiástico, para quem os observa de fora – toda uma sintaxe da privacidade, desenhando no ar, silentemente, a história da própria relação. Não é por outro motivo que amantes proibidos aos quais resta alguma lucidez se evitam em público: eles bem sabem, ou intuem, que o olhar revela aos demais o grau de intimidade (sentidos lato e estrito) existente entre duas pessoas. O problema de situações perigosas como essa é que elas imantam e hipnotizam justo aqueles que correm o perigo maior. Absortos, sem a autovigilância do espírito, os apaixonados permitem que se abram vastas clareiras para a emersão, em público, tanto de segredos quanto de recalques. E não seria diferente com Andrea e Dalva, que também já se iludiam, contando com a improvável dádiva da cegueira alheia, como se fosse um ônus devido a eles pelos deuses em troca da chama incipiente que mantinham viva, ainda que enclausurada. Apoiavam-se, desse modo, no presumido inautenticismo dos seus sentimentos para manter acesa e acessível a ideia

de que não faziam amor contra ninguém. Dia após dia, forjavam uma âncora para a culpa que já singrava as marolinhas primordiais da sua ilha. Mal sabiam que a miragem opaca que vislumbavam, da cegueira alheia, nada mais era que um reflexo turvo da sua própria cegueira de amantes noviços.

**S**im, Vera, tem razão, é preciso descrever Andrea. Apesar de uma ponta de ciúmes das intenções implícitas no seu pedido, farei o que você pede. O problema é que a imaginação do ciumento trabalha mais, quanto menos ele dispõe de materiais. Não havendo motivos para ciúmes, aí mesmo é que se fantasia. Farei, porém, do meu jeito, criteriosamente sem critérios, partindo do detalhe a fim de iluminar o todo, para que você tenha ao menos uma ideia daquele que sintetizava a minha queda falesiana por indígenas e asiáticos.

Os olhos de Andrea eram pequenos, puxados e pensos. A íris, castanha madura, havia sido flechada em todo o diâmetro por diminutos raios avermelhados, visíveis somente à luz do sol, e os quais, segundo ele, apenas eu enxergava. E eram um pouco mais próximos um do outro, os olhos, do que é comum. Em certas fisionomias, esse aspecto faz com que a pessoa fique feia ou pareça idiota; sendo nele, me causava um sentimento entre o cuidado e a pena, semelhante uma marca de desamparo. O olhar de Andrea era um pomar com sombras e luz, aragem fresca e fruta no pé, ao alcance da mão. Entretanto, por entre a folhagem bonita e basta, corria um riacho que, apesar de calmo na superfície, arrastava tudo para o fundo, num turbilhão lento, forte, silencioso e contínuo. O nariz longo e fino, dito grego, riscava um traço da fonte das ideias, a testa nobre do inca, até o portão da palavra. O sorriso não fluía fácil, mas, quando fluía, era um primor de brilho e inteligência, encravado, aqui e ali, de ironia e malícia. O peito de chocolate, o pelo liso da sudamérica, foi tudo cortado e costurado sob os moldes do meu querer, tudo à mão, tudo à minha altura, sem falha nem sobra. Há quem prefira os homens altos; a mim me encanta a boca na altura da minha. Às vezes, assumia o comando daquele corpo a criança que um dia habitou ali, a qual atraía sem esforços o que havia em mim de materno. Encontrados, éramos troncos de árvores.

Ao fim da mensagem, vou anexar uma imagem de Andrea que você pode cotejar com a minha descrição. A foto foi feita há dez anos, e nela ele aparece (algo raro) sem camisa. O fotógrafo, seja quem for,

foi feliz, tendo captado, sem saber, o momento exato de uma transformação. O olhar de Andrea, distante e diagonal, projeta a ideia de porvir, revelando que um dia esteve ali um outro (outro olhar e outro homem), que naquele instante ainda não tinha se despedido, e que, no entanto, quando o conheci, aparentava não mais existir. Nem o olhar, nem o homem que, no momento do flagrante, foram pegos ambos em plena metamorfose.

Ao fundo, vê-se uma churrasqueira de tijolinhos, projeto pouco engenhoso do recém-chegado ao Brasil. Sobre o ombro esquerdo, o chihuahua que veio a ser, depois, a testemunha gritante de algumas das nossas raras manhãs de domingo. Omitirei o nome do cão por respeito a sua privacidade. Do cão, é claro. Um comentário meu com elogios à foto, há anos esquecida numa pasta de documentos e a primeira que Andrea me mostrou quando nos conhecemos, fez com que ele a reabilitasse para usá-la como carro-chefe no Facebook e em outras redes sociais.

**N**otei na sua última mensagem: às vezes você dá a impressão de estar lendo a minha história como se as partes pudessem formar um romance. Eu não sei se gostaria de perder de vista a sua interlocução e passar a escrever para um leitor distante, difícil de imaginar. Aliás, você me fez lembrar: Andrea mesmo me estimulava, com frequência, a escrever *sobre nosotros*. Nas ocasiões em que recusei a ideia, ele se mostrou resoluto:

— *¡Por favor, escriba! Además, necesitamos tener algo que contar a los cincuenta.*

Iniciados os trabalhos da reforma, dona Olga passou a vir apenas duas vezes por semana. Não fazia sentido tentar manter limpo e arrumado o autêntico depósito de materiais em que a casa tinha se transformado. Na totalidade, o serviço acabou por durar nove meses. Num dos piores tropos de Andrea, pelas insinuações que trazia embutidas, *el rato de una gestación*.

Tinha início, juntamente, a nossa batalha contra o tempo. Nos dias em que eu não lecionava, estando as meninas na escola, em geral perdíamos a noção da hora. Em abril, mês dos nossos aniversários, chegamos a passar oito horas ininterruptas ouvindo música e tomando cerveja no escritório, período correspondente a um dia útil para os funcionários que trabalhavam nos outros cômodos. Segundo *el ingeniero*, esse hábito quase leva sua empresa à falência, já que muitas vezes ele deixava de dar início aos novos projetos e de visitar as demais obras em andamento, esquecendo-se de comprar o material necessário a elas e, por vezes, à minha.

Pensando bem, hoje acho que demorou para acontecer o nosso primeiro contato. E digo isso porque, apenas descoberto, o sexo passou a fluir simples e fácil, os corpos tudo resolvendo por si com entusiasmo. Dito de outro modo: jamais conheci um corpo que se adaptasse de modo tão perfeito à minha anatomia – porque, não vamos mais nos enganar, é disso, antes de tudo, que se trata.

Dia a dia, enquanto um trabalhador reformava o lavabo, batizava a escrivaninha, a mesa do computador, a sala de jantar, a copa, os colchões empilhados, o quarto de visitas, o chão do closet, as camas das crianças, a cadeira do papai, a pia, a banheira, o vaso sanitário, a janela da sala, a mesa de centro, o jardim de inverno, a despensa, o fogão, o freezer, a máquina de lavar, o hall do elevador, a escada que desce para o térreo e aquela que sobe para o terraço.

A reforma, que a priori consistiria em pintura de paredes, troca de piso e revestimentos, foi se estendendo sorrateiramente para o teto, os encanamentos e fios elétricos, realmente necessitados de uma boa vistoria. Em alguns casos, a substituição foi completa, e o orçamento,

triplicado. Ora uma parede lixada com um pouco mais de vigor expunha um reboco muito antigo e ressecado, ora a instalação de uma ducha revelava sérios problemas na fiação elétrica já gasta, comida, inadequada aos novos padrões. Os resultados do longo trabalho felizmente condiziam com o tempo e o dinheiro investidos na verdadeira saga reformista que foi o plano de fundo desse romance.

E assim íamos esculpindo o nosso tempo precioso. Não se passava um dia sem que nos falássemos – a não ser após as brigas, que começaram a se suceder –, e era necessário um acontecimento inusitado para que não almoçássemos ou lanchássemos juntos. O mais comum era termos ao menos um encontro diário, ainda que em geral fosse mais rápido que o desejado. Após essas horas dedicadas aos sentidos, o retorno à realidade era um rito difícil de realizar. O relógio nos traía seguidamente, e em geral cabia a mim a tarefa custosa de pôr fim à festa. Inúmeras vezes, dei as aulas do vespertino sem ter almoçado, porque o tempo de que dispunha se esfumava ao lado de Andrea – algo de que, aliás, nunca me arrependi.

Os primeiros meses de convivência ainda são um tempo de descobertas, mas a presença de um para o outro começava a se fazer necessária. Nesse período, Andrea chegava sempre às nove, com a desculpa de acompanhar de perto a execução dos serviços. Não fosse o meu trabalho, teríamos passado juntos o tempo inteiro de todos os dias úteis, os quais ele fazia que se estendessem de segunda a sábado.

Em diversos aspectos, Andrea era um personagem saltado de um folhetim do século XIX. O estilo era questionável, e poucos os recursos cênicos, mas era impossível permanecer indiferente aos sentimentos que demonstrava nos seus arroubos românticos. Mesmo quando dizia ter vindo empurrado pelo tédio, o seu ânimo sempre mudava ao pisar o espaço mágico que inventamos entre sacos de cimento e latas de tinta. Inúmeras vezes chegava verdadeiramente deprimido, sem saber se era o humor que lhe afetava o fígado, ou o oposto. Nos períodos de maior atrito matrimonial, ou quando os nossos impulsos passionais de amantes falavam mais alto – nunca se soube ao certo

que núcleo era a causa, qual a consequência –, Andrea costumava chegar ofegante, em pleno domingo, para uma falsa vitória na obra.

— *Aquí estoy como un fugitivo urgiendo encontrarte, a ver se recupero un poco de aire.*

Para essas fugas de fins de semana, Andrea tinha de contar cada vez mais com seu escasso talento inventivo, criando para Mira histórias de cuja inverossimilhança ríamos juntos – bobos, ingênuos, irresponsavelmente. Ora alegava uma prosaica ida à padaria, para comprar pães que murchariam no banco do carro, ora uma visita à mãe idosa, ou um passeio na praça com o cachorro, que, integrado ao elenco na última hora, sem roteiro e sem preparo, ficava preso no carro em frente ao portão do prédio, neurastênico, latindo sob o agasalho de lã que Mira fazia questão de vestir-lhe em pleno verão vitoriano, a temperatura beirando os quarenta graus. Hoje, quando ouço os ladros de um chihuahua feioso que habita o andar de baixo, me lancina fundo a lembrança daquelas manhãs.

Um dia, ao chegar do trabalho, entrei em casa como num brejo, com água pelos tornozelos. Encontrei um Andrea constrangido com o incidente, porém ativo, dando ordens diferentes a três funcionários, de uma só vez. Para mim, que sempre tive dificuldades de impor a alguém um comando direto, parecia admirável o modo como ele ordenava, sem titubeios. Uma ou outra vez, mediante pequenos problemas numa torneira ou fechadura, algo que, pensava eu, ele mesmo fosse resolver, me surpreendi com vê-lo trazendo consigo um dos rapazes, ao qual explicava, muito didaticamente, o que tinha de ser feito e qual o resultado esperado, sem tocar um dedo em qualquer das superfícies, ferramentas ou materiais. Chegada a vez da pintura do meu quarto, em que entrariam dois tons de uma cor, tive o prazer de vê-lo ainda mais longamente no comando, o que era bonito, desde que não pendesse do descarnado racional para aquele traço de arrogância que se mostrava em certas ocasiões.

Conclusão, havia água por todo o piso, e, descobriu-se então, nem a cozinha, nem a área de serviço possuíam ralos de escoamento. Calçado com botas de borracha, Andrea cravou em mim um olhar ambíguo, enquanto indicava a parede sobre a pia, feito uma criança forçada a mostrar à mãe o jarro quebrado. Ao mesmo tempo, era como se me culpasse, discretamente, pelo episódio:

— *Nunca había pasado tanto tiempo en una obra y, así mismo, les dejé perforar la tubería.*

Tentei reverter a meia acusação fixando o meu olhar reprovador na metade réu do seu semblante. As fraquezas, nos homens, contudo, sempre me comovem mais que as potências, e alguns, como Andrea, conhecem as manhas que compõem essa curiosa faina dos afetos, num jogo que é tanto mais bem jogado quanto mais eles conseguem simular que não dominam as regras. Por sorte, além de reformar, a empresa, nessa época, ainda não construía, o que ampliaria os riscos de um acidente fatal.

**U**m pouco antes ou depois (não tenho certeza) da assinatura do contrato, ainda não era ponto pacífico que Mira se incomodasse com a presença vaga de uma tal Dalva, possível cliente ou já cliente, o aspecto era nebuloso. Nem haviam sido estabelecidas as normas que viriam a delimitar horários, impedir telefonemas, evitar comentários etc.

Para Dalva, nessa fase inexistia a estranha sensação do tabu, que, mais adiante, em vez de excitá-la, viria antes a aborrecê-la. Por enquanto, achava-se bastante cômoda no papel de uma terceira pessoa, quase como uma passageira observadora numa viagem em 3D.

Em breve, porém, coube a Andrea a narração da primeira cena em que as duas mulheres apareceriam indubitavelmente como personagens, na órbita do núcleo que era ele. Deu-se então o ritual de passagem.

— *Fue justo después del almuerzo. Me fui de prisa, ya tarde para una cita. Al llegar a la gasolinera en la esquina, noté que había olvidado mi teléfono celular en casa. Regresé de inmediato, temeroso de que me llamaras o de haber olvidado de borrar una llamada tuya. Tan pronto detuve el auto en el arcén, incluso antes de pisar la acera, Mira ya se dirigía a mí con una cara malhumorada con mi celular en la mano y lanzando a regañadientes la pregunta, à quemarropa:*

— Quem é Dálva Mancini?

Com o tempo, Andrea ia narrando tantos eventos semelhantes a esse, que, sem conhecer Mira para além da frase de abertura no Facebook, “Ser mãe é padecer no paraíso”, Dalva supunha nela certo talento dramático – ou um gosto incomum pela ironia. Percebeu então que cenas como a do celular compunham um roteiro que os atores seguiam sem conhecer o desfecho, mas que se renovava dia após dia, na longa, lenta, arrastada novela do casamento. Episódios assim compunham pequenas revoltas de superfície que denunciavam, mas também auxiliavam a suportar o tédio da segurança matrimonial. Contra ela, nenhum dos protagonistas ousava verdadeiramente se rebelar.

A pergunta de Mira, disparada sobre o marido no meio-fio, baseava-se num fundamento ontológico que o confundia mais, a cada vez que era repetida. Ecoavam na face já um tanto pálida de Andrea:

— Quem é Dálva Mancini?

E quanto mais tempo ele despendia na elaboração da resposta, mais comprometedor soava o fato de não poder responder rápida e simplesmente à pergunta da mulher. No auge do desespero, torpe e mudo, pensou em arrancar-lhe das mãos o celular e sair correndo de volta para o carro; ou de dizer somente “Não respondo!”, como fazem as crianças pressionadas, quando emburram. Sentia que cada segundo de mutismo lhe puxava um metro de asfalto sob os pés. Sem chegar a uma boa solução, a vertigem ameaçando engolfá-lo, respondeu o mais rápido que pôde, porém já fora do tempo natural do diálogo. Jogando desesperadamente com a prosódia, trouxe o acento que Mira pusera no primeiro nome – Quem é Dálva Mancini? – direto para o miolo do sobrenome: *¿Quién es Dalva Mancííni?*, como quem diz: *¿De verdad usted pregunta quién es Dalva Mancini?!* A pergunta de Andrea parecia gerada pela estranheza da pergunta de Mira, era uma pergunta lançada sobre a outra. E ele repetiu autômato, embora um tanto confuso:

— *¿Quién es Dalva Mancííni?*

Com a repetição da frase, o destaque dado ao *í* pareceu a Andrea produzir uma pergunta-resposta plausível, mas na verdade não tinha nenhum poder para além do jogo fonético. Como se desacreditasse da própria coragem de ter entoado o tabu em alto e bom som, ele repetiu ainda uma vez a pergunta acerca da pergunta, engasgando, farejando o ridículo de ter de assumir que se aborrecia com uma questão tão trivial, mas de difícil resolução:

— *¿Quién es Dalva Mancííni?*

Eu mesma, lá estivesse, entoaria firmemente:

— Quem é Dalva Mancini?

**D**uas vezes por semana passávamos juntos toda a tarde. Depois de algum tempo, havíamos perdido a noção do valor terapêutico daquelas horas de folia e deleite, além da capacidade de avaliar de modo isento a complexa relação que já nutríamos. Quando da separação, o golpe foi violento, doloroso e prejudicial para ambos. Sem falar nos transtornos que, bem sei, a minha falta provocou no cotidiano do casal Andrea e Mira. Somente com o rompimento notei quanto tempo investíamos ambos nessa relação. Tudo findo, de repente a vida se reorganizou de modo extraordinário. Tarefas que antes eram adiadas por semanas ou meses passaram a ser resolvidas com presteza inédita, o que funcionava como compensação para a perda, além de ajudar a preencher o tempo, que, sem a presença de Andrea, de repente parecia um grande vácuo.

Hoje, quando me lembro, acho notável que Andrea e eu pudéssemos ter desfrutado, por mais de três anos, de algo tão paradoxal quanto uma rotina prazerosa. Talvez a façanha só fosse possível por ser, a nossa rotina de amantes, uma rotina fora (ou dentro) de uma outra rotina, mais farta e tentacular – a da vida particular e oficial de cada um de nós dois. Andrea tinha seu casamento e o trabalho. Eu, o trabalho, a casa, as filhas. E era a esse esquema comezinho que nos opúnhamos em rejeição. Ingênua e quase que mecanicamente, imputávamos a ele tudo o que havia de ruim, difícil ou estressante nas vidas de cada um de nós, supondo como modelo ideal o nosso secreto cotidiano amoroso, o qual, apenas por contraste e como idealização, deixava de ser ou de parecer ser uma rotina – no fundo, tão fadada ao fracasso como qualquer outra.

Mas vamos por partes...

**U**ma tarde, Mira telefonou chamando para ir com eles a um restaurante de frutos do mar. No início hesitei diante do convite inesperado, mas, sem pensar muito, negocieei com Lauro a troca do seu dia de sábado com as meninas por uma noite de sexta, e acabei aceitando. O local era meu velho conhecido, um estabelecimento fixado há duas décadas como churrascaria próximo à rua onde moravam Andrea e Mira. O proprietário, um coronel reformado, havia migrado para o comércio de carnes quando o bairro ainda era, na totalidade, habitado pelo proletariado ascendente, empregado nas duas grandes indústrias de processamento de minério das redondezas. Conhecido sonegador de impostos e direitos trabalhistas, sem demora abriu as suas trincheiras também para a cozinha litorânea, a qual passou a ocupar a metade do espaço total, rapidamente ampliado aos domínios de um quarteirão. Algum tempo antes do inesperado convite, a decoração dessa parte do restaurante havia passado por uma mudança em que o mau gosto barato e despojado tinha sido trocado pelo mau gosto caro, que simula o despojamento, mas que deixa transparecer, em algum lugar por entre samambaias de plástico e depósitos poeirentos de objetos artesanais que fazem lembrar uma sala de ex-votos, uma assinatura de decorador que coincide com a de diversas festas de casamento, bailes de debutantes e outras cafônicas nas quais se esfalfa parte das classes médias nos bairros meio nobres da cidade.

Mesmo sendo dia útil, tivemos de aguardar de pé numa fila, à entrada, para conseguir uma mesa entre outras duas centenas. Finalmente fomos contemplados com um lugar sob uma tartaruga gigante de resina fluorescente, dependurada no teto. Nossa mesa ficava entre colunas gregas apinhadas de placas com os nomes das praias do estado e a quilometragem entre elas e a capital, onde estávamos, além de tabuletas de madeira com dizeres sobre as propriedades afrodisíacas dos mexilhões, anedotas machistas e frases de duplo sentido fundindo culinária e sexualidade. “Delícias do caranguejo” era uma espécie de puteiro sem sexo, sem graça, com muita comida – e num ambiente estritamente familiar. Para abstrair do barulho das vozes

e do visual poluído, resolvi me fixar nas entradas que o cardápio, renovado junto da decoração, apresentava. Chamei o garçom e pedi um caranguejo. Andrea fez menção de me acompanhar no pedido, o que acabou dando início a uma muito chata lenga-lenga familiar. O tema da discussão não era só trivial e enfadonho; era irritante e, para mim, sem sentido: Mira não queria que Andrea comesse caranguejos. Alegava que ele sujaria as mãos e, afinal de contas, nem sabia comer “aquilo”. Ainda segundo ela, Andrea “não gostava de caranguejos”, nem “nunca tinha provado ‘aquilo’ antes” e blá-blá-blá, blá-blá-blá. Proibir algo a Andrea equivalia a aumentar-lhe o apetite – isso ela mesma deveria saber. Continuei calada durante todo o tempo em que o bate-boca se desenrolava diante da criança, da mãe de Mira e do garçom, a essa altura já confuso, impaciente e indeciso quanto a que pedidos anotar. O hábito constrangedor de discutir publicamente questões pessoais foi uma das razões que, em breve, me afastariam do casal. Mais de uma vez, dali em diante, tive de argumentar com Andrea que cenas desse tipo eram desagradáveis para quem estava por perto e nada tinha a ver com o assunto. Como sempre, apelo para razões culturais, afirmando que dividir os problemas conjugais com os amigos é algo comum entre os peruanos, e que nós, brasileiros, somos muito hipócritas nesse ponto. Apesar da barulheira geral, os ecos da conversa chamavam a atenção na mesa ao lado da nossa. Confirmei com o garçom o meu pedido para a entrada. Andrea resolveu também insistir no seu, inflamando a cólera de Mira, que se viu atacada num dos seus direitos fundamentais, que era imperar, de modo cabal, sobre a dieta de cada um dos membros da família.

Enquanto o casal seguia discutindo, ao fundo alguns garçons se aglomeraram, de repente, em torno de uma comprida mesa lotada. Cada um deles usava um turbante laranja em formato de caranguejo e fazia grande algazarra com apitos e instrumentos de mão em frente ao aniversariante, sentado numa das cabeceiras. O mais despachado entre eles habilmente acendeu uma vela vulcão já fixada sobre uma pequena moranga com camarões que, a julgar pela alegria

dos convivas à sua chegada, devia ser oferta da casa. Era o pequeno bônus devido a um grupo que consumia de modo impressionante, sendo difícil, da distância em que nos encontrávamos, vislumbrar um palmo de mesa onde ainda se pudesse depositar um copo ou garrafa. A voracidade do grupo em demandar parecia maior inclusive que a de deglutir: metade dos pratos que passava pela mesa era retirada em pouco tempo, quase intacta.

Tiveram início os brindes e os “Parabéns pra você!”, puxados pelo garçom desenvolto e secundados por quase todos os presentes no salão, da extensão das últimas cadeiras, onde se encontrava o grupo com o aniversariante, até a fila de espera, na porta de entrada. Findas as palmas, a alegria dos garçons se dissipou de imediato, e, como por desencanto, cada um retomou as suas funções ordinárias. Dois deles, na pressa de dar vazão aos pedidos acumulados durante o curto período da comemoração, se esqueceram de retirar os chapéus de crustáceo e seguiam trabalhando com eles pelo salão, para alegria das crianças presentes.

Sem demora foram trazidos à nossa mesa, numa só caldeira de alumínio, dois gordos caranguejos fumegantes, ainda mergulhados na água em que foram cozidos. Quem suspeitaria de que se aproximava, nas mãos do modesto trabalhador, olheiras fundas das noites perdidas servindo a clientes desagradáveis, o verdadeiro caldeirão dos infernos?

Hoje eu não saberia informar acerca das estatísticas, mas creio que o carioca coma menos caranguejos que o vitoriano: o valor dado à elegância pelos nossos vizinhos de litoral é maior, embora os próprios conceitos de elegância do carioca e do vitoriano divirjam em pontos importantes, o que impede uma comparação simples. O certo é que não é possível querer parecer elegante comendo caranguejos. É possível ser feliz por algumas horas, comendo caranguejos. Elegante, jamais. Conheço pessoas que inclusive se recusam a sentar-se à mesa com quem quer que esteja disposto a encarar tal prato. Convenhamos, uma pessoa desmembrando crustáceos diretamente com as mãos não pode ser um espetáculo de todo apreciável, a não ser por um outro convicto

degustador, que também esteja suficientemente envolvido na tarefa. Acresça-se aos detalhes do visual o fato de que o odor – mais uma vez do ponto de vista de quem tão somente observa – não é lá essas coisas, e, ainda por cima, a toalha da mesa, os copos, os pratos e os talheres, enfim, tudo em volta dos caranguejos e dos comensais vai sendo, aos poucos, pintalgado com gotículas de água enlameada que lhes saltam de dentro enquanto se esmaga a cabeça, quebram-se pernas e puãs. E, quando um comedor ainda não é um expert, o aproveitamento é mínimo, e a água turva que resulta do cozimento costuma correr pelos antebraços até chegar aos cotovelos. Cotovelos que, para comer caranguejo, muitas vezes é preciso apoiar (ao menos um) sobre a mesa.

Para quem ainda não teve a oportunidade de provar esse prato aclamado como tipicamente vitoriano – embora, diferente da panela de barro, ele ocorra em quase todo o litoral brasileiro –, é recomendável que, ao tentar fazê-lo pela primeira vez em público, leve consigo um instrutor discreto e vá apenas imitando cada um dos movimentos que o mestre faz: torção das pernas, sucção, quebra das puãs, sucção, deslocamento da casca, eliminação dos intestinos, lavagem, condimentação da gordura da casca, sucção... Há técnicas variadas para se comer caranguejos, e nenhuma delas registrada ou catalogada como patrimônio histórico e cultural. Um bom comedor se distingue por um maior aproveitamento das carnes do animal, tanto quanto pelo tempo reduzido que investe na degustação de cada unidade. Em geral um vitoriano legítimo, nascido e criado próximo do manguezal, consegue comer três caranguejos, no mesmo tempo que um interiorano bem treinado, por exemplo, levaria para comer apenas um. Sobre a quantidade de peças que é possível degustar, é um dado variável e de pouca confiabilidade: há aqueles que alegam poder comer dez; há os delicados, que jamais passam de dois ou três, e há aqueles que mentem, exibindo somas exorbitantes, impossíveis de caber num tempo razoável, devido ao óbvio trabalho que dá devorá-los bem.

Crianças tentando comer caranguejo são um espetáculo duplamente assombroso. Quanto aos mineiros e goianos, oitenta por cento

sequer aceitarão o convite. Há relatos de turistas que saíram correndo diante do aspecto aracnídeo do bicho, das suas pernas peludas, das fezes trazidas à mesa sob a casca, mesmo depois de cozidos. Dos vinte por cento de bravos forasteiros que persistem, em geral por respeito à diferença cultural ou por curiosidade gastronômica, uns poucos chegam a se sair muito bem mediante treino, desde que tenham uma razoável habilidade manual. Fica, contudo, o aviso: não será vantagem para eles dividir irrimãmente a conta do restaurante com um vitoriano. O caranguejo não é um prato caro, mas quem não o sabe aproveitar, ao final sempre reclama dos valores.

Ainda, no caso de uma iniciação, é importante prevenir que bebidas doces, com ou sem álcool, não combinam com caranguejos, em nenhuma hipótese. Menos ainda as cítricas. A única exceção entre os etílicos é a cerveja gelada, que essa combina perfeitamente. As demais alteram muito o sabor da carne branca, sendo o bom caranguejo aquele temperado apenas com sal, misturado à água do cozimento, em meio a grandes ramos de coentro e pedaços de cebola branca cortada rusticamente. Bebidas como as colas são terminantemente proibidas, sob o risco de fermentarem a carne macia do crustáceo, deixando na boca um abominável sabor de amônia – que, aliás, se não for resultado da mistura indesejada com o gás do refrigerante, é um sinal de alerta para o mau estado de conservação do animal.

Enfim fomos aos bichos. Diante do olhar perplexo de Mira e da sogra, Andrea destrinchava, com perícia surpreendente, os mais íntimos segredos anatômicos da comida peluda, quase sem se sujar, e com grande aproveitamento das ralas polpas escondidas sob a casca avermelhada. Fingia me copiar, para que ninguém suspeitasse que, àquela altura, já havia sido iniciado nos ritos caranguejais. Estava contente, e me alegrava vê-lo assim. De qualquer ângulo que se considerasse, aquela noite prometia. Havia algo no ar além da fumaça dos caldeirões, que em alguns minutos se multiplicaram nas mesas do entorno. A Mira, por alguma razão, soou inadequado, ou mesmo afrontoso, quando sugeri que pedíssemos a óbvia cerveja. Ora, todo

vitoriano sabe que é quase impossível comer caranguejos sem tomar cerveja. A única outra bebida bem-vinda, e que me esqueci de listar anteriormente, é água sem gás. Em questão de segundos, a esposa lançou, do seu canto, os olhos faiscantes passando rápido pelos meus:

— Pois no lugar de onde eu venho, mulher que toma cerveja em bar é puta!

— *¿Qué es esto? ¡No digas tonterías!* — Andrea, enrolando-se mais que nunca entre o português e o espanhol, retrucou muito rápido, como se já esperasse um comentário daquele tipo. Parecia querer enfiar as palavras de volta na boca da mulher.

Eu poderia ter me levantado e saído naquele instante. Uma espécie de cópia de mim chegou a fazê-lo; contudo a noite era bonita, o caranguejo saboroso, e a felicidade aqui dentro, quando se instala, não evade tão facilmente. As pernas, confesso, me tremeram um pouco com a eletricidade espalhada no ar. Eu começava a entender os motivos do convite de Mira – ao menos era o que eu achava. E já que Andrea havia se manifestado, deixei que lidasse com a situação a seu modo – além do mais, era uma oportunidade rara de conhecer como o engenheiro agiria em outros contextos, que não a nossa bolha de amantes. A sogra não compreendia praticamente nada do que se passava ali.

Continuei a quebrar e esvaziar as duras puãs do meu caranguejo, simulando indiferença aos acontecimentos, mas senti que enrubesci, e tive raiva desse rubor, porque, pensando bem, o meu silêncio e o meu recato não eram o contraponto mais esperado para a cena da esposa ríspida e abstermia que Mira representava tão bem. Ainda que incomodada, porém, de início não reagi como se tivesse sofrido um grande ultraje. Andrea e eu escalávamos o cume de um vulcão eruptivo; estávamos na fase em que cada peça da engrenagem, bem azeitada, funciona com a máxima facilidade, e a essa altura dos diálogos, de fato, eu só via a ele, o resto não se destacava muito bem em meio a tantas vozes e fumaça. Veio o garçom, pedi a cerveja e em seguida me dirigi a um Andrea aborrecido, cujos olhos consternados me pediam

desculpas pela atitude da mulher. Já fora do fogo do momento, mas ainda sob o imperativo de ter de dizer algo em minha própria defesa, apelei para o senso mais comum de uma psicologia simplória, olhando para Andrea, mas falando para Mira:

— Fique tranquilo, isso não me ofende. É só um ponto de vista, e o fato de ela pensar assim não me transforma naquilo que ela fantasia. Pelo contrário, afirmações tão categóricas dizem mais do falante que do outro.

A velha sogra peruana, sem dúvida, não compreendeu o meu português, talvez pelo tom baixo e doce que deliberadamente empreguei, cuja contradição com o conteúdo não facilitava o entendimento para uma debutante no idioma. Mira demorou alguns segundos traduzindo a minha fala, antes de cerrar os lábios com força; imaginei ouvir o barulho dos dentes rangendo dentro da boca. Os olhos de Andrea agora faiscavam de modo ambíguo. Devo ter me excedido, pensei, mas sem remorsos. Andrea, por pouco que conhecesse a minha costumeira discrição em situações públicas de desavença, ao certo não esperava que eu baixasse o nível a esse ponto. Somente eu tinha como certo que jamais levaria aquele desaforo para casa. Aquele, não.

A essa altura, a fumaça e o odor dos caranguejos já tomavam por completo a nossa mesa e os arredores. A cerveja estava divina. Melhor dizendo, diabólica. De repente, muitos decibéis acima da música tranquila que, por detrás do vozerio, vinha simulando não haver ali espaço para conflitos, estourou, nas caixas de som camufladas no centro do recinto, um hit dançante muito em voga naquela estação. Garçoneiros e garçons, com clara predominância dos últimos – até então era impossível imaginar que fossem tantos –, em questão de segundos se alinharam de costas para a parede dos fundos, formando uma barreira diante dos caixas e toaletes. Dali, podiam ser vistos por todos os presentes no restaurante. A movimentação repentina daqueles corpos uniformizados emulava uma estranha operação de guerra multicolorida. “O que eles estão fazendo?”, me lembro de ter perguntado a Andrea, que também não sabia dizer.

Súbito, como se dominados por um espírito robótico-festivo, rapazes e moças, senhores e senhoras uniformizados – os de mais de quarenta eram uma minoria na casa, assim como os brancos – passaram a obedecer ao ritmo forte da canção, rebolando – uns muito desajeitados, outros obviamente a contragosto –, mexendo pernas e braços numa coreografia pouco complexa, porém ensaiada prévia e exaustivamente sob o comando de um jovem assessor de marketing millenium que tira o grosso de seu aprendizado das boates que frequenta nos fins de semana e das férias movidas a álcool em Guarapari e Porto Seguro. Como coreógrafo, porém, ele sem dúvida exigia demasiado daqueles corpos maltratados, dos que tinham dobrado o plantão ou passado o resto da noite, depois do expediente, nos cuidados com uma criança ou um velho doente. Em alguns dos garçons, a cara triste e amarela contrastava de modo brutal com a alegria forçada da cena. Os clientes em peso aplaudiam e gritavam efusivos diante do espetáculo, agitando-se nas cadeiras. Coroas recém-divorciados e velhas celibatárias chegaram a se levantar e ensaiar alguns passos, como quem entende que pagou por aquilo também e não pode deixar para trás uma parte do produto adquirido. Enquanto isso, ali, bem diante dos nossos olhos, era arrancada a fórceps, daqueles esqueletos cansados, a alegria de servir, embalada pela mentira de que eram eles também, os que servem, parte da ignominiosa festa do consumo. Eram os colaboradores.

— Ao capital não basta explorar, é preciso humilhar em público — eu disse como despedida que ninguém deve ter ouvido, naquele barulhão, enquanto punha sob a cesta de pães o dinheiro correspondente à minha parte naquele banquete.

Na segunda-feira seguinte, deixei claro a Andrea que passaria a evitar, a todo custo, qualquer tipo de contato com Mira. Estranhamente, depois disso houve ainda mais convites, mas aquela foi a última vez em que estive com o casal por opção, embora tivesse aceitado a proposta somente devido à insistência de Andrea. Ao contrário do que ele me garantira antes do encontro, a atitude de Mira me

fez crer que a ideia tenha, de fato, partido dele e apenas dele, tendo sido tolerada por ela, sabe-se lá por quê. Depois disso, nos encontramos ainda umas poucas vezes, e ao acaso, em bares e restaurantes da cidade e dos arredores, afora uma ou outra festa de família. Definitivamente – concluí um pouco tarde –, há portas que é melhor fechar.

**A**gradeço pelo incentivo, Vera. E fico feliz que a minha história não a esteja aborrecendo. De minha parte, está mantido o pacto de franqueza. Afinal, para continuar escrevendo, preciso saber se você se diverte, se gosta do que lê. Para mim tem sido terapêutico compartilhar essas lembranças que, não vou negar, por vezes ainda machucam.

Quanto à sugestão de transformar esses escritos num romance, vou considerar com carinho, mas não posso deixar de reconhecer que o meu fôlego é curto, é fôlego de cronista.

**A**ndrea e Dalva.

Antes de iniciarmos a nossa correspondência, eu não tinha notado como soa bem esse binômio. Transformado numa só expressão, poderia nomear uma empresa de engenharia ou uma escola de idiomas. Ou as duas: ANDREA & DALVA – ENGENHO e ARTE.

Gosto de como algumas das primeiras letras do nosso alfabeto (A, D e E) se alinham e repetem em quase toda a extensão desse versinho de quatro sílabas, tão bom para batucar sobre a mesa, em batidas alternadas entre o polegar e o indicador – uma canção modesta, marcada pelo som das vogais: A... E... E... A... Bem escandido: an/dre/ae/dál/va,/ an/dre/ae/dál/va.

Nas minhas antigas aulas de versificação, eu introduzia a matéria pedindo que os alunos entoassem e metrificassem os seus próprios nomes. Sendo todos nós tão egoicos, basta essa simples estratégia para despertar o interesse pelo tema: quaisquer palavras que nos girem em torno do umbigo brilham mais, aos nossos olhos, que um verso de Camões.

**E**u já esperava sua pergunta sobre as possíveis desconfianças de Mira acerca do nosso caso. Voltarei a ela mais adiante, apenas para não perder aqui o fio da meada. Mas posso adiantar que a mim soava como se ela, mais que desconfiar, soubesse. Apesar de a minha atuação ter sido impecável no dia difícil da assinatura do contrato – ao menos foi melhor que a de Andrea, que parece ter feito o impossível para nos ter (digo, nos ver) as duas num só ambiente, o que semelhava, antes que inconsequência, um fetiche –, era claro que ela intuía, o que acabou criando em mim a ideia de que não se incomodasse, de que nos aprovasse, ou, ainda, que desejasse a existência de uma relação entre mim e Andrea. Eu mesma, diante de tamanha empatia entre duas pessoas que se conhecem há tão pouco tempo, teria notado algo, ainda que essa empatia fosse dissimulada sob um manto de excessiva e inexplicável indiferença, e, por vezes, quase antipatia. Mais ainda, talvez, por causa disso. Desde o nosso segundo encontro, numa tarde em que veio a minha casa com Andrea, o qual trazia as mãos carregadas de mostras de granito entre as quais eu devia escolher a que seria utilizada nos lavabos, Mira aferiu, indisfarçavelmente atenta, cada um dos olhares que trocávamos. Por isso e por outros eventos de menor sutileza, mal a minha relação com Andrea se consolidou, afastei-me do convívio com Mira. Segundo Andrea, ela passou a lamentar as minhas negativas aos convites para passeios e visitas, dizendo que gostaria da minha amizade, o que muito me estranhou, especialmente depois do ocorrido no restaurante. Posto isso, decidi, com firmeza ainda maior, que não voltaria a sair com o casal, deixando claras a Andrea as minhas razões, que iam da falta de afinidade com Mira, ao constrangimento que me era imposto por suspeitar que ela soubesse acerca de nós. Andrea garantia que a hostilidade com que a mulher passou a me tratar, longe de ser uma evidência das suas desconfianças, era o modo como se dirigia a todas as pessoas próximas. No início duvidei; somente com o tempo percebi que era disso mesmo que se tratava. Ainda assim, me mantive a uma distância que parecia segura.

**A** psicóloga estadunidense conhecida na mídia como doutora Goldman afirma que o adultério é a melhor saída para a modorra sexual de parceiros que estão juntos há muito tempo e que juntos pretendem continuar. Em sua tese, ela defende que um bom caso extraconjugal é aquele em que não há envolvimento, nem cobranças, resultando, portanto, em níveis mínimos de estresse. Desse ponto de vista, Andrea e eu tínhamos um péssimo caso. Chegados a um determinado ponto, era tamanho o desgaste dele com a vida dupla que cheguei a propor uma solução ingênua, mas que parecia ser a única saída para o casal, além da separação, a qual ninguém desejava: que ele expusesse a Mira, da maneira mais honesta possível, a situação. Durante um bom tempo, acreditei que poderíamos, os três, experimentar uma condição mais confortável e de arranjo um tanto inédito nos entornos, já que a maioria mantém escondida a outra ponta do triângulo, enquanto a mim interessava que o caso fosse vivido de forma consensual. Sim, Vera, diversamente do que costuma acontecer, eu necessitava que todos os envolvidos aceitassem o fato. E imaginei que a revelação pudesse solucionar vários dos problemas afetivos que enfrentávamos, e, especialmente, que nos aliviasse do crescente nervosismo de Andrea. No início, ele considerou a ideia tão absurda, que unicamente a ignorou. Com o tempo, porém, a crise entre eles atingiu graus altíssimos. Foi então que começamos a falar sobre o assunto com maior seriedade, embora Andrea sequer vislumbrasse uma ínfima chance de aceitação da proposta por parte de Mira, algo de que me convenceu por completo. Enfim, abortou-se o plano; afinal, quem conhecia a Mira era ele, não eu, e quase tudo o que eu sabia dela fora ele quem me transmitira; assim sendo, a palavra que melhor valia era a sua. Apesar de todas as evidências em contrário, durante algum tempo eu ainda devaneei sobre a possibilidade de ela aceitar que Andrea mantivesse o relacionamento comigo, sem maiores prejuízos para o seu casamento. O meu único requisito para a divisão tranquila e irmã, que eu preservaria silente, seria não ter de conviver com Mira, condição que eu não ousaria impor, caso se tratasse de alguém menos

conservadora e mais independente das amarras morais. No fundo, é preciso admitir: eu queria tudo do meu jeito. No meu sonho, o triângulo amoroso era a mais bela das figuras. Eu fantasiava que assumir o caso – um caso assumido é ainda um caso? – poderia nos render uma rotina mais tranquila e satisfatória, aos três. O mais provável é que esse arranjo fosse inútil, porque a gente sempre consegue se desestabilizar de novo, nas relações, formem elas a figura que formarem, e pode ser que todo o investimento na nova fórmula seja feito justamente para ter de onde recomeçar. É lei da vida.

Andrea, malgrado o alto grau de tensão em que se debatia, no íntimo desfrutava o tabu, unindo as duas pontas dos seus afetos numa fita de Moebius que ele próprio viria, depois, a romper. Fosse como fosse, mesmo sabendo que alimentava um sonho de impossível realização, ele vivia integralmente, o mais que podia, esse polo secreto da sua existência. Ainda hoje creio que, se Mira tivesse aprovado o arranjo e nenhum dos três se sentisse malgrado, seria a situação mais confortável (e inspiradora) que teríamos vivido. Além de que, é preciso dizer, há algo de excitante em dividir um homem com outra mulher, sensação que, para mim, perde parte do sabor se tenho de trapacear, ao contrário do que consta em parte da literatura oficial sobre o assunto, na qual se afirma que o prazer sexual se alimenta da sensação proibitiva.

Pode ser também que, compreendo agora, a revelação, naquela época, se mostrasse, para mim, como a única saída possível, se não para a continuidade de Andrea e Mira, ao menos para a continuidade de Andrea e Dalva: eu bem intuía que uma relação tensa e intensa como a que tínhamos acabaria penetrando por todos os poros da vida cotidiana, sendo impossível que uma pessoa envolta em algo assim se satisfizesse apenas com habitar a seara do interdito.

Foi esse o nosso deleite – e a nossa perdição.

É claro que, até certo ponto, a ideia da idílica tríade era apenas uma pretensão otimista: o velho e bom Andrea não tinha interesse real em que nada, na sua vida, se alterasse. Desejava somente um

pouco menos de estafa com a condição que já havia. Enquanto eu sonhava com o bem-estar a três, ele não parecia disposto a mover-se, um mínimo que fosse, do desconfortável conforto da vida dupla, a não ser por força de agentes externos à sua fraca vontade, como de fato veio a ocorrer.

**A**os poucos, íamos os três nos acostumando aos novos hábitos e horários de Andrea, que passara, falsamente, a dedicar muito mais tempo às obras, em visita, encontrando dificuldades para adequar à vida de casado a realização dos seus novos desejos, os quais semelhavam antes uma necessidade. Para mim, é preciso dizer, o tempo de que ele dispunha era mais que satisfatório. Naquele período inicial, eu nada mudaria no relacionamento que tínhamos: não pretendia coabitar – nunca na vida almejei isso –, menos ainda com Andrea, cujos modos combinavam perfeitamente com a condição de amante – e só. Também não desejava que ele se separasse. Afinal, o sossego que a equação tripartite me dava se devia quase na totalidade aos sentimentos que ele experimentava na sua vida com Mira. Apesar da angústia que gerava em Andrea, a engrenagem, para mim, situava-se o mais próximo possível do ideal. Além do mais, aquele arranjo me poupava da preocupação com a existência de uma rival mais potente. Desde que não me trocasse por uma amante com maior aptidão para a liberdade sem cobranças e a realização dos desejos dele e seus, eu continuaria a saber ao lado de quem Andrea dormia, noite após noite, impelido pela ordem matrimonial.

Sendo assim, depois de abandonado o projeto inicial da bigamia aberta e consensual, raramente me passava pela cabeça uma mudança no tipo de laço que nutríamos, o que não posso garantir que se desse com Andrea, em parte devido à pressão da vida dupla, em outra devido à insegurança de, ao contrário de mim, que namorava um homem casado, namorar uma mulher solteira, que, acreditava ele, a qualquer momento poderia se interessar por alguém também livre e querer construir uma vida a dois. Nunca lhe tirei completamente essas incertezas; faziam parte do jogo. E, afinal, não era eu quem as alimentava. Por esse tempo eu apenas vivia o que podia, de um modo similar ao que, inconscientemente, sempre almejei.

**V**era querida, as suas perguntas são tão semelhantes às que durante um bom tempo me fiz que tomo a liberdade de transcrevê-las aqui e enviá-las de volta a você, fazendo-as, desse modo, minhas: “Será que Mira, durante todo esse tempo, não percebeu nada? Como era possível, se Andrea se ausentava de casa por períodos tão longos, e todos os dias? Ou será que, no fundo, ela desconfiava, mas não se importava? Não desejaria, talvez, a ausência do marido? Não teria, ela também, um amante?” Por vezes acreditei ter encontrado respostas para uma ou outra dessas perguntas. Ainda que, de algum ângulo, a conclusão pela existência de um outro homem na vida de Mira parecesse plausível, era o terreno mais espinhoso a percorrer, ou, pior, induzir Andrea a que percorresse. Afinal, não deve atirar pedras quem tem teto de vidro. Quanto ao fato de Mira não perceber ou não se importar com as mudanças na rotina do marido, a explicação mais razoável, na época, era a de que, com o passar do tempo, corpo e mente se acostumam, sempre, a novos modos e ritmos. Simples assim – mas só porque demandávamos simplicidade. E considere, amiga: a minha ciência dos fatos é estrita. Aliás, tudo o que tenho a oferecer agora é o paradoxo de uma relativa onisciência: a minha Mira era formada de uma magra costela da Mira de Andrea, aquela que ele conhecia – ou pensava conhecer. Por sua vez, isso a que agora chamamos Mira pode ser o resultado de uma complexa operação: a Mira de que eu dispunha era aquela que Andrea me dava a conhecer, e eu a recebia de um Andrea que, para mim, já era ele próprio uma persona, resultante, por si só, de outros remendos e amputações. Do mesmo modo como eu, para ele e para ela, devia figurar amputada ou remendada. Assim como sou eu, enfim, para você, e você o é para mim. Um grande mural cubista dos afetos e seus registros.

Passado o tempo, devido a coincidências que me levaram a conviver com personagens até então secundárias nesse romance, Mira foi se mostrando uma coadjuvante menos plana e inequívoca que aquela delineada por Andrea. Eu, que a conhecia tão somente pela visão dele, passei a vê-la por outro prisma, e garanto que ninguém

colaboraria mais que ela, ainda que secretamente, para livrar do risco do tédio o romance entre Andrea e Dalva. Com o desenrolar da narrativa, Vera, você verá que as personagens de papel podem ser mais previsíveis – mas nem sempre são menos complexas – que as pessoas reais. Mas essa é outra história. Por agora direi apenas que, no fundo, sem que soubéssemos, era a vida secreta de Mira, e não a de Andrea, ao contrário do que estas mensagens fazem parecer, o núcleo duro, que dava sustentação aos acontecimentos. E quase peço a você, Vera, para dar um destino a essa trama, a qual, em matéria de verossimilhança, começa a dar mais trabalho do que imaginei no início.

**E**nfim chegou a hora em que, para além do distanciamento que propus de Mira, tive de acrescentar outra solução: passei a negar a Andrea, mesmo quando insistentemente solicitada, a minha opinião sobre os acontecimentos da sua vida de casado. Estava implicada demais no entorno das desavenças entre os dois para poder aconselhar com um mínimo que fosse de isenção. Tudo e qualquer coisa que eu dissesse poderia ser visto como tentativa de diminuição da importância de Mira e deveria ser colocado sob suspeita de autopromoção na pirâmide afetiva. Mesmo não tendo planos inequívocos para o futuro do nosso romance, jamais acreditei poder me manter neutra nos assuntos relativos ao casal. A certa altura, decretei que Andrea nada mais me contasse sobre o seu dia a dia com ela; eu simplesmente não comentaria, interdito ao qual sinto orgulho de ter permanecido leal quase que até o fim. Por um lado, eu enfrentava a complexa condição de, muitas vezes, ter de aconselhá-lo contra mim, dizer-lhe que desconfiasse das minhas opiniões; por outro, não podia evitar dar a Mira o que era de Mira, e lembrar, ante as crises de vitimação de Andrea, que ele a enganava e era desleal, o que transferia para ela pontos vantajosos na partida que, sem saber, talvez, ela travava contra mim, do outro vértice do triângulo. Embora não houvesse sinal de virtude na coerência incoerente que eu declarava ao insurgir-me, discursivamente, contra a dupla de amante e marido adúltero que formávamos, eu bem sabia que uma simples exposição do anseio por justiça me auxiliava na avaliação que Andrea fingia não estar fazendo da minha índole. No fundo, era um modo bastante econômico de alterar a tabela a meu favor no cômputo final: aquilo era ou não era, em alguma medida, uma disputa baixa e renhida por um homem?

Para Andrea, no entanto, não foi fácil me despojar do papel de confidente. Apesar das inúmeras incoerências da minha personalidade, o que se deve antes a uma memória frágil – quem tem boa memória é que pode sustentar como realidade as suas fantasias –, eu era o receptáculo perfeito para as suas questões mais íntimas. É que Andrea não tinha amigos para além de um cantor húngaro que

conhecera ao chegar ao Brasil, não havendo outra pessoa a quem pudesse confiar as suas intimidades, as quais se tornaram evidentemente interditas depois que nos conhecemos. Na sua autodescrição, Andrea era *una isla*.

Acontece que o amigo húngaro era também amigo de Mira, e, ainda que eu acreditasse na propalada irmandade existente entre os homens, nunca, jamais aprovei que Andrea lhe fizesse relatos sobre o nosso caso. Na época, era apenas uma precaução sobre os sentimentos ocultos em cada um de nós – agora já éramos quatro orbitando em torno de um núcleo volátil – e ao imprevisível futuro, cujos desdobramentos nem eu nem Andrea poderíamos, naquele momento, suspeitar.

**C**aso estas mensagens fossem transformadas em um romance, caberia aqui, talvez, um capítulo descritivo de Mira, o qual omito mais por discricção que por estética ou estilo. Considerando isso, não há como negar, Vera: você plantou em mim o gérmen da ficção, esse vírus que faz parecerem bonitos uns fins de semana cheios de sol passados inteiros diante da tela de um computador, enquanto lá fora, cheirando a bronzeador, as pessoas passam freneticamente, de um lado para o outro da avenida, com suas cadeiras de praia, a caminho do mar. Ou talvez a escrita seja apenas uma substituta para a vida pulsante daqueles dias vividos com Andrea, que não voltam mais.

No hipotético capítulo sobre Mira seriam enfileirados, além dos traços de personalidade, episódios que me foram narrados por Andrea antes de instituído o tabu da farsa familiar. Num texto assim, dada a minha expressiva, ainda que secreta, atuação no triângulo, cada adjetivo que eu usasse cairia como uma bomba de despeito ou ressentimento, graças à suposição de uma culpa angustiante que muita gente imagina os amantes adúlteros carregando em suas costas, feito cruces.

Não vou negar que durante todo o percurso tenha conhecido a mágoa ou o remorso. De um modo difícil de explicar, eram elas que, até certo ponto, me prendiam a Andrea. Nenhum desses afetos, contudo, jamais me dirigiu contra Mira, a não ser no começo da relação. No início dos romances, a mão de Goethe pesa mais que o Machado. O que constelava entre mim e Andrea era um conjunto de sentimentos paradoxal. Alcançado certo patamar, as razões éticas pariram uma neurótica preocupação com a simples, a pura, a maltratada verdade; melhor dizendo, com a desacreditada veracidade. De modo curioso, Vera, um apurado apego à verdade pode, às vezes, caminhar justo de encontro à verossimilhança.

Tenha paciência, querida. Você entenderá tudo mais adiante.

Quando o conheci, Andrea morava no Brasil há quase uma década, tendo sido seguido, com o tempo, por toda a sua grande família. Mesmo assim, nunca tinha ouvido falar em Chico Buarque, Caetano Veloso ou Gilberto Gil, o que era estranho, vindo de alguém que gostava tanto de música e tinha como amigo um cantor. Por isso me consternou a pergunta que me fez um dia:

— *Que es Caetano?*

No início pensei que estivesse brincando, assim como pensei de uma aluna que certa vez me questionou sobre “o que era” Chico Buarque – e que também falava sério.

A partir daquela pergunta, a cada encontro eu ia lhe apresentando, em doses homeopáticas, a nossa música. Ou os melhores entre aqueles que a minha geração denominou a Música Popular Brasileira, título que ficou preso antes a uma leva de compositores e cantores que a um estilo, o que torna o rótulo inexacto, mais ainda pela imprecisão do designativo “popular”.

Em pouco tempo, Andrea se encantou pela poesia de Caetano, admirou-se da riqueza rítmica em Gil e da potência do idioma em Chico Buarque. Apesar de ser falante do espanhol e de claudicar o seu tanto em português, o engenheiro era capaz, como poucos, de apreciar o bom uso da linguagem. Para minha tristeza, não gostou de Ivan Lins, nem de Belchior. Rita Lee e Elis Regina ele já conhecia, mas não conquistaram o seu severo coração. Soube ao menos acatar a genialidade de Milton, o que já foi um avanço para quem, antes de nos conhecermos, acreditava ser Roberto Carlos o expoente da nossa música. E quando digo nossa não me refiro ao Espírito Santo, mas, tristemente, ao Brasil. Quase que naturalmente, a MPB foi eleita como nossa trilha sonora. Segundo Andrea, a cada vez que brigávamos, ele não podia ouvir certas canções de Elza Soares, nem a voz de Bethânia ou Gal Costa, porque feriam seu peito *como puñaladas*.

**V**ocê deve estar pensando agora sobre as questões de ordem moral que poderiam vir a ser cobradas de mim, caso tornasse pública uma narrativa com o teor destas mensagens. Pois eu começo a convencer-me de que o risco de uma represália não tem relevância, se comparado ao prazer (ou à necessidade) de contar, que já se apossa irremediavelmente de mim. E se bem a conheço, Vera, você agora deve estar contabilizando os outros prejuízos que podem vir daí, além daqueles decorrentes de eu confessar, por vontade própria, uma relação desse tipo, num país em que a bigamia é ilegal, embora todos saibamos ser ela ampla e irrestritamente praticada.

**P**assado um ano, com a natural acomodação de cada um ao seu papel e o consequente relaxamento nas ações, era tão grande a série de incidentes e trapalhadas em que Andrea nos metia e que ameaçavam pôr tudo em pratos limpos – a essa altura os pratos também já não eram tão limpos – que eu tive a impressão de que ele ansiava pelo dia em que o nosso romance se tornaria público. Somente assim o fantasma tão temido se materializaria, anulando o peso da sombra ameaçadora que se projetava à sua frente, ora tomando a forma do segredo, ora a da revelação. Talvez por se sentir sob a pressão de tais temores, justo quando abandonei o plano de abirmos o jogo, Andrea me declarou ser tamanho o estresse do sigilo que ele mesmo pensava em confessar tudo para Mira. Nas suas palavras, “*cualquiera situación es menos angustiante que esta*”.

— *Durante las horas de pico de la olla a presión matrimonial, el discurso de confesión, con todas sus letras, pasa por mi cabeza como un rayo y casi llega a mi boca: Sí, estoy con Dalva. Enamorado. ¿Qué hacemos ahora?*

A pergunta que em imaginação Andrea dirigia a Mira não resultava de um ímpeto meramente retórico. No fundo, assim como, diversas vezes, me solicitava que lhe ajudasse a solucionar os problemas do casamento, também acreditava, durante esses arroubos, que a esposa pudesse ser engajada na tentativa de solução das nossas dificuldades de amantes.

*¿Qué hacemos ahora?*

**M**esmo havendo entre nós uma rara alquimia, com o tempo, como era de se esperar, começaram a surgir inúmeros pontos de discórdia. O maior deles era o seu machismo arraigado, alimentado e expandido durante toda a vida, sem encontrar obstáculos pelo caminho. Nascido e criado numa cultura e numa família conservadoras e dali saído para se unir à representante de outro clã igualmente conservador, Andrea sempre navegou seu caballito de totora pelos mares tranquilos do domínio do macho. Apesar de ser, entre todos, o defeito mais detestável, porque se tratava de Andrea, eu relevava. O que não significa que, graças a uma cegueira romântica, eu não o enxergasse. Era o oposto: passado o estado paradisíaco primário, sobressaiu, cada vez mais, a incomensurável afinidade sexual. Em nome de uma dádiva assim, capaz de transformar um dia comum na promessa do sumo prazer realizável, quase todas as dificuldades eram superadas. Hoje, quando me lembro desse aspecto peculiar, envergonho-me de certo cinismo. Afinal, como fui capaz de tolerar em Andrea um traço que tanto abominava em outros homens? Possivelmente por não ter de passar com ele mais tempo que o necessário à preservação da aliança limitada que tínhamos. Eu usufruía de uma sexualidade satisfatória, ponto maior do meu empenho, sem ter de lidar com as agruras de uma união mais completa, ficando, até onde era possível, apenas com a parte prazerosa do convívio. É claro que a ideologia do supremacismo macho tinha espaço para se mostrar inclusive no tipo de elo que mantínhamos. Porém, como a relação não demandava as responsabilidades que traz um casamento, era fácil ignorar ou fingir ignorar esse traço. Ou então brigar por causa dele e, ainda assim, fazer as pazes ao final. Não me era impossível amar o machista, sabendo que em breve ele estaria distante, que não era meu companheiro e que não tinha o direito de pedir quase nada, além daquilo que já recebia: num caso assim, redundava o acordo tácito de que quem não tem o que oferecer nada pode cobrar. Consequentemente, a parte mais difícil da lida com Andrea ficava aos encargos de Mira.

**D**o ponto de vista de Andrea, as maiores virtudes de Mira eram, primeiro, o fato de ter se casado virgem; segundo, a fidelidade que lhe dedicava. Além de que, nas suas palavras, *ninguna otra mujer podría soportar las cosas que esa soporta*. As qualidades da mulher eram reflexos, portanto sinais invertidos, dos defeitos do homem. Suportá-los era a sua função. A dimensão do valor dela era medida pela gravidade das imperfeições dele. As qualidades eram tanto mais admiráveis nela quanto mais refletissem o que fosse defeito nele, condição adquirida por meio da resposta reativa aos desejos e necessidades do homem. A mulher e suas ações formavam, portanto, um peso suplementar no equilíbrio geral da relação. Daí que, na medida mesma em que um homem falha, melhor e mais sublime ele torna a mulher que é capaz de tolerá-lo. Por conseguinte, na relação conjugal, um homem deve errar demasiada e sucessivamente, de modo a conceder à mulher a capacidade inesgotável de, magnânima, perdoar.

O destaque que Andrea dava à eternidade (sic) do seu casamento, à originária virgindade de Mira e à sua atual castidade era constrangedor e motivava muitas das nossas discussões. Soava grotesco que, em pleno século XXI, um marido adúltero fizesse à amante a propaganda da castidade da esposa.

— *Mira, cuando la conoci, estaba muy convencida de la necesidad de mantener su virginidad.*

A conquista da virgem era a prova do quão irresistível ele havia sido como pretendente – ele precisava acreditar. Já à invicta convida era necessário que o cavaleiro andante, transformado em eterno marido, conservasse, mediante algum subterfúgio, os traços de um sedutor. Mantido (ao menos na imaginação) o contraste entre a conduta dele e a dela, sobressaíam as suas qualidades de pura e casta, ainda que a lógica do jogo da castidade tivesse como objetivo (paradoxalmente) a aquisição de um macho. Não me parecia um jogo muito limpo, e, sem poder jogar limpo um jogo sujo, parti para a mesma lógica moralista que tantas vezes, antes e depois, Andrea usaria contra mim:

— Você não acha que uma virgem assim tão resoluta teria resistido a você?

**S**erginho foi uma criança feliz. Desde cedo, sabia que seria escritor. No ensino fundamental, chegou a ganhar o disputado concurso de redação das escolas do município, sobre ecossistema. Adolescente, enchia as bordas dos cadernos com sonetos românticos e haicais intuitivos. Aos poucos migrou para a prosa. Iniciou com contos e crônicas e foi enveredando para gêneros de maior fôlego, como a novela e o romance. Crescido e assumido, teve os seus textos continuamente rechaçados pelas grandes, pelas médias e, ao final, pelas pequenas editoras da sua cidade e de outras. De dia, sonhava com o reconhecimento. Ao adormecer, tinha sempre o mesmo pesadelo recorrente, com seus textos: numa noite escura e sem lua, em meio a uma mata fechada, surgiam críticos literários como círios elétricos. Unindo-se numa clareira, pouco visíveis e às gargalhadas, lançavam seus próprios corpos na enorme fogueira onde lhe queimavam também o conjunto dos originais, a tinta de antigos fac-símiles estalando no ar em estrelinhas azuis. Aos vinte, não suportando mais tão longa série de negativas e maus agouros, apanhou a arma do pai, militar da reserva, entrou no banheiro e disparou um tiro nas têmporas. Sobre a pia, deixou o cancionero de Petrarca e alguns originais.

Era mais ou menos esse o resumo que um aluno me apresentou junto de um romance, pedindo que lesse e emitisse a minha franca opinião. Eu me sentia mal só de pensar em não atender a um pedido assim; era pior do que quando acabava cedendo. Por isso, devido ao grande número de trabalhos extra que aceitava para ler, algumas vezes eu passava fins de semana inteiros dedicados apenas a isso. Era a minha velha permissividade, três vezes problemática, porque dava vezo, ao solicitante, de imaginar uma amizade que não havia, porque fazia com que o trabalho de leitura e análise parecesse não ser um trabalho e porque abria caminho para a hipocrisia sobre o próprio material apresentado. E as três circunstâncias estão mais emaranhadas do que parece: a falsa ideia da amizade com o autor leva à hipocrisia, pela falta de coragem de dizer-lhe a verdade, o que magoaria um presumido amigo; as duas juntas conduzem à suposição de que

a leitura crítica não é um trabalho como outro qualquer, pelo qual se poderia, inclusive, cobrar; o fato de não se cobrar pelo trabalho encaminha para a hipótese de que não é um trabalho sério e verdadeiro, e que, portanto, se pode fingir uma opinião positiva para agradar o suposto amigo, retornando assim ao início do ciclo de enganos. Considerando longamente cada um desses pontos, resolvi então fazer diferente. Em vez de aceitar, insisti no ponto relativo à honestidade, acreditando que dessa feita eu mesma não seria vítima da minha ampla complacência enaltecedora.

— Tem certeza que vai aceitar a minha opinião? E se ela não for favorável? Não vai ficar chateado comigo?

O meu maior temor, no fundo, não era participar de uma farsa; era vir a me arrepender de ter contribuído, quem sabe, para uma desistência prévia da carreira literária. Ou, pelo contrário e ainda pior: emitir uma opinião positiva sobre um primeiro romance de um jovem autor e fazer com que se acomodasse, impedindo-o, quem sabe, de realizar outras e melhores escolhas quanto à escrita. São decisões muito mais difíceis que avaliar trabalhos acadêmicos, aos quais se atribui uma nota, boa ou ruim, mas sempre protegida pela máscara pedagógica.

— Não, professora! Escolhi a senhora porque lê os nossos textos com cuidado, e sei que vai ser franca comigo!

Como ele pode saber isso?, pensei, e apenas sorri, ao apanhar das suas mãos brancas a pasta de elástico em papelão preto, mais pesada que o maço de folhas A4 que eu esperava receber. Era o tipo de tarefa que me tirava o sono, devido à luta que as sensações travavam em mim a partir do momento em que acolhia um escrito: frustração por não ter sabido dizer não, receio de causar mal-estar, pavor de um futuro mal-entendido. Antes mesmo de iniciar a leitura daquelas cento e tantas páginas, eu já listava na cabeça motes e tons para, mais uma vez, disfarçar os comentários desagradáveis que, intuíva, teria de fazer. E o meu mal-estar não era sintoma apenas do preconceito em relação à aptidão literária de jovens estudantes de Sistemas

de Informação. É que o conjunto de tarefas desagradáveis impostas a um professor no âmbito da escola é imenso, muito maior que a parte satisfatória, e contabilizar as horas perdidas com tarefas burocráticas enfadonhas ao longo de duas ou três décadas de profissão pode revelar uma espécie chocante de suicídio pedagógico ou literário. Por isso, costumava me livrar de tarefas desse tipo com a maior rapidez, como quem limpa uma pia, eliminando o acúmulo de louças sujas antes da próxima refeição.

Dessa vez, porém, foi diferente. Todas as noites, antes de dormir, eu olhava com preguiça para a pasta preta, deitada sobre as pastas das disciplinas daquele semestre. Algumas vezes cheguei a tocá-la, mas havia logo abaixo um maço de projetos a revisar me chamando para atender às demandas metodológicas específicas de cada orientando, e, ao lado deles, postas na horizontalidade do modo urgência, pilhas de provas por corrigir, organizadas por matéria, as quais em breve dariam lugar a outras provas, ainda por formular, e aos trabalhos específicos de fim de semestre. Era proibido aplicar menos de três instrumentos avaliativos a cada turma. Além disso, havia os planos de aula e de curso, mais os planejamentos semestrais obrigatórios e os relatórios sobre as tarefas desenvolvidas no semestre anterior. E as famigeradas pautas para registro de conteúdo, frequência e nota, aguardando no Sistema Acadêmico. Mas tudo isso teria seu lugar nos intervalos dedicados ao planejamento, por entre aulas, atendimentos, orientações, conselhos de classe, de pais e mestres, reuniões ordinárias e extraordinárias, de colegiado e de núcleo docente. E ainda que o adiamento da leitura do romance do aluno me causasse insônia, daquela vez, numa decisão incomum, resolvi, deliberadamente, protelar o quanto pudesse.

As semanas deslizavam rápido entre planos e pautas, e a cada dia aumentava o meu constrangimento de ter de passar de mãos abanando pelo candidato a romancista, no corredor. Os olhares que me lançava, disfarçados logo em seguida, diziam que ele sabia que eu sabia de segredos íntimos seus, eu que agora era a guardiã do seu tesouro de palavras. Uma palavra minha e ele seria decretado escritor.

Os seus escritos poderiam ainda – talvez já estivessem fazendo-o, ele supunha – mudar a minha vida para sempre, e, quem sabe, a dele. Durante meses alimentamos aquele duelo de olhares eloquentes e bocas fechadas. A cada vez que nos encontrávamos na fila da xerox ou na cantina, comprando café, não havia naturalidade possível, pela simples razão de que eu era a pessoa que tinha lido – ou estava lendo – o seu romance.

Comecei diligentemente a evitá-lo. Já se iam seis meses e eu ainda não havia iniciado a leitura. Para ele, meu silêncio significava das duas, uma: ou eu não havia sequer aberto o livro, o que denotava um desinteresse inaceitável pelo material que me foi confiado num gesto tão puro; ou começara a ler e não gostara do que encontrei, evitando, por delicadeza, tocar no assunto. Aquele semestre passou e findou assim, em brancas nuvens de papel.

Aproximando-se o início do novo período, mas ainda no finalzinho das férias, como o jovem escritor se inscreveu numa disciplina optativa que ofereci, ao ver o seu nome, previamente, na pauta, fui logo me impondo um tempo para a leitura do tal romance, custasse o que custasse. Não suportaria aquele olhar constrangido no meu olhar constrangido por mais um semestre. Iniciei a leitura de manhã, bem cedo. Findas as primeiras trinta páginas, devoradas de um jato, tive a certeza de estar diante de um talento promissor. Continuei lendo durante todo o dia, envolta naquela trama que alinhavava situações comuns, porém narradas numa linguagem ao mesmo tempo pensada e poética, mas sem perder, em nenhum momento, a consciência da importância da ação – tanto quanto de provocar emoções – para o universo ficcional. “Espalávamos!”, escrevi a lápis na borda inferior da última página, preparando-me para uma conversa acerca do texto, tanta observação eu tinha a fazer sobre a riqueza surpreendente da psique das personagens, a desenvoltura no manejo do idioma, a mão firme para a difícil arte de construir diálogos. Antecipava para mim a alegria que lhe daria com aquelas palavras de real incentivo, compatível com a alegria que me dera a leitura da sua bela narrativa, de

cujo enredo eu já me despedia saudosa, tão íntima ficara das personagens. Cogitei sugerir, ainda, que evitasse fazer coincidir com seu nome próprio o nome do protagonista anti-herói.

No primeiro dia de aula, levei entre as minhas pautas impressas a pasta com o material precioso. Enquanto caminhava pelo corredor, pensei em devolvê-la com poucas palavras, sentenças curtas o suficiente para que pairasse no ar o desejo de continuidade do diálogo, mas animadoras o bastante para não deixarem dúvida sobre a qualidade que vi no que avaliei. Cogitei marcar no mesmo dia um horário para conversarmos, deixando o rapaz, por enquanto, a saborear apenas o meu adjetivo (“Esplêndido!”), marcado ali na caligrafia tão conhecida sua. Ao chegar à que seria a nossa sala no curso da nova disciplina, frustrei-me com o fato de ele não ter comparecido à primeira aula. Naturalmente, o feitiço tinha se virado contra o feiticeiro, e eu, que durante tanto tempo o tinha evitado, agora estava mais interessada em transmitir as impressões de leitura do que ele mesmo em recebê-las, ao que tudo indicava.

Sentei-me para fazer a primeira chamada, e, já ao fim da lista, ao dizer o seu nome em voz alta, notei que alguns estudantes se entreolharam com um ar que me pareceu de consternação. A líder da turma baixou o rosto para o tampo azul da carteira, riscando-o sem riscar, com suas grandes unhas de silicone. Virando-se depois na minha direção, olhou-me com olhos que me pareceram de um boxer tristonho:

— Professora, a senhora vai ter de imprimir uma nova pauta. O Sérgio não consta mais.

— Não consta mais? Como assim, não consta mais?, perguntei, freando no meio da frase, com receio da resposta, que eu nunca soubera ler, mas que de certo modo sempre esteve lá, e que agora estava inscrita em todos os rostos, na unha, na lousa, nos livros, nas janelas, em cada canto daquela sala repentinamente vazia e um tanto sem sentido.

Pedi licença para não dar aquela aula. Não consta mais! Como o registro de dívidas antigas nos boletos bancários, como produtos vendidos retirados das gôndolas, não consta mais. Nunca mais pude ouvir

o verbo constar sem fazer uma longa digressão sobre meus conceitos e vastos preconceitos de leitura, sobre as fronteiras entre a realidade e a ficção, e, inclusive, sobre o alcance e a importância da literatura.

Nas noites seguintes, não dormi. Escrevi seis páginas acerca do romance, intitulado *Ouro e joio*. Era uma longa carta crítica de fundo biográfico, traçada a partir da pequena faceta que conheci do aluno-autor. Enderecei-a “ao talentoso escritor Sérgio Droste” e entreguei, junto dos originais, à sua mãe, logo após a missa de sétimo dia.

Em histórias como essa, tristes ou alegres, inventadas ou não, que eu lhe narrava, Andrea encontrava sempre algum recôndito potencial literário, me instando a contá-las por escrito. Algumas vezes chegou a insinuar que eu poderia aproveitar nos meus textos as suas próprias histórias, relatadas por ele com gosto peculiar. A crônica da primeira mulher com quem teve um caso, por exemplo, entregou-me de mancheia, recheada de detalhes.

— *Susana era una mujer tranquila, dulce y apasionada. Además, su cuerpo había sido tocado por los dioses. Yo siempre supe que su interés por mí era profundo y verdadero. Hacíamos planes para un futuro juntos. Desde el principio, yo también me enamoré perdidamente de ella al punto de creer que sería el fin de mi matrimonio.*

— O seu casamento ainda não era eterno, naquele tempo? Não pensei que um romance assim pudesse ameaçá-lo! — eu implicava, tentava diluir no sarcasmo o ciúme pelo elogio feito à outra, além da ofensa devida à diferença no status do casamento, antes e então.

— *Bien, cualquier romance, en principio, es una amenaza suficiente para un matrimonio* — sustentou o mestre da coerência.

— Por que se afastaram, então?

— *Susana hizo justo lo que me prometió que nunca haría. Una tarde, cuando llegué a casa, allí estaba sentada en el sofá a los pies de Mira, con aires de quién acababa de hacer sus más íntimas confidencias, y desde entonces Mira nunca más fue la misma.*

Eu não quis saber mais sobre o caso. Apesar de ter achado algum interesse ficcional numa história assim, com nuances de drama e

romance, gorei logo, ressentida, qualquer projeto de escrita que tenha passado pela minha cabeça – ou pela dele, conforme eu notara no seu olhar. Diferentemente do que sentia em relação a Mira, eu tinha ciúmes retrocessos do seu envolvimento com Susana, e as minhas veleidades literárias se esvaíam diante de sensações difíceis; eu nunca conseguiria contar aquela história. Meus anseios mais contraditórios, nesse período, resumiam-se a uma vasta plantação de flores perigosas (porém delicadas, exóticas e coloridas), feita sobre a terra fértil de um campo minado.

Ao contrário de mim, Mira era direta, previsível e racional. Segundo Andrea, ela jamais havia mudado de opinião acerca de algo ou alguém, desde que se conheceram. Ao dizer isso, numa comparação silente, porém bastante incômoda, ele acusava a minha propalada inconstância. Com Mira – fazia questão de frisar –, ele sabia em que terreno estava pisando, de que material era feito o piso, quais os revestimentos mais indicados e quanto custava cada centímetro daquela solidez. Tinha certeza, por exemplo, da fidelidade da esposa e de que ela nunca estivera, nem viria a estar, com outro homem:

— *Es una condición sin la cual no se mantiene la relación. Y te diré una cosa más: por entrenamiento, estoy seguro de que ella me amará por la eternidad.*

Nesse ponto, já não me segurei:

— Sério? Entrenamiento? E qual é o curso que prepara uma pessoa pra isso?

De repente eu era uma criança contrariada que se defende de uma injustiça grande demais para suas poucas forças. E nem é preciso dizer que, armada com minha ironia, despertei a ira do dragão de Andrea, a essa altura reagente a tudo o que ameaçasse profanar o firme conceito que tinha do seu inabalável matrimônio, invólucro imaculável da sagrada família.

**E**m meados de 2010, Andrea e eu saímos sozinhos à noite pela primeira vez. Escolhemos um bar rústico dum recanto quase ermo, na orla de Verchuvenda. De início me espantou a sua rudeza ao dirigir-se ao garçom. Tratava-o como presumo que se tratasse, em outras épocas, a um escravo; e não um escravo qualquer, mas um escravo pelo qual se tem repulsa, e nas costas de quem, sendo possível, se limpariam os pés. Supus que estivesse descontando no rapaz algum sentimento ruim; que o infeliz, por azar, fizesse Andrea lembrar alguém. Cheguei a cogitar que já se conhecessem e que estivesse se desdobrando ali, diante de mim, alguma rusga iniciada em outra ocasião. Andrea reclamava de tudo: copo sujo, cerveja quente, comida ruim. Sugeriu que fôssemos a outro lugar; não quis.

— Se eu fosse você, não reclamava mais. Lá dentro ele pode cuspir no seu prato. E a gente não veio até aqui pra se chatear, poxa.

O garçom aceitava, plácido, o tratamento que Andrea lhe dava. Em pouco tempo, já mimava o cliente de maneira indigna. Ao final, os dois acabaram se comunicando de um jeito aparentemente amistoso, apesar do tom imperativo de um e da servilidade do outro. O mais incrível era que nenhum gesto do rapaz demonstrava uma luta interior para seguir nos atendendo. E como o julgar, não estando na sua pele? Era ele quem tinha de se manter naquele emprego, retirando o seu sustento do ato de servir a qualquer um que se dispusesse a pagar pelo serviço.

Terminada a noite longa, eu era a única pessoa incomodada, o que me redobrava a repulsa pela situação. Fomos embora bem antes do esperado, sob o tchauzinho estranhamente simpático do garçom e contra a vontade de Andrea, que a essa altura já amava o lugar. Quase nada falei sobre o constrangimento daquele tipo de cena, não havia clima. Era inevitável, porém, a comparação: jamais qualquer um dos meus amigos mais mal-humorados ofendeu alguém sem motivo, num bar ou num restaurante. Andrea aparentava não saber diferir entre as limitações do serviço prestado e uma provocação pessoal. O mau atendimento soava como uma ofensa à qual

tinha de revidar, em nome da ordem. Aos poucos fui notando que a sua régua era sempre mais implacável com os humildes, não importando se era homem ou mulher, jovem ou velho, se a pessoa se aproximava sorrindo, se estava grávida ou se já ia alta a madrugada para aquele trabalhador – tudo perdia a relevância quando se tratava de satisfazer os seus desejos, de corresponder ao seu altíssimo ideal: era assim com dona Olga, com os pedreiros, com o guardador de carros e o caixa do supermercado, o frentista do posto e o garçom. Foi a minha primeira decepção.

**E**u também me pergunto, Vera: por que não reagia ao conservadorismo e à arrogância? A resposta parece simples: a despeito disso, o que tínhamos nessa época era intenso, e Andrea – é preciso reconhecer – se fazia presente no meu dia a dia com uma constância e uma persistência comovedoras. Além do mais, uma pessoa se apaixonar não porque apareceu alguém especial; menos ainda por ter enfim encontrado a pessoa, mas sim quando a vida está tediosa, e nada parece extraordinário. Surge daí a paixão por aquela, entre as possíveis, que calha de estar à mão, desde que aparência, temperamento e conduta não venham brutalmente de encontro aos nossos nichos de resistência. Os critérios de seleção não parecem coerentes. Basta revermos algumas pessoas pelas quais um dia fomos apaixonados, e surge a pergunta: como fui capaz de passar por ali? É a fome grudada ao apetite: estamos carentes e surge aquele que supre, temporariamente, mesmo que nos devaneios, a nossa carência. Quando a carência é de ambos, e ambos se sentem correspondidos, temos matéria para um romance como aquele, para um romance como este, para todos os romances que ocupam vaga nos manicômios e enchem as prateleiras das bibliotecas. Pensando bem, mesmo esse apelo ao Acaso, praticamente um Destino atacado de bipolaridade, que nada determina, enquanto tudo determina, deve ser desmistificado. Basta pesar a mão sobre um dos polos. O Acaso é uma boneca de pau (ou um Destino traveco), a Cupida pirada cheia de perfume barato, seringa na mão, mirando aleatória os corações para aplicar o sentimento louco, sem antídoto, nem explicação.

**N**um dos finais de semana do verão seguinte, encontrei Andrea, por acaso, no bar do Skinner, praia de Altabahi. Eu estava sozinha; ele, com a família. Convidou-me a sentar; aceitei. Percebi que Mira, diante das pessoas que vinham atendê-la, agia exatamente como Andrea: a polidez necessária ao convívio, ainda que momentâneo, inexistia. Muitas vezes tentei pôr o problema da rudeza de modos na conta do mau uso, pela mistura, dos modos verbais nos dois idiomas, o nosso português pedinte sendo de repente possuído por um espanhol bem mais imperativo. Ali, porém, tive certeza de que o comportamento de Andrea era uma cópia das atitudes da mulher. As suas escolhas resolutas entre duas opções, nas mais variadas situações, eram, na verdade, uma emulação inconsciente dos modos de Mira, rigidez que o marido adotava sem questionar, devido à necessidade de ter sempre alguém (de preferência uma mulher) que lhe apontasse o caminho a seguir e, de quebra, lhe dissesse de que modo, em que marcha e com que velocidade esse caminho deveria ser traçado.

Também poderia ser o contrário, cogitei, mas era clara (ao menos nos ambientes públicos) a ascendência da personalidade dela sobre a dele. Aliás, é bastante comum que, na vida social, o comandante seja comandado por sua suposta comandada, não era a primeira vez que eu via esse fenômeno se desdobrando em ação. E sempre me perguntei sobre onde, quando e como as posturas se invertiam. Por que razão, sendo a mulher reconhecida como destinada a servir ao macho no âmbito da vida matrimonial, ele, dono de cetro e coroa, permite que ela diga como ele deve agir, e precisamente no espaço público, onde vigoram as opiniões?

Por fim, o tratamento que o casal dava aos que lhe serviam diferia também do modo como parte dos abastados, por aqui, lida com os trabalhadores braçais: em geral o ódio de classe é exposto em forma de indiferença, ausência de empatia ou altruísmo; em última instância, falta de reconhecimento da humanidade, no outro. No caso de Andrea e Mira, não se manifestava como indiferença; soava antes como um mal-estar, um incômodo quase físico com a presença (ou

a existência) do outro, uma tentativa de afirmação da própria importância, no uso de uma ínfima porção de poder perante seres em geral já bastante maltratados socialmente pela sua condição de explorados. Intentavam marcar assim a diferença diante de uma casta não tão distante da sua quanto a sua alegada pertença de classe lhes fazia crer.

Naquele dia, no Skinner, o problema era uma porção de feijão tropeiro – pelo que entendi, faltava um dos ingredientes –, mas em outras ocasiões as reclamações girariam em torno de detalhes que podem até ser importantes, mas que são difíceis de garantir num modesto restaurante de beira de praia, como a temperatura exata de um prato ou bebida ao chegarem à mesa. Acontece que os peruanos têm um tempero tão refinado e tão puro paladar! Sua culinária, conhecida e respeitada em todo o mundo, é ensinada na escola desde a primeira infância. Com isso, na cozinha situam-se acima de qualquer mortal, especialmente dos que tiveram a infelicidade de nascer brasileiros, e, mais ainda, dos vitorianos, com as suas moquecas de meia-tigela, pimentas que não ardem, carnes mal cortadas, peixes nunca frescos, espigas de milhos com caroços falhos e essa ínfima variedade de batatas aguadas e sem sabor.

Com o passar do tempo e a minha insistência em que o trato tinha de ser mais suave, Andrea poliu-se um pouco, ao menos quando em minha companhia. Insistiu, todavia, no argumento cultural: que em seu país era essa a prática, e que, desde que se pague por um serviço, não há por que fazer concessões. *Quién paga los pedidos, no pide*. No embalo retórico, o salto do cultural para o capital era quase imperceptível, mas tão desonesto que desestimulava qualquer contestação mais séria.

**D**e depois do encontro no Skinner, passados longos meses sem que nos reencontrássemos a três, Andrea repetia que, caso eu pudesse ver a ele e Mira juntos, sentiria pena. Não foi exatamente o que senti quando os vi, um dia, caminhando pelas ruas de Calabar. Iam tão distantes um do outro, que pareciam nem se conhecer. Ela, visivelmente aborrecida, trazia a cara emburrada e batia os pés na calçada com passos firmes feito os de um soldado. Ele, dois metros atrás, seguia sem vontade, tinha a expressão resignada e o olhar sem viço. A criança, no colo do pai, esticava o braço em direção à mãe, e, uma ou outra vez, no compasso da caminhada, chegou a tocar-lhe o ombro. Fiquei uns minutos olhando-os de longe, através do vidro do carro. A cena, que abarcava o corpo em movimento de Mira e os dedos ziguezagueantes da criança, como uma criação de Adão às avessas, representava o único elemento que, paradoxalmente, poderia unir Andrea e Mira: a relativa separação, também chamada liberdade. Quando a ofereci numa bandeja – eu era a mão providente do Destino, disfarçado de Acaso –, nenhum dos dois quis agarrá-la. Como você sabe, Vera, sugeri primeiro a bigamia aberta e consensual, e, ao final, como verá, novamente acenei com a bandeira incompreendida da sinceridade, dessa vez de modo involuntário, ao sermos descobertos por Mira, que pôs abaixo, de uma só vez, a sua sagrada família e o meu adúltero barraco. Eu me propunha, modestamente, ser o respiro necessário àquela relação combatida. Era uma saída arriscada, porém mais promissora que o inequívoco sufoco daquele calabouço a que ambos se submetiam por conformismo e um pegajoso senso de obediência às normas.

Mas não vá pensando que Andrea fosse um herói sem nenhum caráter. Não. Era algo sutilmente diferente disso: era um herói à procura de um caráter. No fundo, o que ele mais queria era ser um homem honesto, gentil, leal e verdadeiro. Assim como eu desejaria, hoje, ser um pastor de ovelhas medieval. Reconheço que ele fazia esforços além das suas capacidades para manter um casamento sólido e harmônico, e aqui não vai qualquer ironia. O que Andrea mais desejava era não

desejar outra mulher e conseguir viver em avença com aquela que lhe pertencia, ainda que ele soubesse – sobre isso, já não alimentava ilusões – que jamais (e cada dia menos) os dois juntos poderiam ter uma vida afetiva (ou sexual) satisfatória. Acreditava, contudo, que a fidelidade de Mira estava garantida, que o amor resistiria e que o casamento era eterno. Acontece que até mesmo dúvidas e contradições fazem falta aos que habitam sob o mesmo teto, aos que não têm mais sobre o que falar e a quem sobra tempo para fazer o amor que, seguramente, já não desejam fazer. Alguns amantes, por outro lado, alcançam sem esforços a dádiva de um convívio alegre. A esses costuma acontecer de, mesmo o desejando e parecendo natural que fizessem amor, serem separados pelas obrigações individuais, tendo de adiar os prazeres da cama para quando surja uma nova oportunidade. No nosso caso, cada uma dessas felizes ocasiões era arquitetada por Andrea minuciosamente, dentro da sua complexa agenda oficial de trabalho e casa. Com os casais de esposos, em geral se dá o contrário: por mais tarefas que cada um dos dois tenha que desempenhar, sempre haverá tempo disponível para o sexo. E tempo de sobra sobeja. Por horas a fio lá estarão os corpos, a cama e a noite, todos os dias das suas vidas. Por que razão haveria urgência em tomar aquilo que o tempo dá de graça e está sempre à mão?

**M**ais um sábado quente e úmido foi lançado para fora do relógio pelo movimento centrífugo dos ponteiros, mas não sem antes ter cantado e dançado, alegre como é tudo aquilo em que pomos inteira a certeza de que terminará bem, aquilo que só mesmo um acidente brutal pode interromper antes que chegue ao termo desejado. Para isso, como de praxe, tínhamos silenciado interfone e celulares, trancado portas e janelas, e mais exterior não havia.

(O parágrafo inteiro de um dos nossos encontros mais felizes fica preservado neste parêntese.)

Por volta das três, nos despedimos combinando de nos vermos, na manhã seguinte, na Ponta dos Fachos, praia do Neanto. Às nove horas de domingo, estávamos todos pisando a areia da praia e comentando, falsamente surpresos, a coincidência do encontro das duas famílias ali, longe da nossa ilha de origem, dentro da qual, apenas nós dois sabíamos, estava escondido o baú de Andrea e Dalva.

Não havia uma nuvem no céu. O sol tinha feito uma faxina. Trinta e sete graus em Vitória, trinta e cinco em Serra. Foi um dos últimos encontros a que me encaminhei, desta vez semivoluntariamente, sabendo que Mira estaria presente. De minha parte não havia o desprante que pode aparentar agora. Os lugares onde simulávamos nos encontrar ao acaso eram mesmo aqueles que eu frequentava com as minhas crianças. Forçado, portanto, nesse caso, teria sido evitar o passeio, que não era bem uma coincidência simulada; era quase que o oposto: eram duas simulações, a minha e a de Andrea, que coincidiam. De mais a mais, grande parte desses lugares ele sequer conhecia antes que eu os houvesse indicado. A cada vez que eu lhe descrevia uma paisagem, ambiente ou comida, o entusiasmo acabava por conduzi-lo até lá. Dali por diante, era apenas questão de tempo para que as coincidências comesçassem a acontecer espontaneamente.

Foi então que conheci Jól Ismert, o cantor de pizzaria que Andrea apresentava como melhor amigo. Também ele morava há uma década no Brasil, mas, diferente do meu inca, não tinha nenhum resquício de sotaque e, inclusive, cantava em português. Melhor dizendo:

tinha sotaque paulistano e um vocabulário amplo o suficiente para fazer crer que se tratava de um brasileiro nato, de cultura mediana. Sendo a música um dos meus grandes deleites, você bem pode concluir, Vera, que não foi difícil trocar ideia com o cantor. Após o banho de mar, nos dirigimos sem pressa a um restaurante conhecido pela moqueca saborosa, e que ainda hoje funciona numa construção de madeira rústica cujo piso de vidro permite ver os peixes nadando no aquário, que é um pedaço do mar delimitado lá embaixo. Animais cruéis que somos, queremos saborear à mesa, cercados de perfeitas higiene e etiqueta, cada uma das espécies que habitam conosco. No entanto, não abrimos mão de, simultaneamente, apreciar a beleza das futuras vítimas ainda no seu meio natural, pulsando com vida e em liberdade. Enquanto caminhávamos da orla até o restaurante, Mira e Andrea iam deliberando em voz alta sobre que roupa colocar na criança, se ela permaneceria descalça ou calçaria as sandálias... Lá chegando, a controvérsia era primeiro sobre que mesa escolher, e, depois, acerca do prato a pedir. Escolhas bobas, óbvias, chatas ou rotineiras se transformavam sempre em questões de importância, em algo a se discutir. Devido a uma dessas confluências de humores que ninguém consegue explicar, em meio à pequena trupe interoceânica que formamos ali, naquele dia apenas as crianças pareciam verdadeiramente contentes, rodando pela areia com suas pazinhas de plástico e baldes coloridos. (Dali a anos, quem sabe, naquela mesma costa, trariam à tona com zelo finas porções de areia molhada que amiúde tentariam empilhar e defender dos tentáculos da marola, e em cujos resultados somente elas próprias veriam lindos castelos.) Com os olhos grudados nas gêmeas, que brincavam numa minúscula gangorra de plástico na meia varanda do restaurante, aboletei-me ao lado de Jól numa namoradeira toda rústica que ficava ao lado de fora, sob a sombra gigante das castanheiras. Eu explicava a expressão idiomática que aparece no refrão de uma antiga canção de Maysa, a qual ele dizia cantar sem entender, supondo que se tratasse de um koan feito para enganar estrangeiros, brincou. Tive de me conter para não

comentar que o verso “moro num país tropical”, do Jorge Benjor, parecera a Andrea, ao chegar ao Brasil, uma conversa de esfinge, já que não conhecia ainda o verbo morar, inexistindo em espanhol um correspondente exato. Era hilário ouvi-lo cantar, debochando da pronúncia aberta do *o*: *Móóóru num país tropical...* Jól e eu ríamos bobamente desses empecilhos idiomáticos, quando notei que Andrea acompanhava de longe, com um olhar esquisito, cada um dos movimentos que fazíamos. Tinha o cenho franzido, e, andando com a filha no colo de um lado para o outro, exibia uma cara de poucos amigos. Uma ou duas vezes, Mira se aproximou e pendurou-se ao seu pescoço, tentando beijá-lo no rosto, gesto que ele, meio absorto, rechaçava um tanto automático. Do outro lado da aleia de castanheiras, ofereci a Jól um gole da caipirinha que mornava no meu copo. A essa altura eu ainda não conhecia os ciúmes ogros de Andrea. Nem pensava que dar de beber a alguém denotasse maior intimidade, conforme argumentou depois, insinuando que eu teria jogado um charme para Jól.

No dia seguinte, uma segunda-feira abafada e sem sol, Andrea chegou a minha casa mais cedo que de costume. Deixou a prancheta sobre um banquinho, na entrada, golfou um bom dia mais para dentro que para fora e deu início a um assunto qualquer, desses que só servem de mola propulsora para o que se pretende de fato dizer. À medida que falava, um ríctus esquisito lhe marcava os músculos do rosto.

— *¿Y qué piensa usted? ¿El viaje de ayer fue productivo?*

— Viagem? Ah, sim, achei ótimo. As meninas se divertiram. E você? Gostou?

— *¡Sí, pero alguien debe haber disfrutado más que yo!*

— Ah é? Quem?

— *El húngaro parece haber aprovechado más que todos, ¿no crees?*

— Não sei. Você chama o seu amigo pelo gentílico, agora?

— *A veces, dudo de su amistad.*

— Não sabia. E por que isso agora?

— *Porque sí.*

As perguntas iniciais pareciam ter dormido sobre a língua de Andrea, feito uma maçã passada, entre os restos de um leitão devorado. Visivelmente maceradas graças aos eflúvios da insônia, elas vinham à tona com o jeito de um monólogo decorado, polido no ácido. O fato de o tema ser novo para mim não me ajudava a tentar conduzir a conversa, no improvisado, para outros lugares.

— *Yo le di tu teléfono. ¿Hice mal?*

— Deu meu número a ele? Por quê? — perguntei enquanto lavava umas frutas para a salada.

— *Porque él me preguntó, porque parecía interesado y porque creo que eres una pareja hermosa.*

Andrea estava abatido, as mãos apresentavam um leve tremor, algo incomum para quem trazia as garras sempre admiravelmente firmes.

— Ah, entendi! — ironizei delongando o *a* até os limites da antipatia.

No início achei graça na cena. Estava certa de que, diante do meu óbvio desinteresse por Jól, as desconfiças de Andrea sumiriam rápido como o amargo de uma noz, deixando apenas o rastro mágico das primeiras demonstrações de zelo, que em geral caem bem, desde que sejam corretamente aplacadas, à mesa ou na cama, seu destino natural. Mas ele ignorava os matizes sutis do quadro que criara e se excedia de novo na provocação:

— *Llama a Ismert. ¿Ya tienes el número de él?*

— Não, não tenho. Mas você acha mesmo que podemos nos dar bem? — perguntei, já impaciente com a insistência no jogo chatíssimo.

Num instante, toda a graça do diálogo se esvaiu. Andrea continuava falando sério, e o meu tom brincalhão exacerbava as suspeitas que o traziam a minha casa àquela hora da manhã. Seu mal-estar agora era quase palpável. Aproximou-se da janela como quem sufoca, contendo os movimentos, mas com umas feições que davam medo. Tentei trazê-lo de volta ao bom senso com a prescrição mais didática

possível, valendo-me de uma afirmativa tão óbvia que chegava a ser arriscada, perigando minar de vez a difícil confiança do ciumento:

— Não posso proibi-lo de dar a ele meu telefone, mas, lembre, eu não lhe pedi pra fazer isso.

Dito e feito. Beliscou a isca da ironia e aumentou o tom das acusações, às quais eu reagia aguçando o sarcasmo, pelo absurdo da situação. Inacreditavelmente, Andrea tentava fazer crer que a causa de toda a confusão era o simples fato de eu ter deixado que Jól provasse da bebida direto no meu copo. Na sua visão, a borda da taça era o nono círculo, o dos luxuriosos. A cena foi me incomodando mais e mais. Vendo que não chegaríamos a um bom termo, abri mão do apelo racional. Iniciei então a mais óbvia das estratégias de defesa, o contra-ataque, só que com nuances de voz meio chorosas e a melhor cara de ofendida que eu conseguia fazer:

— E você, Andrea, como acha que eu me sinto vendo você ao lado de Mira? Como, hem?

O argumento frágil, lançado meio ao acaso e quase sem esperança numa mudança de rumos, imediatamente lhe apaziguou a fúria, para minha surpresa. No assunto ciúmes Andrea era expert, e a resposta veio mais rápida do que eu poderia esperar. A expressão no seu rosto de repente era outra, misturava arrependimento pelo drama e curiosidade pelo que eu ainda tinha a dizer. Logo se aproximou, de todo mudado, enquanto eu beijava vezes seguidas, de leve, mas incisiva, seu ombro e o pescoço bronzeado. De repente ele estava pronto a beber cada palavra que eu lhe entregasse. Era esse então o móvel da visita e da cena deplorável: Andrea tinha vindo em busca de uma certeza que apaziguasse as suas inseguranças. Carecia, com urgência, da minha declaração de amor, e ela se iniciaria no pescoço...

— *No te puedes imaginar los esfuerzos que hice para escapar de los ataques de Mira... Hice lo mejor que pude para que no nos vieras besándonos* — disse num tom suavíssimo, por entre amassos bem dados e bem recebidos.

— Pois é... você tem que entender o meu lado, também. Pensa que é fácil, pra mim, ver você beijando outra mulher? Hem? Como você acha que eu me sinto?

— *Pero, mi amor, yo no besé a Mira ni una vez. Ella era la que me estaba atacando, un comportamiento inusual, que nunca antes había tenido. Esto solo puede ser una señal de que ella nota algo. Creo que nos estaba probando a los dos.*

Com o tempo, o uso de táticas como essa se naturalizaria na nossa rotina e eu passaria a empregá-las sempre que necessário, não me permitindo exasperar tão facilmente pelos excessos dramáticos de Andrea.

— Está bem, mas, olha: não foi nem um pouco agradável pra mim!

— *Escusa, mi amor!... Y... ¿qué harías si alguna vez nos besáramos delante de ti?*

Embora achasse natural e óbvio que acontecesse, aproveitei para valorizar o contraponto, suspendendo o entusiasmo dos carinhos que nos fazíamos:

— Experimente deixar que aconteça, e veremos. Mas, seja como for, farei questão de retribuir, pra que você sinta na pele o mesmo que sinto eu.

Após um silêncio longo, fora do tempo do script, quando o áspero da conversa caminhava para uma solução pacífica, o dragão de Andrea estourou a bolha da aparente paz.

— *Dime: ¿por qué debo creer que no te gustó el húngaro, si incluso te involucras con un hombre casado?*

Enquanto eu penetrava melíflua o território da trégua, Andrea, de volta à tormenta, encontrava, no fundo do mar da sua mágoa, a mais deplorável pérola do moralismo machista. Nesse ponto, o meu humor mudou de um jeito que nem eu nem ele esperávamos, e acabei enxotando-o de casa. A agressão à lógica era mais ofensiva que o cinismo, mais nociva que a própria extravagância moral em que há

tempos nos emaranhávamos. Sob a minha saraivada de imprecações inclementes, saiu cabisbaixo, pálido e mudo.

Foi o bastante para que, no dia seguinte, voltasse pedindo perdão pelo disparate e justificando a cena como *resultado de celos incontrolables*. Desde esse dia, nas poucas vezes em que estive com Mira na minha presença, fugiu dela de todos os modos possíveis. Permanecemos, portanto, nos limites do pacto: nunca os vi trocarem um selinho sequer; nem eles a mim.

**D**ois dias depois do meu aniversário e dois antes do seu, marcamos no bar do Proveta, na Volta da Iracema, indo cada um no seu carro. Ao fazer o retorno sob a Ponte Grande, notei, como quem vê um fantasma, o carro de Mira passando em paralelo e muito próximo ao meu. Como se o diabo jogasse xadrez, nossos carros eram, na época, dois Gols de mesmo modelo, praticamente idênticos, com a diferença de que o de Mira era preto, e o meu, branco. No rol das suas anedotas cotidianas, Andrea apelidara-os de Ébano e Marfim.

Vitória não é uma cidade grande a ponto de um fato como esse poder ser considerado uma incrível coincidência, mas também não é pequena o suficiente para que um encontro entre a esposa e a amante que segue justo ao encontro do marido, digo, do amante, desautorize um certo temor. Ao emparelharmos sob o semáforo fechado, antes que ela virasse à esquerda, e eu à direita, vi, no banco do carona, os olhos da mãe de Mira, embaraçosamente fixados em mim. Reconheceu-me e acenou com a mão. Fingi não ter visto, segui adiante. A brisa do mar, batendo no asfalto aquecido durante todo o dia, fazia subir uma fumaça cinzenta que embaçava tudo, uns dois palmos acima do chão. Por um momento, achei que Mira estivesse no nosso encalço.

Trezentos metros adiante, próximo já dos píeres de madeira, parei o carro no acostamento e liguei para Andrea, que, pelo horário combinado, devia vir logo atrás – ou ir um pouco adiante. Sabendo eu que pairava sobre a sua cabeça, em resposta ao trauma da amante anterior, a desconfiança de que eu também viesse a revelar a Mira o nosso segredo, o inusitado encontro sob a ponte me impulsionou a deixar logo tudo às claras, uma prevenção para a eventualidade de ela vir a nos apanhar de surpresa e, desgraçadamente, parecer a Andrea que eu tivesse, de algum modo, facilitado o flagrante. Ao telefone, sob um pé de abricó carregado com grandes cachos de frutos amarelos, através de cujos vãos eu vislumbrava o céu anil da cidade, avisei:

— Acabo de ver Mira no carro ao lado, vindo pra cá. Que houve?

— *¡No pasó nada! Le di mi tarjeta de crédito para comprar en el shopping center. Es todo.*

— Tem certeza? Ela não desconfiou de nada? — insisti, carregando um pouco na afobação, para deixar explícito que não havia o desejo nem planos de que ela nos descobrisse.

O timbre de Andrea era seguro:

— *Cálmate. Se para mí es difícil llegar allá, imagínate para ella.*

Referia-se a uma série de pequenas curvas em S, verdadeiro parafuso que era preciso desenhar no asfalto para chegar próximo da orla onde ficava o Proveta. Mas também não é nenhum percurso incapaz de ser realizado por qualquer um que saiba ler as placas, especialmente se tem em mira um objetivo. Respirei fundo, tentando retomar a calma. Dei uma última olhada na paisagem, conferindo se os elementos todos estavam no lugar. A ponte se agigantava à direita, correndo pesada e lisa, determinada, apontando sua corcunda de concreto na direção da Vila Antiga. As folhas dos coqueiros, ao vento, farfalhavam lá no alto, desembulhando ansiosas, sobre a minha cabeça, um descomunal pacote de celofane verde. A tranquilidade das marolas superficiais, porém, não me enganava: a apenas algumas braçadas dali, sem nem mesmo se perceber, poder-se-ia morrer muitas vezes, sob a violência do alto mar. Num lapso, passou-me pela cabeça que Andrea e Mira tivessem me preparado uma armadilha, ideário paranoico muito comum na situação infracional.

Retomei a direção dos quiosques, escondi o carro atrás de uns restos de tapume deixados pelo último Gran Circo Argentino que se valera do aterro abandonado e caminhei lentamente até o bar contíguo ao Proveta, perscrutando em volta com um olhar fingido de quem nada teme e nada deve. A menos de um quilômetro dali, Mira, a essa hora, estacionava o carro para ir às compras. O eco da voz de Andrea ao telefone me dava ganas de confiar, mas no fundo eu ainda temia que ela, ao fim do passeio, quisesse mostrar à mãe a orla, diante da qual o marido e eu, àquela hora, estaríamos brindando com cerveja e mariscos.

Andrea chegou tranquilo e assim permaneceu, mesmo diante da perigosa proximidade da mulher.

Ainda não foi dessa vez.

Esses encontros durante a semana não se comparavam às festas a dois que passamos a realizar nos sábados, a partir da data em que se oficializou que o pai apanharia as crianças pela manhã, trazendo-as de volta à noite. Os pedreiros, agora, trabalhavam apenas de segunda a quinta – na certa estavam sendo alocados em outras obras que se iniciavam. Para um sábado especial, comemoração de algo que hoje me foge à memória, tínhamos reservado três diferentes vinhos, além de, sempre, cerveja. Em geral, preferíamos a michelada, com sal, gelo e pimenta, das poucas bebidas que sei preparar, e a mesma que você, Vera, tanto apreciava quando moramos em Colônia. Nas suas palavras, é a poção mágica depois da qual não se pode mais tomar cerveja pura sem sentir que falta alguma coisa. Era sábado, portanto. A manhã ia pela metade. Andrea, num dos seus momentos de inspiração, citando Cantinflas sem dar o crédito, resumiu num brinde o inventário das nossas experiências:

— *Vino tinto para luchar, vino blanco para llorar, cerveza para sonreír y cualquiera de ellos para hacer el amor.*

A maioria dessas ceias diurnas tinham como entrada, que logo ascendeu a prato principal, o ceviche peruano, elaborado por Andrea com um esmero que se iniciava na escolha dos ingredientes. Naquela época, antes do agravo dos seus problemas hepáticos, o prato, meu favorito, era preparado uma ou duas vezes por mês, acompanhado do leite de tigre. Adiante, alternávamos entre ele e a *papa a la huancaina*, feita com creme de queijo fresco e azeitonas pretas, outra delícia que amei desde o início, assim como o caldo de peixe apimentado, cozido com alho, rodelas de cebola e cenoura. Aos poucos, alguns itens foram sendo suprimidos, porque Andrea temia ser descoberto, e, inclusive, Mira insistia em que ele almoçasse em casa. Era um tormento, para Andrea, ter de comer duas vezes. A mim, o que estranhava era que passasse incólume a Mira a sua brusca mudança de hábitos, seus constantes atrasos e desavisados adiantos, porque, nesse aspecto, o engenheiro engenhava mal e, num paradoxo supremo, acreditava

que o fato de não mentir bem o favorecia, que o defeito, mal administrado, se transformava de imediato numa virtude, como dois sinais negativos que resultassem num positivo. Na sua argumentação, menos cínica que ingênua, mentir mal equivalia a não mentir. Enquanto isso, eu calculava como poderia Mira, ao receber de volta o marido, no fim da tarde, não estranhar o seu hálito. Andrea tentava me tranquilizar: ela não bebia, portanto seria incapaz de identificar o cheiro do álcool. Carecia de lógica, mas considerei que mentia para me acalmar, ou para se acalmar, o que, no final das contas, dava na mesma: o que importava era fruir sem limites aquilo que um sábado de sol (ou de chuva), trancados os dois no apartamento, podia nos proporcionar. E Andrea arrematava, com mais um de seus fechos definitivos para pequenas controvérsias, aproveitando para espantar, ao mesmo tempo, quaisquer fantasmas de ciúmes meus:

— *¿Cuántas veces a la semana crees tú que una pareja, que ha vivido juntos durante quince años, llega al punto de que uno pueda sentir el aliento del otro?*

“Ultimamente ele anda sempre cansado”. Arrastada pelo fluxo de fregueses em torno das bancas de legumes, recebi sem querer esse naco da confiança de Mira a Jól. Definitivamente, eu não me acostumava ao hábito de lavar fora as roupas sujas. Menos ainda aceitava a ideia de que Andrea revelasse os nossos segredos a um amigo que era quase um espião, já que funcionava como depositário simultâneo dos segredos do marido traidor e da esposa traída. O tom íntimo da conversa entre eles me convenceu de que o duplo confidente já era funcionário antigo na lavanderia.

Minha presença não foi notada num primeiro momento, e, sem saber que me dava as costas, a minha secreta rival seguiu em direção a uma pilha de tomates. O motivo do cansaço de Andrea me era bem conhecido; eu mesma tinha me exaurido no encontro da tarde anterior; doíam-me os joelhos e as costas. Enquanto eu punha na cesta uns nabos, pensava sobre o uso do pronome “ele” que fazem algumas mulheres para se referir aos parceiros, dispensando os nomes próprios e supondo que o interlocutor saberá sempre de quem se trata, independentemente do contexto, uma espécie de onipresença mental do homem.

Ao ver que eu me aproximava, Jól, atrás de uma pirâmide de cítricos, surpreendeu-se de modo indisfarçável. Tive a impressão de que ia se esconder. Olhou para um lado, pôs a mão no bolso, ficou sem palavras, tentando talvez lembrar o meu nome. Também eu preferia não os ter visto, pensei em dar meia-volta e sair, mas tínhamos acabado de passar do estágio em que isso é possível, que é quando já vimos, porém sabemos que o outro ainda não nos viu, ou ao menos não deixou claro ter visto. Já havíamos, como se diz, posto os olhos um no outro, sem meios de disfarçar. O melhor a fazer então seria cada um de nós acercar-se alguns passos e, com o gesto mais natural possível, realizar os cumprimentos triviais, tentando escapular antes que a conversa enveredasse para qualquer lado que não o do sumo corriqueiro.

E foi Mira quem se adiantou, saudando com uma casualidade exagerada, traída por alguma rigidez no pescoço, enquanto recolhia

mexericas numa bacia, com gestos rápidos, aparentemente irrefletidos. Era mais um lance do Acaso aquele encontro numa feira livre que, pela localização, se fazia quase tão inusual para mim quanto para Mira e Jól, residentes em Calabar. E por que diabos eu tinha de ter chegado justo quando o assunto entre eles era Andrea?

A percepção de que os contras da nossa relação começavam a pesar mais que os prós ocorreu-me no Dia das Mães de 2010. Súbito, como se viesse do nada – e, do nada, nada vem –, me enchi de vontade de deixar aquele relacionamento. Não digo que lembro como se fosse ontem, porque de fato não me lembro do que fiz ontem. Restou da ocasião, porém, a certeza do envolvimento de Andrea. Além da descoberta de que, quanto mais ligada a datas comemorativas é uma pessoa, mais infelicidades ela terá. É a famigerada Maldição dos Natais, Dia Internacional da Tristeza, para os sem família; Dia da Mágoa, para os sem presente; da Depressão, para os órfãos de deus pai, o Mercado. Chegada sempre no Dia da Eterna Cara na Vidraça das Ilusões Afetivas e de Consumo, a Maldição dos Natais é uma espécie de lado B do Espírito Natalino de Dickens, é a mão invisível que espalha desgraça. E pior: de modo similar a como Maria se duplica em múltiplas outras mulheres santificadas, a nossa bruxa tem uma representante para cada data comemorativa, ao longo do ano. Sua capacidade de adaptação cultural e constante renovação histórica não deixa de fora sequer as minúsculas províncias dos cantões mais remotos do universo. No fosso gélido do vulcão extinto onde ela habita jazem, em altíssimos montes, todos os mimos vãos e presentes inadequados, as etiquetas de preço que alguém se esqueceu de retirar, as imitações fuleiras, os manequins grandes e pequenos demais, que escancaram censuras e aspirações, selos falsos, fitas rasgadas, cartas proibidas, embalagens suntuosas com conteúdos píffios, perfumes baratos, flores de plástico, livros com autógrafos prolixos e lacônicos, datas adulteradas em carimbos de correio, encomendas extraviadas de aniversários obrigatórios, fotografias perdidas, amantes atrasados, revelações bombásticas, famílias desfeitas, crianças que choram, infinitos pares de meias, canetas, cuecas e gravatas de todas as cores e modelos, enfim, tudo o que deveria ter sido e que não foi. Ou que nunca deveria ter ido, mas, lamentavelmente, foi.

Naqueles primórdios do relacionamento, nada me parecia fático ou impossível, e, a cada vez que eu colocava o ponto final num

capítulo do romance, acreditava que era um livro terminado, e, principalmente, que permaneceria fechado. Nas primeiras noites, depois de cada rompimento, chegava mesmo a dormir em paz. Viradas, no entanto, as primeiras folhas do calendário da vida sem Andrea, a impressão de ter tomado a decisão correta depressa se esvaía. Especialmente nessa ocasião, eu andava absorta o suficiente para permitir que o clima de desligamento fácil se apossasse de mim. Hoje, percebo que o contexto influenciou na minha atitude. Eu estava na casa de Davi, o irmão caçula, cercada de todas as crianças da família, entre as quais eu distribuía pedaços de bolo gelado de coco, como sobremesa. Era por volta das quatorze horas quando Andrea telefonou. Segundo disse, ligou apenas para parabenizar-me *por la fecha*. Ao telefone, não podendo entrar em detalhes sem despertar curiosidade entre irmãos e cunhadas, sentindo com força o descompasso entre aquelas duas facetas da minha vida, a de cá e a de lá, com o telefone de permissão, quis me livrar do convívio proibido, declarando, com todas as letras: “A partir de hoje, estou fora dessa relação!”. E lembro cada palavra, porque Andrea fez questão de repetir a frase diversas vezes, depois, para me cobrar sobre a infeliz escolha dos termos e me recriminar por querer terminar tudo à distância, justo num momento em que ele me ligava para felicitar. A sua insistência em estar presente naquela data nunca me enganou, nem então, nem depois, e era realçada pelo fato de o meu ex, por razões que só Lacan explicaria, jamais ter sequer me parabenizado pela maternidade, um silêncio que, ao longo dos anos, enquanto não entendi que era impossível entender, trouxe sempre uma estranha sensação, entre a mágoa e o enigma. Diante da miséria afetiva desse aspecto do meu relacionamento anterior, Andrea tirava do bolso uma moeda de pouco valor, mas que tinha lá o seu efeito simbólico. Afinal, nenhuma data comemorativa é escolhida a esmo. Na maioria das vezes, cada uma delas já nasce incrustada numa moeda, de ouro ou de lata.

Na manhã seguinte ao precipitado rompimento por telefone, quando despertei, Andrea estava sentado no chão da sala.

Estranhou-me triplamente a presença inesperada: por serem menos de sete horas, pelo abatimento que estampava no rosto e pela posição inédita que assumira, encolhido a um canto, feito um feto. O expediente dos pedreiros começaria às oito e meia, e, mesmo em posse de cópias das chaves, condição imposta por ele para o bom andamento dos serviços, Andrea jamais havia chegado antes dos funcionários. Aberto, contudo, esse precedente, as visitas fora de hora se tornaram uma constante que me angustiava, pela perda da privacidade, sensação que Andrea interpretou como sinal de menos interesse, o que nunca foi verdade. Sistemáticamente, as desconfianças acabavam por gerar acusações, o que, por sua vez, gerava ainda mais mal-estar, mais reservas e desconfianças, num ciclo sem fim. Como precaução, adotei o hábito de manter fechadas as travas de segurança, antes e depois do expediente dos pedreiros, tamanha a frequência com que Andrea já aparecia em horas impróprias, sem aviso ou convite. A despeito de todo o afeto que lhe tinha, era difícil manter o humor diante de uma série de aparições sem aviso. Ele não se dava conta de que, além de amante, eu era ainda uma trabalhadora. E mãe. Não tinha vida social, é fato, mas precisava me alimentar, tomar banho, preparar aulas, fazer compras e cuidar das meninas, tarefas cuja plena realização foi aos poucos sendo impedida, ao longo do relacionamento. Mediante a quantidade e a variedade de serviços que eu realizava num dia, somente com o fim do romance pude dimensionar o tempo que despendia no convívio com Andrea.

E lá estava ele, plantado no chão como um totem inca, aguardando, paciente, que eu acordasse. Sim, Vera, caberia aqui uma leitura semiológica da cena (quicá do possível planejamento do quadro): chegar antes do pedreiro e apanhar-me ainda de camisola – uma imagem romanesca, na verdade durmo sem roupa –, expor todo o seu sofrimento nos pequenos olhos de indígena, naquela hora em que as crianças ainda dormiam e em que eu mal saíra do território dos sonhos. Você deve intuir que, em circunstâncias assim, não haveria outra coisa a fazer a não ser acolher aquele homem.

Mas não o fiz.

E foi essa a primeira vez que Andrea usou em mim, sem permissão, a trava das mãos. Eram garras pesadas, de uma força óbvia, ao primeiro olhar, contudo nunca trazida à tona. Aquela potência pulsante era um apêndice, uma redundância, um suplemento de fácil acesso, ainda que nunca acessado. A engrenagem feroz em que tudo, num instante, se transmudou, convenceu-me de que era tão grande a sua força que ele nem mesmo precisava usá-la. E poder prescindir dela tornava-a assombrosamente pujante. E atrativa.

Nesse ponto você talvez suponha, Vera, que dali tenhamos ido para a cama.

Contudo não. Naquele dia, não.

A noite anterior tinha sido a mais bem dormida dos últimos meses, e eu, como insone antiga, não podia separar o sono reconfortante da impressão de ter me libertado em definitivo da relação com Andrea. Por isso tentava resistir a um possível, temido retorno. E consegui, embora a minha resistência tenha durado somente até a tarde. Se havia algo que Andrea sabia fazer, era insistir. A essa altura, mãos e olhos já haviam penetrado muito além da derme. No misterioso manto inca, fui sendo, novamente, enovelada.

A partir de então se tornou habitual acordar e já o encontrar sentado a um canto, no chão da sala:

— *Hasta ahora, nunca me senté en el piso.*

— Jura? Nem quando criança?

— *Es en serio. Nunca me fue permitido.*

— Pois pode crer que os seus ancestrais se sentavam no chão de terra, perto da fogueira, no alto de um monte gelado, pra mascar umas folhinhas de coca, um jeito de aguentar a altitude.

Mas o meu inca era um lorde e não via a menor graça nessas piasdas. Na infância, os pais o proibiam de sentar no chão. Não podiam, os irmãos, trocar entre si itens como pratos e copos, que tinham gravados os nomes de cada uma das crianças, na família numerosa. Além disso, as crianças eram obrigadas a manejar sem erro

os talheres, portando-se, à mesa, como damas e cavalheiros da alta sociedade. Provavelmente veio dali o nojo de Andrea de que toquem seu copo, quando bebe, e o modo como evita qualquer contato com utensílios usados por outras pessoas. Aliás, segundo me relatou, antes de completarem dois anos, todas as crianças da família já usavam o garfo e a faca.

— *Las buenas madres jamás permiten que sus hijos coman con cuchara y los padres no pueden entrometerse en la educación de ellos. Las madres saben lo que hacen y punto final.*

**P**or essa época, dia sim, dia não, eu postava um texto no blog. Apesar do alto grau de invenção nos versos e na prosa, pairava uma atmosfera confessional, talvez um excessivo efeito de real. Andrea disse que acessava a página sempre com medo.

— *La leo yo con un ojo abierto y otro cerrado.*

Pensei que temesse alguma sugestão pública do nosso caso, mas não: segundo afirmava, o seu receio era reconhecer-se nos estados de espírito de algumas das personagens – ou mesmo ter de lidar com os seus ciúmes, em geral infundados.

Eu, de cá, receava que Mira, numa visita ao meu querido diário, percebesse coincidências entre os fatos narrados ali e as circunstâncias psíquicas do marido. Afinal, tratava-se, muitas vezes, de reminiscências, dramatizadas, dos nossos mais íntimos humores de casal, e, ainda que por linhas tortas, lá estavam as razões das suas ausências, físicas e mentais, dos eventos familiares: em meio a referências mais sutis, havia sempre um ou outro pequeno escanaro, realizações destorcidas de desejos tortos postadas no influxo de alguma desavença de namorados.

É o caso do par de pequenos poemas intitulado “Trágicas núpcias de Apolo e Dalva”, partes 1 e 2.

Dois de junho:

Fez amor com raiva:

um modo de te calar a boca.

Saiu batendo a porta –

foi atropelado na Leitão da Silva.

Quatro de junho:

Lavou-se cuidadosamente,

retocou o batom.

Apanhou as crianças na escola

e sentou-se para ler notícias do trânsito.

Temi que Andrea me repreendesse pela imprudência do título, mas não:

— *¡Deja de preocuparte por eso y escribe! Ni siquiera yo pude identificar en tus textos nada de comprometedor. Estás sobreestimando la sensibilidad y la inteligencia de Mira.*

— Adelante, entonces — concluí.

**A**pesar das constantes falhas de memória, segundo ele decorrentes da estafa da vida dupla, que fazia com que falhasse em alguns compromissos, Andrea jamais se esquecia dos meus. A cada início de semestre, memorizava meus novos horários de aula, em geral tão variáveis no tempo e entrecortados ao longo da semana que nem eu os sabia de cor. Mais de uma vez, foi me surpreender na escola, ora no início da manhã, ora no fim da tarde, ignorando os meus protestos, e inclusive num período em que tive como aluna a filha de uma vizinha sua bastante próxima de Mira. Apanhar a BR para ir me ver a meia hora da capital era sinal de um ímpeto extraordinário, ou então havíamos brigado na véspera. Andrea não aceitava que certas questões fossem tratadas por telefone, ao mesmo tempo que a ansiedade não lhe permitia esperar o dia seguinte para esclarecer um mal-entendido. E se a memória do engenheiro começava a dar sinais de falha, especialmente quanto aos números, ao menos não acontecia com palavras, com uma palavra sequer que lhe tivesse sido dita. Por isso, quando se tratava de afetos, era preciso ter cuidado para não despertar o dragão que lhe habitava o peito e que cuspia fogo sobre a própria cabeça. Invariavelmente, Andrea fincava raízes na certeza do outro (em especial da outra) e necessitava certificar-se, de modo contínuo, de que a verdade que lhe fora informada um dia permanecia inalterada. O sol esfriará, mas a coerência do outro, até lá, há de ser plena. Morrem estrelas, mas a verdade será mostrada inteira e não pode haver alterações em uma opinião que lhe tenha sido dada uma semana antes, quatro meses antes, três anos e meio, dezesseis anos antes da morte do último dinossauro.

Como numa compensação para os seus constantes arroubos de ciúme, não se podia reclamar de Andrea no quesito DR. Discutir a relação, com ele, não era uma eventualidade; era um dos componentes básicos da própria relação. Muitas vezes lamentei, depois de horas de duro interrogatório, sem pausa sequer para um copo de cerveja, o fato de termos perdido as únicas horas (às vezes quatro, às vezes oito) de que dispúnhamos para estarmos juntos. Nessas ocasiões, como

numa espécie de íntimo programa de auditório em que tanto o apresentador sádico quanto o auditório masoquista estavam encarnados em Andrea, eu tinha de dar somente as respostas certas, sob pena de ter desmascarada, diante da plateia, a minha malfadada incoerência. E era comum que só conseguíssemos nos tocar depois de resoluções, detalhe por detalhe, cada uma das dúvidas acumuladas por ele acerca da minha opinião sobre casamento, por exemplo, um dos motivos mais frequentes de embate, ou a respeito da orientação sexual de alguns dos meus amigos, ou ainda sobre a minha relação com meu ex e a existência ou não de contatos com antigos namorados. Apenas para que você tenha uma amostra, Vera: apesar do desgaste da minha separação e de algum saldo negativo, eu achava que o meu casamento tinha sido bom e via qualidades no meu ex-companheiro. Na prática, eu só tentava explicar que nunca tive como meta me manter casada, e, caso quisesse, a pessoa certa, por imposição lógica e economia de esforços, teria sido (como não?) o meu próprio marido, que afinal já o era, e a quem, malgrado a crise da fase final, nunca deixei de reconhecer como um homem culto, gentil, sem preconceitos toscos, e que, além do mais, em quase uma década de convívio, jamais me torturou com crises de insegurança ou ciúmes. Ao lado do qual, aliás, para o bem e para o mal, quase sempre me senti praticamente solteira.

Declarada essa opinião, mesmo com o travo de ironia posto ao final, vinha pela frente um grande martírio, visto que o pensamento paradoxal – garantem alguns que o verdadeiro pensamento é paradoxal – não era o forte de Andrea. Para ele, um evento é bom ou é ruim, uma pessoa tão somente gosta de outra, ou então não a suporta. Era esse o universo que declarava quando me conheceu, e, por mais que insistisse que comigo *aprendeu a pensar paradoxalmente*, a alegada mudança por certo não atingiu as bases da construção; permaneceu na primeira camada de tinta, contudo à mão, como uma ferramenta que, de acordo com a conveniência, poderia ser utilizada a qualquer momento, desde que fosse útil aos anseios dele. Quando suas antenas viciadas captavam no meu discurso a ponta do fino

fio de cabelo de uma quase calva incoerência (o que não é algo difícil de se fazer), tínhamos um problema a resolver. No sistema de pensamento do engenheiro, as pessoas, como os prédios, deveriam ser construídas sobre sólidos materiais, inalteráveis mesmo sob o atrito das tempestades. É por isso que os edifícios – estava convicto – jamais desmoronam.

**A**o longo daqueles anos foi difícil preparar aulas decentemente, uma vez que apanhava as meninas na creche no fim da tarde, tendo ido direto da escola, e ficava envolta nos cuidados com elas até tarde, quando enfim dormiam. Após isso, era raro que tivesse energia para ler ou escrever, e assim segui pelo tempo que durou a primeira infância delas. Ali pelo segundo ano de relacionamento com Andrea, por falta, na instituição, de um profissional específico da matéria, fui convidada a assumir também as aulas de Introdução à Sociologia. Mesmo não parecendo um trabalho hercúleo a um professor experiente, lecionar IS em uma turma de iniciantes em Sistemas de Informação, para quem que não tem formação na área, é tarefa que demanda uma dedicação especial. Além de que o horário que me sobrava para ler os pensadores afins era todo devorado pela reforma do apartamento e, em particular, pelos seus entornos afetivos.

Certo dia, como em tantos outros, saí de casa às pressas, sem almoço, sem banho e sem uma ideia sequer do que diria, dali a pouco, diante de três dúzias de jovens, nas primeiras aulas do vespertino. Disporia de trinta ou quarenta minutos, enquanto dirigisse, para bolar um plano de aula, tudo a depender do trânsito na BR – realizar o planejamento naquele contexto fazia com que me sentisse uma bandida. Se encontrasse os semáforos livres, lá chegando, faria uma revisão da matéria, introduzindo pouco ou nenhum assunto novo, retomando apenas o já estudado. Se o trânsito fluísse na lentidão costumeira para o horário, do tipo devagar e sempre, a aula seria bastante dialogada, com pequenos avanços no conteúdo. Havendo um incidente qualquer, mas que fosse suficiente para interditar uma das pistas, daria para preparar até mesmo um exercício de fixação, que seria registrado no quadro branco, diretamente da minha memória. Ao volante, lembrei-me da aula de Sant’Anna, do ovo de Clarice. Inconformada com a poeira e o barulho de Capatazes, balançava a cabeça lamentando o meu triste deslocamento de função: se desse aulas de literatura, de língua portuguesa, de comunicação, que fosse, o improvisado jamais seria necessário. Tivesse apenas um daqueles contos como base,

e duas horas de aula seriam pouco para explorar sintaxe, semântica, intertexto, cultura, filosofia, ética, estética... Naquelas circunstâncias, porém, nada adiantava chorar sobre o leite. Concentrei-me nos pais fundadores da Sociologia moderna, sobre a qual teria de discorrer dali a pouco... Graças a um tráfego lentíssimo, daqueles que permitem inclusive folhear apostilas abertas estrategicamente no banco do carona, pude iniciar a matéria nova. Um grave sinistro tinha ocorrido: um veículo de passeio rodara na pista e capotara, chocando-se com uma carreta carregada de granito justo sob o viaduto de Capatazes.

**A**ndrea e eu nos encontramos pela manhã. Assim mesmo, no fim da tarde ele cruzou a cidade para ir me surpreender na escola. Não percebi quando se posicionou ao lado de fora da sala, num ângulo em que somente os estudantes da última fila à minha direita, rente à parede, podiam vê-lo. Notei apenas que um ou outro aluno, volta e meia, tinha a atenção fisgada por uma presença externa. Enquanto isso, eu me esmerava no improviso, plano B usado para o cumprimento da carga horária, nos dias em que a turma participa menos das discussões, o que acontece com maior frequência nas segundas-feiras e nos dias de chuva. Esse tipo de malabarismo intelectual é tanto arriscado para a autoimagem quanto constrangedor. Às vezes, porém, surte efeitos surpreendentes, se a plateia for generosa – desde que um ou outro não seja, por acaso, versado na arte da representação. E Andrea deve ter passado um bom tempo parado ali no corredor, escutando, porque comentou elogiosamente, e com detalhes, o meu *ingenio* em um assunto *tan espinoso* quanto *la autodestrucción*, referindo-se à abordagem que fiz, naquela aula, do pensamento de Durkheim sobre o suicídio.

A visita surpresa, de motivação desconhecida, prolongou-se num passeio agradável como poucos à ilha de Jerusalém, nosso recanto predileto devido à localização, distante do movimento da cidade. Em nenhum outro lugar podíamos andar tranquilos e descuidados como ali. Do estacionamento em frente ao posto de saúde até o bar do Vigotski, seguíamos de mãos dadas, Andrea protegendo o rosto do sol forte, eu segurando a roupa contra o vento sul. Em Jerusalém, éramos um casal como qualquer outro, subindo e descendo pelas ruas íngremes e estreitas cercadas de mar por todos os lados, geografia que redundava numa alegoria da nossa própria condição de amantes, ilhados, por vontade, do mundo autorizado, e supondo-nos transcendentemente protegidos das intempéries lá de fora.

A culinária afrodisíaca do Vigotski, a essa altura nosso velho conhecido, era como um bônus, ao lado da paisagem. Estávamos no meio da refeição, que para mim era um almoço muito atrasado, e,

para Andrea, um jantar precoce, quando, contra o tabu das inconfidências matrimoniais, que nessa época já havia sido decretado, o fio da conversa se esticou para o lado ausente do triângulo:

— *Mira se queja de que olvido fechas importantes. Pero sólo fueron dos o tres veces, en quince años. En esas ocasiones olvidé nuestro aniversario de bodas. ¿Es algo tan importante? ¿Qué piensa usted?*

— Eu acho que é, sim. E não. Se você se lembra, não, não fez mais que a obrigação, e, assim sendo, não tem tanta importância. Se você se esquece, no entanto... Aí sim, esqueceu a coisa mais importante, cometeu o pior dos erros. Agora, de verdade, falando sério mesmo, eu acho que você jamais deveria esquecer uma data como essa. Ainda mais que, no caso de vocês, um lapso de memória pode se tornar uma moeda de troca poderosa.

— *¿Qué estás diciendo? ¿Cómo así, moneda de cambio?*

— Ué, não tem sido sempre assim? Pensa comigo: se a data não tem importância a ponto de, na véspera, você se lembrar, então você deveria fazer como faz no Natal, no Ano Novo, sempre que tem a obrigação de felicitar ou presentear uma pessoa — já que ele rompeu o trato do silêncio, resolvi injetar uma gota só de veneno. — A diferença é que você não vai poder contar com o alerta das propagandas. A prefeitura não põe enfeites nas ruas pelas bodas de ninguém. Nesse caso, quando você comprar a agenda nova, no início do ano, circule a data com uma caneta colorida. Aliás, você não usa agenda de papel, usa? Pois então... existem dispositivos no celular que avisam, vinte e quatro horas antes de um evento, a tempo de você poder comprar um presente ou enviar flores na data certa, sem falta. Eu não entendo como você ainda não se livrou desse problema de maneira objetiva.

Andrea ficou irado. Na certa passei do ponto:

— *¿Problema? No, no se trata de eso. Y yo no quisiera que fuera tan frío. No puede, no debería ser así... Es una fecha importante para ella. Pero, otra vez, ¿qué quieres decir con moneda de cambio?*

— Bom... Vai uma grande diferença entre o que queremos que algo seja e a realidade. Honesto mesmo seria se a data tivesse significado pra você... Caso contrário, é lógico que você nunca vai se lembrar. Quanto à moeda de troca...

— *¡Vamos, no seas tan cruel, Dalva. No es que no me importe!*

— Não? Então não precisa da minha opinião.

Eu começava a me irritar com a insistência no assunto e não me perdoava por ter caído na esparrela, rompendo o acordo que eu mesma propus, de não dar palpite sobre o que acontecesse ou deixasse de acontecer entre Andrea e Mira. No fundo – hoje vejo com clareza –, a proibição, para além de me preservar da culpa e da vergonha por penetrar território impróprio, também me prevenia das mágoas geradas pelas circunstâncias em que Andrea viesse a narrar cenas românticas (ou apenas harmônicas) da convivência entre os dois. Ao certo, porém, a nesga de ironia que eu vinha desfiando no caso das bodas tornava visível para ele, como bom observador, que havia ali uma mescla de ciúmes e ressentimentos. Foi então que me veio o ensejo de liquidar de vez aquela conversa, tentando, pelo desfecho mais prático, evitar que se arruinasse o resto do almoço:

— Me dá seu telefone. Vamos resolver isso. Vou marcar a data pra você.

Titubeando, a contragosto, quase arrependido de ter me provocado com o tema, Andrea demorou-se apanhando o celular, e depois estendeu-o, amuado, na minha direção:

— Qual é o dia, perguntei, enquanto tocava numa tela incrivelmente sem PIN ou qualquer senha de desbloqueio. O celular era um livro aberto.

— *Espera, déjame ver... Es necesario hacer una cierta analogía para alcanzar esto. Mmm..., cincuenta menos treinta... veinte... menos nueve... once... ¿Qué día es hoy? ¡Dalva! ¿Qué día?*

— Olhei o celular na minha mão... Hoje é doze de junho!

No mesmo instante, Andrea saltou da cadeira, em cujo espaldar, minutos antes, estava tão gostosamente recostado, e foi ficando lívido. Ao erguer-se atabalhoado, no desespero, com os braços de autômato derrubou uma das taças sobre a toalha, lançando respingos no meu rosto e encharcando parte da própria calça com cerveja.

— *¡Oh Dios! ¡Fue ayer! ¡Increíble, fue ayer! No puedo creer que hice eso. No, otra vez, ¡no! ¡¿Cómo pude hacer eso, Dalva?! ¡¿Como?!*

— Calma, Andrea... Não é o fim do mundo... Calma... Ninguém morre por isso...

Passando as mãos sobre as têmporas suadas, Andrea arfava e falava, alongando certas vogais, o que acontecia sempre que estava genuinamente nervoso.

— *¡Ah sí, se mueere, se maaata... Mira me estrangulará, ¡ya verás! Pero, espera. ¡La fecha ha pasado! ¡¿La fecha ya pasó y ella no me dijo naaada?! ¡No dijo nada, ni siquiera se quejó de mi olvido? ¿Como asíí? No puedo creer, ¡no puedo creerlo! Hay algo extraño en este comportamiento.*

— Será que ela mesma não esqueceu a data?

— *¡Nooo! Es más fácil que olvide su propio nombre.*

Com efeito, era incomum o silêncio de Mira numa situação como aquela. Andrea vagava agora por conclusões desencontradas, que enchiam o seu olhar de sombras e minavam em mim o resquício de prazer que havia no encontro. Rapidamente o nosso humor se esvaiu. Quem nos olhasse de longe julgaria talvez que teríamos recebido uma notícia de sequestro ou de morte. Ou da perda de grandes quantias.

— *¡Que extraño! El comportamiento de Mira no ha cambiado desde ayer. A diferencia de otras veces ella no parece herida.*

Eu estava certa de que logo conheceríamos a lógica que explicaria a conduta de Mira, caso ficasse provado que não havia, ela também, se esquecido do aniversário de casamento. Como não podia deixar de ser, o almoço terminou mal. Com base na estranha calma de Mira, Andrea chegou a desconfiar de que estivéssemos sendo seguidos por

ela, ou que um detetive tivesse sido contratado para nos espionar – seu pesadelo mais recorrente.

Naquela mesma tarde, Andrea apressou-se em pedir perdão pelo descuido. Mira já trazia de cor a lista de presentes que lhe arrebataria da eterna mágoa silente provocada pelo lapso (quase) imperdoável. Tinha sido lançada, no mercado de câmbio dos afetos, a nova moeda. Ali se iniciava, para Andrea, uma outra crise de desenredo, em que ele levava um primeiro tempo a compreender a situação, antes de compartilhá-la comigo (a contragosto meu), um segundo absorvendo o impacto e um terceiro para recomodar-se à rotina anterior, num trabalho de autocritica em que, por meio de poderosos fórceps, recolhia a responsabilidade inteira para si, superprezando a sua própria capacidade de, em longo prazo, suportar fosse o que fosse, em nome da sustentação da conjuntura.

Feito isso, era apenas uma questão de tempo para que tudo voltasse ao normal: Mira seguiria atuando como boa contadora, que sabe esperar para cobrar a dívida no melhor momento, com cálculos acrescidos de juros e da correção monetária correspondente, é claro, à gravidade da nova falta cometida por Andrea. Andrea retornaria ao seu papel de inadimplente com o débito ampliado (mesmo pago); eu permaneceria na figuração secreta.

**H**oras depois do almoço mal terminado no Vigotski, eu estava sentada diante de uma cesta de frutas que Davi tinha trazido do sítio de mamãe, descascando uma laranja para as meninas e pensando sobre fartura e exaustão, quando, às vinte, Andrea me telefona apavorado: havia perdido a carteira durante o almoço (ai de ti, Jerusalém!) e não encontrava uma desculpa para sair de casa e ir buscá-la àquela hora da noite. Parecia arrasado. Ainda mais agora, que tinha de recompensar Mira pela falta cometida no dia anterior.

Liguei para o bar do Vigotski, a ver se haviam encontrado a carteira. Atendeu ele próprio.

— Carteira do índio? Achei não. Vou ver se um dos meninos topou com ela por aqui.

Dentro da carteira de Andrea estava a carta de motorista de Mira, não sei por quê. Apavorava-o a ideia de que descobrissem o telefone da proprietária e ligassem para avisar sobre o documento. Pedi-me que pedisse então que, caso encontrassem a carteira, guardassem até a manhã seguinte, quando ele mesmo iria buscá-la. Diante do risco de um telefonema comprometedor para sua casa, Andrea nem se lembrava da existência de cheques, cartões ou dinheiro. Na tragédia, todos os valores se relativizam.

No dia seguinte, pelas nove da manhã, ligou-me o filho mais velho do Vigotski, dizendo que tinha em mãos a carteira. Andrea, quando soube, suspirou aliviado. Apanhou-me em casa. Em minutos, estávamos no alto do morro da ilhota. O contratempo que pensávamos ter chegado ao fim, entretanto, apenas se iniciava. O Vigotski não sabia da carteira. Nem do filho.

— Se telefonou, não foi daqui, que ele ainda não veio trabalhar — afirmou o pai.

Ao me ligar, o rapaz usara o recurso do número privado, mas o velho presumia sobre onde o encontraríamos. Chamou-nos a um canto para dar o endereço da amante do filho, enquanto a nora varria o chão ali perto. Diante do segredo, Andrea fez uma careta significativa; parecia pronto a lançar um de seus comentários maliciosos

sobre os frouxos hábitos morais do brasileiro, mas se conteve a tempo, diante da visão, ainda que oblíqua, da ponta do próprio rabo. E lá fomos nós à casa da mulher ilegal.

Ficava a menos de três minutos de carro. Andrea, constrangido, debruçou-se sobre o pequeno portão para se fazer ouvir lá dentro, entre latidos de cachorro, choro de bebê e uma televisão gritando forte. Deixei que praticasse o seu excelente portunhol, a mão em concha sobre a boca para ampliar a voz, como só o vi fazer antes dentro de prédios em obra, para alcançar os ouvidos de um pedreiro mais afastado:

— *¡Hola! ¡Atención!*

Era difícil segurar o riso. Inconscientemente, talvez, Andrea escolheu, para uma situação absurda, um léxico que em português soava absurdo. Calculei que, tendo escutado os gritos no portão, o rapaz tivesse se escondido para além do barraco, nos fundos do quintal, cismando sobre que tipo de policial era esse que cuidava de tão prosaicos casos de traição nas periferias. Imaginei como seria se dispuséssemos de um megafone.

Andrea seguia chamando:

— *¡Atención! ¡Atención!*

A cada palavra, mostrava-se mais e mais encabulado. Se não tivesse tanta urgência da carteira, estou certa de que desistiria rapidamente. Tentou ainda uma vez.

— *¡Hola! ¡Hola! ¡Atención, hijo de Vigotski!* — nos esquecemos de perguntar ao pai o nome do rapaz.

Um vizinho sonolento pôs a cabeça para fora da janela e reco-lheu-se em seguida, sem dar mais atenção às nossas figuras, como se todos os dias um casal internacional viesse gritar em línguas estranhas na porta da casa ao lado. Eu desviava sutilmente o rosto do foco de Andrea, para que ele não notasse que eu achava graça na cena. Envolto como estava na nebulosa da tragédia, jamais me perdoaria o senso de humor. O seu, nessas horas, se dissipava inteiro, e de repente tudo e todos em volta eram convertidos em inimigos que queriam aplicar-lhe um golpe.

Arrastaram-se longos minutos sem resposta. De repente, não havia mais nenhum sinal de vida audível no barraco. Até mesmo o bebê e o cachorro silenciaram. O volume da televisão foi baixado ao limite da trivialidade.

Recuada alguns passos, eu olhava Andrea parado em frente às tristes grades enferrujadas. Começava a comover-me a sua desolação, tanto quanto a imagem de um par de roseiras, murchas por evidente falta de rega, as quais, como ele, esticavam os braços sobre o portão, só que em sentido contrário, vindo, os seus galhos secos, ao encontro de Andrea.

De repente a porta se abriu e uma moça de beleza extraordinária saiu do barraco com a carteira numa das mãos, desenhando sua sombra densa sob um sol que ardia. Dir-se-ia a própria Fortuna. Andrea suspirou fundo. Fiquei na dúvida se teria sido pela visão da carteira ou da mulher que a trazia. A morena, medindo quase o dobro da altura de Andrea, aproximou-se feito uma boneca viva e, sem emitir uma palavra, sem sorrir ou responder ao bom dia que lhe desejei de longe, estendeu o braço de bronze na direção do portão, segurando a carteira nas pontas dos longos dedos de pianista ou desfiadeira de siri, gesto que a tornava ainda mais longilínea e intrigante. Tinha a pele da cor das amêndoas, os olhos verdes fugidios e uma cabeleira pesada que descia em incontáveis cachos crespos até a altura das espáduas.

— ¡*Mucho obrigado!* — disse Andrea numa voz sumida de quem preferia não estar ali, mas, tendo de estar, desejaria que sua presença fosse esquecida o mais rápido possível. Mal terminou a frase, a mulher tinha desaparecido de volta dentro da casa.

Já no carro, Andrea conferiu o conteúdo da carteira. Surpreendeu-se de que não lhe tivessem subtraído um real sequer. Para a paz das mãos, calei qualquer comentário. Se a tragédia relativiza os valores, o retorno à normalidade relativiza o caráter.

Descemos o morro.

**E**, como numa espécie de maldição atávica, mais uma vez aconteceu no Dia das Mães. Eu tinha acabado de escolher um toque de espera para o meu celular. A operadora oferecia, sem custos, quatro opções: um funk, um pagode, um sertanejo e a recém-lançada *Someone like you*, de Adele. Escolhi a última, por ser, das quatro, a que melhor me embalaria a impaciência enquanto eu esperasse – esqueci que eu era a única pessoa que jamais telefonaria para mim. Sem que eu soubesse, contudo, a semente do mal brotava ali, na voz singela da bela cantora londrina.

No dia seguinte, antes do almoço, Andrea me ligou perguntando se a canção era um recado para ele, algum tipo de pedido, ameaça ou sei lá o que mais. É impressionante como as pessoas põem o umbigo diante de tudo, arriscando palpites desse tipo. Fui sincera, disse que a tinha escolhido ao acaso, entre as promocionais, e que sequer conhecia inteira a letra. Rápido, Andrea baixou o tom. Senti no seu timbre a marca da decepção. Era um daqueles dias em que *el ingeniero* já despertava com a sensibilidade exaltada e o ego ferido, o que nunca terminava bem. Parabenizou-me antecipadamente pela data e lamentou ter de viajar com a família na ocasião. Eu não via lógica no seu embaraço por ter de me *dejar sola*. Mas aquele dia carregava o gérmen de uma tragédia, dava para sentir um fio de alta tensão percorrendo a voz de Andrea e penetrando pelas fibras óticas. Do lado de cá, se arrepiaram os pelos do meu braço. Nascesse de onde nascesse, a bolha dramática terminava sempre estourando sobre a cabeça de Andrea, sem, no entanto, deixar de respingar em quem mais estivesse por perto.

Àquela altura da manhã, eu achava mesmo que ele já estivesse em Sábado Marins com a mulher, a mãe e a sogra. Por ter de lidar sempre com a série de mentiras que Andrea inventava para podermos nos encontrar, e com outras às quais recorria para não me magoar (entremeadas pelas óbvias obrigações matrimoniais, como aquela viagem), eu andava enfasiada, e tinha resolvido, mais uma vez, que proporia um tempo de afastamento, decisão mais difícil de tomar do que parece quando se olha de fora o cenário.

Na noite anterior, quando nos falamos, Andrea disse que viajaria cedo, com sua mãe, Mira e a criança. Depois me convidou para um almoço em Sambaqui no dia seguinte, afirmando que viajaria somente à noite. Em seguida desfez o convite, reafirmando que viajaria pela manhã, e, após ter ouvido Adele, chegou sem aviso e contra todas as previsões, trazendo-me uma braçada de rosas.

Em meio a tantas idas e vindas imaginárias e imprevisíveis, era impossível deduzir o porquê de certas decisões e indecisões de Andrea. Gestos que poderiam simplesmente agradar, como a surpresa do buquê, acabavam sendo interpretados como uma farsa para esconder outra farsa. Nada parece óbvio ou seguro quando se lida com alguém que mente, durante grande parte do tempo, para enganar outra pessoa. Mas, como a minha existência era o motivo central da mentira-mor, eu não via lógica em reclamar do peso da mentira como um todo. Essa relativa indiferença estratégica, se me livrava de um possível constrangimento moral, também me liberava para cometer erros ainda maiores.

Estando envolta nessas impressões, descobri que os mitômanos, ao contrário do que se pensa, têm uma enorme obsessão pela verdade. Durante os três anos e meio em que convivi com Andrea, sempre o vi mentindo para Mira, dizendo estar onde não estava, afirmando que já tinha almoçado, quando ainda iríamos fazê-lo, e vice-versa. A mistificação era o seu habitat natural. Por isso, de um modo geral, eu jamais esperava dele que afirmasse algo condizente com os fatos. Depois de acumulado tão vasto volume de enganos, feito um lavrador que tivesse derrubado uma mata inteira e terminasse o seu trabalho, cansado e sedento, já em meio a um deserto, Andrea demonstrava uma enorme sede de veracidade. Queria a verdade a todo custo. Necessitava, principalmente, da minha verdade. Daí as suas elucubrações em torno da canção de Adele na espera das chamadas telefônicas, e, igualmente, as minhas desconfianças de que a visita inesperada, as rosas, o almoço, a viagem e o seu adiamento, enfim, tudo, tudo o que cercava o nosso relacionamento não passava de uma grande mentira.

Quando Andrea chegou, já havíamos discutido ao telefone por causa da música, da viagem, e, principalmente, das contradições... Recebi-o com indisfarçável mau humor. Ele passou voando por mim, foi direto à lata de lixo e enfiou lá dentro, com força, o extraordinário arranjo de rosas vermelhas, saindo em seguida, como um foguete, e deixando atrás um feriado apodrecido para ambos.

Como eu nunca lhe telefonava nos fins de semana e feriados, nem podia lhe enviar um torpedo, devido à provável proximidade de Mira, mandei um e-mail – modalidade que, nessa época, era aberto basicamente no computador de mesa –, desculpando-me pela infeliz recepção e agradecendo pelas flores, que resgatei do lixo. No mesmo instante respondeu – magoado, lacônico e, aparentemente, nem um pouco disposto a fazer as pazes. Foram as primeiras mensagens de e-mail proibidas que trocamos, e que Mira viria a ler mais adiante. Estava decretado naquelas linhas o fim iminente do nosso romance.

**N**uma tarde de sábado, fui almoçar na mesma Jerusalém com Livia, minha sobrinha. Andrea e eu não nos víamos há alguns dias. A razão da briga já me parecia daquelas que, de tão triviais, nem chegam a provocar o temor da separação. Eram antes condimentos (como o ciúme) mantidos no fundo do armário do amor. Sua função era proporcionar ao convívio um necessário arejamento e, em seguida, a ansiada conciliação. Assim, quando a modorra nos tivesse devorado o ânimo, bastaria abrir a caixa de Pandora dos nossos motivos, lançar no tédio uma ou duas pitadas, e pronto. Tempo e tempero: velhos segredos de cama e mesa. De um modo geral, essas nossas brigas soavam a pantomima, um ingrediente exótico que, como qualquer outro, não podia ser usado para além da medida.

Eu e Livia seguíamos na direção do Vigotski quando vimos surgir, no fim da rua, um dos garotos que vigiam os carros, caminhando ao nosso encontro e disparando ao longe, em alto e bom som, que o meu “marido” já tinha almoçado.

— Eu sei — respondi de improviso e com tanta urgência em calar o menino, que a mim mesma impressionei. Por dentro, porém, os dentes da desconfiança começaram doloridamente a roer as entranhas.

Com esforço, consegui dar alguma naturalidade à pergunta, feita quase ao pé do ouvido do garoto, que se aproximou para avisar que era ele, e nenhum outro dos que rodavam por ali, o senhor da gorjeta, o guardião do meu carro naquela tarde:

— E ele estava com quem?

— Com um rapaz. Índio também.

Apoiando-se num senso de observação mais adequado a um roteirista que a um flanelinha, o menino emendou:

— Acho que é filho dele.

Disfarcei um suspiro de alívio. Tal como depois de brigas anteriores, Andrea havia solicitado o ombro do sobrinho. Era reconfortante saber que ele não tinha ido ao nosso recanto predileto em companhia de uma outra mulher – ainda que fosse a sua.

— Marido? Que diabo é isso, tia? — Lívia franziu o cenho sob o sol e arregalou com esforço os olhinhos puxados.

— Depois eu te explico.

Já acomodadas no restaurante, ficou ainda mais difícil conter a sua curiosidade, porque cada um dos membros da equipe (todos pertencentes a uma só família), ao se aproximar me indagava, com um ar entre o divertido e o intrigado:

— Ué, resolveram almoçar separados, hoje?

— É, este sábado está meio difícil pra nós!

Nas poucas vezes em que eu lá entrava sem Andrea, ouvia sempre as mesmas perguntas, repletas de confusões étnicas e de nacionalidade:

— Cadê o índio?

— E o chinês?

— Veio sem o chileno, hoje?

A essa simpática indiscrição, tão comum nos restaurantes mais desgraçadamente familiares da cidade, eu costumava responder de modo evasivo, e depois dizia aos amigos que me acompanhavam que os funcionários deviam estar me confundindo com outra pessoa. A desculpa não era muito convincente, mas me livrava de dar maiores explicações a quem, no fundo, nada tinha de explicar. Com Lívia, no entanto, era diferente. Ela não só tinha percebido, na minha nuca, os tufo de pelo de uma urdidura clandestina, como também começava a agoniar-se – estava inscrito no seu silêncio preocupado – com a possível dimensão da trama em que eu estaria metida. O que teria ocorrido para que a tia mais sensata guardasse dela, imemorial confiante, um segredo de tal quilate? E foi nesse dia que, pela primeira vez, falei a alguém da família sobre a existência de Andrea.

**D**e depois que nos afastamos em definitivo, retornei ao restaurante com minhas filhas, e o estranhamento que causei passando a frequentá-lo sem Andrea foi tão explícito que, para evitar que continuassem a perguntar por ele publicamente, tive de declarar ao Vigotski (com real aperto no peito) que havíamos nos separado, o que foi interpretado como divórcio, já que acreditavam – antes daquela ocasião com Lívia, eu não havia percebido isso – que éramos marido e mulher. Aproximei-me do Vigotski o mais que pude e sussurrei, no melhor tom de confiança íntima, que, “a cada vez que me perguntam por Andrea, me dá vontade de chorar”. Foi o jeito que arranjei para não ter de responder, repetidamente, sobre o porquê de não estarmos juntos, tentando virar de vez aquela página. Aos olhos do Vigotski, que dali a algum tempo enviuvou e caiu em depressão pela ausência da mulher, com o sumiço de Andrea saiu de cena também a frequentadora alegre que um dia eu fui, dando lugar a uma personagem clássica no seu universo, a mulher abandonada. Por mais animação que aparentasse, eu figurava agora, forçosamente, como uma espécie de amputada. Eles olhavam, mas não me viam em mim. Ninguém, nunca mais, naquele lugar, me olharia sem ver ao meu lado o fantasma de Andrea. É caro o ônus que uma mulher paga, ainda hoje, à sociedade patriarcal. Nem a alegria, nem o desejo, nem a liberdade, nem o oposto disso tudo lhe será perdoado, não importa o que ela faça ou deixe de fazer, tão somente por ser mulher. Rapidamente, a informação que dei ao Vigotski começara a circular: os rapazes que serviam às mesas, mais jovens e acostumados a relações efêmeras, jamais voltaram a perguntar pelo meu “marido”, respeitando assim a fingida dor que eu deveras sentia.

**N**o feriado de Sete de Setembro, chamei um amigo para ir comigo à casa de mamãe, em Antônio Cândido. Combinamos sair bem cedo, para não apanhar na estrada o mais quente do sol. Desci para o térreo na hora marcada, com bebês e bagagem, tudo aviado na noite anterior. Logo abaixo da rampa da garagem, um casal de novos pobres acabava de despertar da laje fria, e era como se tivessem saído do próprio túmulo. Pelo modo como exploravam o entorno, se via que aquele era o seu primeiro dia na rua. Embora tivessem sido expulsos de um barraco na periferia mais remota, eram principiantes em dormir ao relento. O cobertor sob o qual tinham se abrigado ainda não estava encardido; e o mais raro: possuíam um colchão. Muito em breve entenderiam que colchão e coberta eram pertences demais, impossíveis de guardar ou carregar, e teriam de fazer a opção entre um ou outro item. De idade indefinível sob barba e fadiga, o homem encolhia os membros, constipado pelo ar refrigerado total e irrestrito daquela madrugada de primavera perto do mar. O dorso ainda não tinha assumido o rebaixamento anatômico que, com o tempo, o corpo, cético da busca por algo à sua altura, ensinaria a procurar no chão. Por enquanto persistia, nos semblantes de ambos, como que um espanto com a novidade da ampla paisagem ao redor. É que, aportados ali na calada da noite, apenas com a chegada do sol encaravam enfim a face da rua, no mesmo momento em que desci com as bebês. A opção pela calçada (ah, a opção: escolha, preferência, disposição), lugar de trânsito, diferente de morar embaixo da ponte, num casebre abandonado ou num terreno baldio, indicava a esperança viva, apesar de inconsciente, de que o infortúnio fosse apenas um estado de passagem. Em questão de horas, contudo, entenderiam que ali também não poderiam ficar: entre os passos apressados dos trabalhadores urbanos não havia lugar para os seus corpos e ninguém aceitaria ter de vê-los amiúde entre o asfalto e o muro do meu, do nosso prédio. Para isso havia a água fria da mangueira que o zelador, por sinal antigo vizinho deles, na periferia, faria escorrer cinicamente pela rampa da garagem. E havia o coronel armado, mais recente morador

do bairro, cuja mudança coincidira com o total desaparecimento de noias, pedintes e moradores de rua de todas as esquinas, semáforos e marquises, respectivamente.

No momento em que cheguei à portaria, o homem acabava de dobrar e ensacolar o seu cobertor com cuidados de neófito, e agora se sentava sobre o embrulho, movido por um desconforto de mundos, explorando ainda uma vez, com o olhar, um prisma da rua que os moradores bem acomodados dos apartamentos despreveriam como ampla, verde e fresca. A mulher, também de idade indeterminável, foi a responsável pelo gesto que não mais esqueci: apanhando uma sacola próxima ao musgo do muro, arrancou de dentro uma toalhinha redonda e estendeu-a sobre a parte mais lisa do piso, entre a faixa de ciclistas e a guia para cegos, ajeitando, com as pontas dos dedos, os bicos daquele crochê alaranjado que me pareceu surreal. Em seguida, sob o olhar bisonho do companheiro, pôs no centro um pequeno vaso de resina que trazia embrulhado num pano, enfiando nele quatro ou cinco ramos de ligustro arrancados do canteiro que havia ali, ao alcance da sua mão.

Quando meu amigo me chamou do portão menor, a barba basta despontando por entre as grades, meio duende, meio ogro, foi como se me puxassem pela gola. Voltei-me meio tonta, ou meio zonza, ou meio sonsa, sentindo um nó na garganta e a súbita vontade de retornar e me jogar na cama. Gritou meu nome outra vez, me tirando da letargia. De repente, à luz da manhã, a roupa das minhas filhas pareceu incrivelmente branca; os brinquedos que seguravam com as mãozinhas gordas feriam a vista com seu colorido vibrante. O sol das sete projetava um zênite sobre todos nós, empurrando alguns para o lado alegre da vida. Sairíamos no meu carro, usando a rampa da garagem.

No antigo Gol branco, a viagem de ida foi cheia de percalços, devidos em parte às mudanças no humor do meu amigo, ao ir descobrindo, em tempo real, a enormidade da distância entre Vitória e Antônio Cândido. Também lhe tomei de volta o volante, em razão da sua direção extremamente agressiva, o que o enervou ainda mais. O retorno não foi menos complicado, tendo seu ânimo piorado devido ao calor. Logo depois de passarmos por Colônia, para coroar a série de pequenos incidentes, algum problema ocorreu no resfriamento do motor, o que nos obrigou ao pernoite em Balaclava, aventura forçada à qual as gêmeas reagiram bem, exceção para o fato de uma delas, pela madrugada, ter molhado a cama gentilmente cedida por dona Klein, mãe de Lucinda. Sim, Vera, a mesma Lucinda com quem dividimos a antiga república em Colônia, na década de noventa.

Foram vinte e quatro horas para retornar a Vitória, tempo que consumimos em visitas a mecânicos, contrato de guincho etc. Não, Vera, não havia seguro; nem mesmo ar-condicionado havia, e as fraldas estavam no fim. Balaclava fica perto da estrada, mas longe do comércio, e as duas bebês começaram a vomitar simultaneamente, descobrindo uma dupla e duradoura incompatibilidade com viagens de carro.

Enfim chegamos em casa, as crianças cansadas e eu enfasiada com os pedidos de desculpa do meu amigo, que parecia ter se comovido com o engulho incontrolável das pequenas. Estava em cima da hora para as aulas em Neanto.

Andrea procurou-me assim que cheguei, para saber as novidades e contar sobre a viagem que fez no feriado, com Mira e a filha, *para compensar*. Não pude ouvi-lo, ou então me atrasaria para o trabalho. A conversa foi adiada para o dia seguinte, quando me relatou enfim que não tinha podido dormir, pensando sobre o que eu estaria fazendo, na estrada, com outro homem. No domingo, acordou de madrugada, *angustiado ya con tu ausencia*, e propôs a Mira:

— *Subamos al auto y recorramos para ver qué tan lejos nos lleva el camino.*

Iniciou a narrativa com uma expressão entre o ressentido (co-migo) e o falso animado (com o tamanho da sua ousadia). E foi contando que seguiram pelo litoral – não lembro se para o Norte ou para o Sul –, que ele fez os esforços necessários para que o passeio fluísse bem, e, algo totalmente inédito: Mira aceitou dividir com ele *una cerveza*. Depois seu ânimo foi murchando. Acrescentou que a viagem, de início, ia bem, mas logo a filha se interpôs, chorando, fazendo pirraça. Instalou-se o atrito costumeiro e voltaram para casa emburrados, muito antes do imaginado.

Assim que o casal retornou da viagem frustrada, Andrea ligou para a casa de mamãe, que jamais desconfiaria de meu envolvimento com um homem casado. Era no início da tarde. Meu amigo passava perto do telefone. Atendeu, e, fazendo troça com o sotaque de Andrea, inclinou-se para nós com o fone na mão, imitando:

— Dalva, quiere hablar contigo un chico! Dijo que tiene productos de alta calidad!

Atendi e, sob o olhar indiscreto de mamãe, permaneci no diálogo superficial, quase protocolar. Mesmo assim senti que Andrea, do outro lado, represava, a duras penas, seu combo de ciúmes mesclados à curiosidade acerca da minha viagem, sentimentos avivados pelo fato de eu não poder, naquele momento, lhe falar de modo aberto, evitando ter de dar explicações sobre o autor do telefonema inesperado. Todavia a situação constrangedora serviu ao menos para que eu me sentisse na pele de quem tem de mentir, por não poder dizer o que quer e do jeito que quer. Criou-se em mim, repentinamente, um laço solidário com Andrea e suas dificuldades no exercício da vida dupla. Aliás, um dos nossos maiores impasses cotidianos nascia justo do fato de eu ter de vê-lo amiúde inventando mentiras, tergiversando, tossindo ao telefone, cuspidando para Mira palavras curtas das quais precisava se despegar rápido, como se fossem as gotas de lama que alguém sacode da bota após ter enterrado clandestinamente um corpo.

**A**cho que sim, Vera, eu poderia, eu deveria talvez ter optado, desde o início desta narrativa, por um tom mais fabuloso. Mas, sejam quais forem o gênero e o estilo, não é bom nos enganarmos: o romance entre Andrea e Dalva seria sempre um romance de poucos amigos. Digo, de poucos leitores. Aqueles que não se identificarem com as personagens e os eventos não perderão seu tempo lendo-o, pela trivialidade do que é narrado. Os que se identificarem demais vão abandonar no início aquela que seria uma má leitura, para a ficção, dado que pré-conceitual. Por fim, aqueles que se virem diretamente representados pode ser que lancem sobre mim um processo. Por isso talvez eu não tenha cogitado antes transformar os acontecimentos numa narrativa mais longa e elaborada. Nem mesmo como promessa tardia de vingança, desejo que, confesso, existiu no início da separação. Ah, claro, você dirá: a boa vingança é sempre tardia. Como se diz, é um prato que se come frio. Eu, porém, sempre suspeitei que a vingança é um prato que se come e vomita. O que não significa que não se possa comê-lo, mas sim que o malefício costuma ser maior para quem se vinga que para aquele que é cobrado. Mas, claro, vai do estômago de cada um, e estômago alheio é terra que ninguém pisa.

Quanto ao processo, pensando bem, não creio que se chegue tão longe. Ao menos não pelos fatos expostos aqui. É mais provável que o problema destes escritos seja de ordem moral: ainda que a maioria de nós clame aos ventos pela verdade, o que todos desejamos, no fundo, é uma boa mentira: gorda, bem contada, dourada em temperatura baixa no forno da hipocrisia. Basta, entretanto, que a mentira seja mostrada na sua forma mais verdadeira, ou seja, como mentira que é, e tendemos a ver nela uma verdade, talvez pelo vício de avessar, ainda uma vez, o já avesso. Mas, nesse caso, estaríamos falando de invenção, e não de um caso real, como este.

Aliás, querida amiga, alguma coisa acontece no meu coração, e, apenas sugerido por você o registro inventivo, lá vou eu me deixando seduzir pelo demônio da ficção. Já temo me desviar do que

realmente se passou e começar a divagar. Até a presente mensagem, fui fiel aos acontecimentos e prometi cuidar para seguir assim. Mais que nunca, porém, eu entendo que não minto. Ao contrário: meu desafio é inventar verdades.

Mas retornemos ao principal. Não quero me desviar do centro do relato. Caso venha a seguir a sua sugestão, temo que um romance sobre esse caso soe, tal qual *Sueli*, o “romance confesso” de Reinaldo Santos Neves que você tanto aprecia, como uma declaração de amor, uma carta aberta e, juntamente, uma espécie de vendeta. Não sei, no entanto, se o texto de Reinaldo e este aqui coincidem em algum desses dados. É possível que Dalva e Reynaldo, o protagonista de *Sueli*, tenham em comum apenas o fato de, como sujeitos amorosos, em algum momento não terem podido falar, de lhes ter sido podada a expressão dos seus tão puros afetos – você compreenderá adiante, Vera. Outro elemento ainda aproxima – e afasta – daquele este romance: embora aqui a narradora seja a mulher solteira que se envolve com o homem casado, enquanto lá o narrador é o homem casado, Dalva não se parece de modo algum com Sueli, mas sim com Reynaldo. Reynaldo com ípsilon, o de dentro do livro. Quem sabe Dalva seja leitora de *Sueli* e tenha caído na armadilha do narrador, que fez o possível para que o leitor se identificasse com ele (e não com a pseudoprotagonista)? De propósito ou não, a busca por empatia sempre pode sair pela culatra.

**R**etornando de uma viagem ao Peru, Andrea me trouxe de presente *La tía Julia y el escribidor*, romance de Vargas Llosa. Mal terminou a leitura, passou-me o volume empolgado, querendo que lêssemos juntos um mesmo livro. Quando lhe perguntei (por gosto da provocação) por que não o oferecia também a Mira, de modo que o lêssemos os três, afirmou que até havia pensado nisso, mas que Mira preferia *lecturas de mayor aplicación práctica*. Uma dessas leituras, me disse, era *Transforme seu homem em sete dias*, verdadeiro livro de cabeceira que Mira lia *con aires de devota*, e cujos ensinamentos punha em ação na tentativa de transformar o seu homem. Segundo Andrea, a leitura andava surtindo efeitos, embora colaterais. Era a prova da utilidade perversa das escritas de autoajuda.

— *Sea en que sea que ella me tenga cambiado, cayó justo en tu regazo.*

E foi então que adotamos um novo hábito: em alguns dos nossos encontros, eu lia em voz alta para Andrea, que quase sempre era quem escolhia na estante a leitura da ocasião. Iniciamos por um conto de Lygia Fagundes Telles, “Venha ver o pôr-do-sol”, cuja abertura é um convite bastante discreto para a armadilha final, o desfecho tenebroso. Passamos depois para “A ceia”, minha predileta entre as narrativas curtas da mesma escritora. Andrea vibrou com a concisão e a análise psicológica. Nas semanas seguintes li alguns trechos do *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. Para minha surpresa, a despeito do vocabulário rebuscado, da sintaxe difícil e dos contextos específicos, Andrea aplaudiu. Chegou a vez do “Caso do vestido”, de Drummond. E Manuel Bandeira, que, para desgosto meu, Andrea rejeitou, creio que por total incompreensão da proposta coloquial, privilegiada no meu recorte. Li então capítulos inteiros de *São Bernardo* – admirou-se de tanta rudeza. Imaginei que se referisse ao papel masculino, mas não: falava da linguagem. Tentei comovê-lo com “Um cinturão”, do mesmo Graciliano. Estranhamente, não surtiu o efeito esperado. Logo depois, li um trecho do *Grande sertão*, apenas para constatar que a exuberância do idioma, em Rosa,

é demasiada para quem ainda não se acha confortavelmente instalado no português. Era preciso parar diversas vezes e explicar certas passagens, as quais, durante a leitura, não se deve explicar. Nesse caso, a minha pedagogia facilitadora, aplicada por amor à matéria, tanto quanto ao aluno, resultou contraproducente, e, punhalada no meu peito, Andrea enfastiou-se de um dos maiores romances já escritos. O caso Cecília Meireles segue sendo um enigma. Iniciei a leitura de *A paixão segundo GH*. Pedi que continuasse. Não mostrou interesse. Por outro lado, fascinou-se com “Escravocratas”, de Cruz e Sousa, leitura repetida diversas vezes, em vários encontros, por mim e por ele. Quando li *O beijo no asfalto*, comoveu-me o seu verdadeiro assombro ao descobrir *que alguien ya escribió algo así en Brasil*. Suas palavras sobre a peça de Nelson Rodrigues me fizeram lembrar “A cartomante”, que entrou na mesma hora para a lista de espera. Como eu podia aceitar que Andrea ainda não tivesse conhecido Machado de Assis? Um sábado foi especialmente reservado para o encontro.

Chovia sem parar há quase três horas. As ruas do meu bairro, com seus bueiros entupidos, tendiam à inundação. Em breve o odor ferroso do minério seria substituído pelo cheiro de mofo. Gotas grossas batucavam nas janelas, fazendo escorrer pelos vidros uma aquarela preta e marrom, em que se misturavam o pó preto da Vale e o polvilho dos tijolinhos recém-cortados para um retoque qualquer na área de serviço. Comecei a ler o conto enquanto Andrea, tomado do espírito da michelada, escutava, absorto. Quando se deu conta, já estava absolutamente envolto na poeira lançada por um tilburi da rua da Guarda Velha. Jamais me esquecerei do interesse com que acompanhou os passos das personagens, sorvendo, aflito, cada palavra da cigana anunciadora de destinos.

Justo quando se aproximava o clímax, teve uma forte crise de engasgos, seguida por uma onda de soluços que parecia não ter fim. Supus que estivesse tentando pôr na conta do seu pileque a comoção com o texto, disfarçando assim a inveja da literatura nacional. Tive medo de que me caísse morto nos braços. Diferindo da morte

clássica do marido traidor, essa não teria sido perpetrada por arma de fogo, nem ocorreria no momento do orgasmo, na cama da amante, mas sim na audição de um conto. Interrompi a leitura. Findaram engasgos e soluços.

Retomei a leitura. Entre vivos e mortos, traidores e traídos, entre pessoas e personas, escaparam todos. Diante do susto e do prazer de Andrea, pensei sobre que experiência invulgar deve ser conhecer Machado estando já na idade adulta. No mesmo dia, emprestei-lhe o *Dom Casmurro*, que jamais devolveu.

**S**im, Vera, a mim também soa como se estas mensagens estivessem se transmutando.

Inclusive, conforme lhe disse antes, as raízes desta narrativa podem ser detectadas bem antes do início da nossa correspondência, no blog de ficção que eu mantinha na época dos acontecimentos, e que, depois de terminado o caso com Andrea, abandonei por muito tempo, devido à mais completa indisposição para a escrita, voltando a reabri-lo somente há pouco mais de um ano.

Em meados de 2012, época de muitos desentendimentos seguidos de um mar de mágoas, postei um dístico intitulado “Das funções literárias”:

Eu nunca usei a literatura como vingança,  
mas confesso que não vejo a hora!

E outro, premonitoriamente chamado “Romance”, que explora o duplo sentido do termo, ao mesmo tempo que simula uma ameaça:

Por enquanto sinta na pele  
a incisão do meu dente esferográfico.

Agora que você sugeriu a escrita do romance, e estando Andrea e eu tão afastados, soa como se a nossa história, naquela época, estivesse mesmo acontecendo para ser narrada depois – como sonhar para contar ao analista. E, claro, não era apenas eu quem a desenrolava, e nem só eu conhecia os riscos de o caso se tornar público – sob o rótulo de ficção ou prescindindo dele. De todo modo, os diversos textos que postei ali a partir de janeiro de 2010 revelam, de uma forma ou de outra, as delícias e agruras dessa relação e, paulatinamente, o caudal perigoso para o qual os acontecimentos começavam a se encaminhar.

Saindo enfim da crise de escrita, publiquei no blog um curtíssimo conto chamado “Não tentem fazer em casa”. A cena me surgiu

num pesadelo noturno e bem descreve o sentimento que tomava conta de mim:

Senti uma leve cócega na garganta. Assustou-me ter ficado preso logo ali um fio dental. A custo consegui pinçá-lo firme entre o indicador e o polegar, e fui puxando, puxando... A agonia crescia com a suspeita de que o fio não tinha fim, no entanto eu não podia parar de puxar. A partir de certa medida foram aparecendo, agarrados no fio, agora já bem engrossado de baba e restos de comida, pequenos garranchos, como os que minhas filhas escrevem nos cadernos. Formavam palavras que eu lia, mas cujo sentido não podia distinguir. Ao fim de um metro, a náusea já era insuportável e as letras que surgiam eram maiores, de plástico colorido, como as do jogo de lego. Por fim, frases completas assomavam em profusão, rasgando-me a garganta já em carne viva, sem que eu pudesse falar e nem mesmo as ordenar ao meu modo. Enfim despertei! O pesadelo de fora parece menos verossímil.

Da minha atuação no blog vêm os motivos para crer que, no fundo, Andrea cogitava, inconscientemente, a revelação do caso, o que seria o fim... do próprio caso, e, por extensão, do estresse que lhe advinha da vida dupla. Eu percebia a vibração incomum que lhe dava cada novo poema de circunstância que eu postava. Com frequência me incitava:

— *¿Por qué no escribes sobre nosotros?*

— Você não tem medo? Não acha arriscado? E se nos descobrirem?

— *Nada de eso, Dalva. Ficción es ficción, no hay que rendir homenaje a la realidad. Además, tienes derecho a escribir lo que quieras. El resto, así como las interpretaciones, no cabe a ti definir. Nada ni nadie debe impedirte ejercer el oficio. ¿Por qué desperdiciar una vocación de estas? Escribe nuestra novela y luego marque en la primera página: “no basado en hechos reales”. Está hecho y listo. ¡Nada tienes que temer!*

Em poucas palavras, Andrea expunha uma rara compreensão do universo literário. Talvez por isso jamais me senti tão estimulada a escrever como durante o tempo em que convivi com *el ingeniero*. Hoje considero que foi ele, na sua paixão incomum pela escrita, quem primeiro intuiu que podia e desejou perenizar-se em personagem. Quiçá eu possa ainda realizar esse desejo seu, embora com atraso.

**A**liás, Vera, além do que eu lhe disse sobre os estudos da doutora Goldman, e diferentemente do que ela afirma na tese sobre o comportamento das amantes em geral, nunca desejei que Andrea se separasse. Nem fantasiei que ele e Mira não mantivessem relações sexuais. Dos resultados das pesquisas realizadas pela renomada sexóloga, consta que oitenta por cento das amantes acreditam que o marido traidor não transa com a própria esposa, guardando fidelidade a ela, a amante. Nesse ponto, paradoxalmente, por muito tempo fantasiei contra a própria realidade. A mim parecia impossível que Andrea e Mira não transassem; até pelo contrário, supus que o quadro inerte apresentado a mim fosse apenas mais uma das mentiras que Andrea acreditava serem necessárias à manutenção de um relacionamento como o nosso. Foi o que pensei, até o momento em que a própria Mira me confidenciou: há anos ela e Andrea já não tinham relações. Portanto, se durante grande parte do tempo em que estivemos juntos a vida sexual do casal era instável ou mesmo inexistente, a culpa não era minha. Segundo consta – e o que consta me foi dito por Andrea ou por Mira, ficando você, amiga, lamentavelmente, com uma verdade de segunda mão –, o problema entre eles era anterior ao período em que eu e Andrea nos conhecemos. Ao que tudo indica, vinha de antes mesmo de eles se conhecerem, pois que o problema de cada um era consigo, antes de ser com o outro. Já nos primeiros encontros, num dos desabafos de teor mais íntimo que me fez, Andrea dizia ter consultado um especialista sobre a sua prolongada inapetência para a comida peruana, achando que a desordem pudesse ser de origem fisiológica. Em suas próprias palavras:

— *No hay manera, Dalva. Nada funciona y ya no es posible enganar. De hecho, nunca hubo una química razonable entre ella y yo, una dificultad que solo ha empeorado con los años y que ahora llega a extremos de rechazo y cansancio.*

*Las ganas perdidas* nenhuma das viagens que fizeram separados conseguiria recuperar. Embora não ousassem, entre si, chamar a esses afastamentos temporários pelo nome mais usual de férias

conjugais, todas as vezes em que se sentiram demasiado entediados, ou se os desentendimentos se tornaram muito frequentes, providenciaram uma dessas separações lúdicas, sem consequências para as bases do matrimônio, que eram feitas, está claro, de cimento e pedra. Uma ou outra vez, perguntei, em parte por gosto da provocação, mas, pateticamente, esperando ouvir uma resposta que me aplacasse os ciúmes mal reprimidos:

— Por que não viajam juntos, numa nova lua de mel?

— *No funciona. Un viaje con Mira es imposible, no sabemos divertirnos juntos. Lo más cercano a una luna de miel que he tenido en mi vida fue exactamente cada vez que ella se fue sola y yo pude visitarte sin miedo.*

O fato é que entre nós funcionava, e jamais houve tédio ou fadiga. Funcionava bem, e muito. E seguiria funcionando, não fosse a enorme distração de Andrea, ter deixado aberta a caixa de mensagens e permitido assim que o Acaso saltasse do seu sedan e tomasse as rédeas da charrete que conduzia o Destino. Ou seria o contrário?

**U**ma noite dessas, sonhei que havia escrito o tal romance. Desde que você trouxe à tona a ideia, não consigo pensar em outra coisa; ao me sentar para lhe escrever, receio desviar do acontecido e enviar um relato inteiramente ficcional. Começo a duvidar inclusive da veracidade das minhas lembranças, afinal, lá se vão alguns anos, desde o término do romance propriamente dito, digo, o caso de amor. Portanto, não se impressione se eu disser que a esta altura já não tenho certeza do que de fato ocorreu.

No sonho, o meu romance se chamava *Andrea* e estava pronto para ser lançado. A gravura da capa era uma fotomontagem em preto e branco, num fundo vermelho, e sobrepunha Machu Pichu ao monte do Mestre Álvaro, símbolo do município de Serra, palco de parte dos acontecimentos. Por cima da imagem, descentralizado, o título, em Bauhaus 93, destacava-se em amarelo vibrante. Essa mesma cor se mesclava a outras cores vibrantes na contracapa, formando uma estampa de padrão andino em que diversas listras desciam verticalmente, invadindo inclusive a segunda orelha, onde a vibração das cores se suavizava para dar destaque ao texto, no qual, em vez de um resumo da minha biografia, aparecia uma foto de Andrea, encabeçando um texto que eu não pude ler, porque as letras eram diminutas e eu estava sem óculos. Lembro-me de ter me sentido lesada ao ver a imagem de Andrea ali, onde deveriam constar, inequívocos, os dados descarnados e repetitivos que incluíam meu nascimento e algumas obscuras conquistas acadêmicas. Considerei que o título ficaria melhor na cor preta, e que o livro deveria se chamar *Dalva*.

No quadro seguinte do sonho, eu autografava *Andrea* para ralas dezenas de conhecidos, num salão vasto e bem decorado, verdadeiro palácio, quando o protagonista, o próprio, proto e agonista, aparece descalço, fura a fila portando um sorriso enigmático, aproxima-se e estaca diante de mim com o livro na mão esquerda. Alguns amigos se voltam atônitos, reclamando o espaço tomado a alguns passos da mesa que eu ocupava. Chocada, sem saber se deveria sentir medo ou prazer, balanço a cabeça, reprovando o gesto e os trajes de

Andrea, mais apropriados a uma corrida na praia que a um coquetel de lançamento.

Ignorando de modo sumário os muxoxos dos convidados, num andar firme, embora sem pressa, ele se aproxima da mesa por detrás da qual eu permaneço sentada, caneta na mão. À distância de um braço, me estende o volume, e, com a outra mão, tateia o bolso da jaqueta como quem procura por algo. Acompanhando os seus movimentos com discrição, como quem não dá muita importância, eu empunho a caneta um tanto demoradamente, num gesto antipático, e rabisco uma curta dedicatória, descarnada, na primeira página. No mesmo instante em que eu devolvo o seu livro, já descontente com o fato de não ter conseguido, no calor da hora, registrar uma mensagem mais adequada, ele encontra enfim o que procura, e aponta uma arma para o meu peito. Só tive tempo de pensar: “Como não imaginei que ele viria?”

Despertei com meu próprio grito, entremeado pelos gritos das pessoas no sonho, e desde então venho gestando, com maior firmeza, a ideia do livro. Escrever um romance sobre o meu romance, dizer a Andrea o que nunca foi dito, tornar públicas as suas confidências, e as minhas. Inventar fatos que nunca se deram, aplicar-lhe uma lição que o deixe para sempre temeroso de outros envoltimentos extraconjugais...

Acontece que, sendo imensa a vaidade do nosso engenheiro, um livro com o seu nome na capa poderia ser tomado como uma homenagem – ainda que revelasse segredos que poderiam vir a abalar os alicerces inabaláveis do seu casamento.

**N**uma quarta-feira chuvosa, Andrea telefonou diversas vezes ao longo do dia. A cada ligação parecia mais inquieto, mas de uma inquietude feliz – o que não dista muito, no seu caso, de uma ansiedade confusa, ou mesmo insegura –, cujo motivo foi me revelando aos bocados: queria me apresentar a sua mãe. Os primeiros telefonemas foram dados no influxo dos preparativos para o encontro, que eu não soube ao certo quais foram. Na última ligação, início da noite, confirmou já estar em companhia de dona Laila na Pavlov, sorveteria próxima a minha rua, onde, nos dias de folga, compartilhávamos uma taça de açaí com leite em pó e granola. Em uma ou outra ocasião, eu já havia presenciado o devanear de Andrea em voz alta sobre um encontro entre mim e a doce senhora, a quem eu tinha cumprimentado de passagem, em algum evento familiar. Compreendi que, para ele, era algo importante; semelhava talvez a criação de um novo núcleo interseccional, espécie de reserva afetiva para os momentos de crise. No fundo, era mais uma situação paradoxal na qual se enredaria, já que, em teoria, um homem casado está impedido de conquistar uma mulher, ou seja, de realizar justo aquilo que o torna homem, numa sociedade baseada nos desejos do macho e circundante em torno das necessidades dele. Andrea pretendia manter-se casado e, em paralelo, conquistar para si outra mulher. Desse modo, faria com que se unificassem nele, e somente nele, os dois polos opostos, porém complementares, da machitude.

Animado, pediu que eu descesse até a Pavlov com as meninas. Na sua fala, tudo soava natural, mas a surpresa do convite me trouxe desconforto, e acabei declinando. Disse que as crianças estavam agitadas etc. Eu já sabia que a ideia da aproximação entre mim e sua mãe se ligava a outra proposta, ainda mais absurda, o noivado. Sim, Vera, você leu corretamente. Quase posso vê-la do outro lado, mão sobre a boca, na sua mais típica expressão de espanto. Eu sei, de qualquer ponto de vista racional, a ideia era patética. Por outro lado, o lado dos afetos, não faria qualquer sentido rechaçar a proposta. Exatamente isso. Apesar das diferenças e desavenças, nosso romance vinha num

idílio crescente, ainda que, há algum tempo, Andrea andasse desnortado com a minha completa falta de pretensão de lhe impor decisões ou indicar uma rota. Era impossível que se libertasse de um cabresto sem que outro estivesse à altura do seu pescoço. Considerado tudo isso, porém, eu não podia simplesmente aceitar sem reservas ficar noiva de um homem casado, com o qual andava escondida pelos bares menos frequentados da cidade. Aliás, nem sempre tão escondida, e nem sempre pouco frequentados. A capacidade que tinha Andrea de, num átimo passional, esquecer todo o contexto e idear contra o real gritante não me desagradava, mas, confesso, dava vertigens – de medo. Revelava uma ingenuidade doce, quase infantil, e – por que não dizer – comovente. Eu quase nunca tinha certeza de que Andrea conseguiria separar os nossos delírios de amantes das prováveis consequências deles. Inúmeras vezes, tinha o ímpeto de seguir com ele nessas viagens perigosas, desde que permanecessem restritas ao território da fantasia, mas aquilo ali já era demais. Enfim, não fui ao encontro dos dois, nem os convidei a minha casa, embora a soreteria ficasse a cem passos. Andrea lamentou, e não sei se aceitou as desculpas que dei, mas objetou com extrema delicadeza.

— *Entiendo, mi amor, pero mi madre es muy viejita. Me temo que muera sin conocer a la mujer que realmente amo.*

E não insistiu mais. Para mim, rascunhava-se ali o desfecho trágico que teria a nossa história. Parece, olhando agora, ter sido menos trágico do que prognostiquei.

Foi no dia seguinte que tive a confirmação: sabe-se lá de que maneira, Andrea desejava ter oficializado o pedido na presença da mãe. Deixou claro que não estava brincando, e a sua firmeza me gelou os ossos. O noivo interdito arrastava para a nossa ilha perdida personagens inimagináveis, dilatando a bolha onírica, temerariamente, até o mundo real. Eu, que estivera tão cômoda no papel de uma terceira pessoa, não conseguia mais definir para mim um lugar naquela trama que se expandia insana, e a olhos vistos. Naquele dia, senti um gosto de sangue ferroso no céu da boca, que é como o organismo me alerta da proximidade do perigo. Uma coisa era o nosso convívio secreto de amantes; outra, bem diferente, era afrontar o clã familiar. E havia mais uma surpresa: Andrea encomendou de Lima, secretamente, um anel de ametistas. Tratava-se de um duplo segredo, pois, além de mim, Mira, é claro, também não poderia saber da encomenda.

Cada novo arroubo de Andrea para fora da fronteira tinha exatamente as proporções que costumam ter os ímpetus lúdicos entre os casais – nem mais, nem menos. Afinal, que problema haveria em fantasiar que ficaríamos noivos e nos casaríamos e teríamos filhos e viajaríamos e envelheceríamos juntos e tudo o mais que pudesse caber naquele largo delírio bruxuleante de apaixonados? Idealizar sobre isso é o que fazem todos os pares de amantes, sejam os seus amores proibidos ou não, não é verdade? Nesse ponto nos irmanávamos a quaisquer outros enamorados. No fundo, todos eles pressentem que o que importa é sonhar, já que o fim é certo, e precisamente a imaginação constitui, de modo paradoxal, a parte tangível do percurso. O resto, fatalmente se perde com o tempo, transformado em palavras, em convenção, em rotina, em tédio, em nada. A fantasia vestida estrangula o desejo, e contra isso ninguém pode. Espetaríamos a borboleta com um alfinete de latão?

**N**o sábado seguinte, li para Andrea a “Quadrilha”, de Drummond. Quadrilha lembrou ciranda. “Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar... O anel que tu me deste, o amor que tu me tinhas...” Comentei o poema, expliquei a cantiga de roda, a brincadeira do passa-anel... Ele, em silêncio, fez as suas associações. Saímos para almoçar. O anel que queria ter oferecido na Pavlov, em presença da mãe, me foi passado por entre as mãos unidas, durante o almoço em Jerusalém, com o mesmo gesto que se faz na brincadeira infantil com o anel. Diante da baía, tendo ao fundo a Vila Antiga, com o convento da Pedra e a Ponte Grande por testemunhas, a nossa união foi bendita com cerveja gelada e o arroz de polvo preparado pelo próprio Vigotski. Do meu ponto de vista, através do vidro úmido da tulipa, a Ponte Grande se curvava para beijar a Pedra nos pés. Ou talvez a Pedra é que lhe preparasse um pontapé...

**S**exta-feira, a caminho do trabalho. Em vez de pegar a BR, passando por Capatazes, resolvi seguir pela praia de Camburi. Era uma manhã bonita de outubro, o céu estava azul e um vento fresco amenizava o calor que prometia crescer durante o dia. Vesti uma roupa leve, mesmo sabendo que em Serra a temperatura é sempre alguns graus mais baixa que a da capital.

Liguei o rádio do Gol, sintonizado sempre na mesma emissora de FM, que não era um primor de estilo ou exemplo de comunicação, mas ao menos tinha programas específicos de música brasileira, ao contrário de todas as demais, em que, à exceção do sertanejo e do gospel, dificilmente se ouvia um verso no nosso idioma, o que com o tempo aborrece, pelo exagero. Foi a primeira vez que ouvi a canção de Lenine que tem como fundo um canto de cigarra. Desde que despertara, naquela manhã, vinha fruindo uma invulgar sensação de calma e confiança no futuro das coisas. O clima bom, a música nova, até mesmo o toque suave da malha no corpo, o perfume dos cabelos secando ao vento que vinha da orla, um pouco mais veloz que de regra para aquela época do ano... Tudo o que costuma passar despercebido sobressaía então de um modo diferente: o conjunto desses detalhes era como uma espécie de felicidade, absolutamente óbvia, banal e gratuita. Estava viva. Ao lembrar aquela circunstância, não posso concluir sobre qual teria sido – e se haveria – um elemento detonador de tão repentina consciência. Seria algo na letra da canção? Ou o brilho anil no céu da cidade? Reminiscências da infância, talvez, vivida entre a serra e o mar...

Eu dirigia tranquila, sem formular esses questionamentos, mas com todas as boas sensações grudadas à pele. No momento em que passava pela ponte do Barrichello, deixando para trás a Praia do Cannot em direção a Camburi, notei que a massa d'água na ponta de mar, à esquerda, muito rápido se tornava cinzenta, reflexo de uma brusca mudança no traçado dos ventos, e, por consequência, na densidade das nuvens. Com a ventania, as dezenas de embarcações atracadas no porto passaram a se mover feito barquinhos de papel numa bacia,

e numa velocidade que eu nunca tinha visto ali, naquela que era uma das minhas paisagens prediletas. Nesse ponto da orla, os barcos de pesca são quase todos de cor verde, em contraste com os do píer da Praia do Açú, por exemplo, em que predominam os diversos tons de azul, alguns botes parecendo nem existir, camuflados que ficam nas águas da baía. De um modo quase mágico, feito num pop-up, os barcos se descolavam da tela e ganhavam vida fora do quadro costumeiro, aquela marina sempre igual, cujas pequenas mudanças e deslocamentos, semana após semana, eu poderia assinalar com um xis, como num jogo dos sete erros. Sob a força do vento, um dos botes menores chegou a empurrar, violento, o vizinho da esquerda, e assim sucessivamente, num dominó marítimo. A cigarra de Lenine seguia com o seu canto.

Mal cruzei a pequena ponte, algumas gotas grossas batucaram no vidro dianteiro. Em segundos, a chuva caía densa e, muito rápido, já era torrencial. Golpeando o capô, a água troava forte. No fim do píer, quase dentro do mar, a estátua de Iemanjá foi rapidamente encoberta por um véu de água vaporosa que resultava da fúria da chuva caindo no concreto. Agora se via apenas o seu busto, como o de uma Vênus vitoriana que a ostra tivesse engolido. Suspeitei de uma rara chuva de granizo, confirmada pela imagem dos banhistas deixando a praia às pressas, alguns colhendo nas mãos bolas de gelo do tamanho de peras, bem no limite entre o asfalto e a calçada.

A minha primeira ideia foi parar no acostamento até que a chuva cessasse, mas, graças à sedutora ex-manhã de sol que ainda ia pela metade, não havia uma vaga onde estacionar. Segui mais umas centenas de metros pela avenida à beira-mar, enquanto havia fluxo de carros. Com o aumento da frequência e da dimensão das pedras que caíam, concluí que continuar dirigindo seria arriscado. Eu era um personagem qualquer num jogo de video game.

Ao notar que a água subia ligeiro, muitos motoristas pararam seus veículos em filas duplas, de um lado e de outro. A avenida Dante Mussolini é uma pista em que os condutores não estão habituados a

diminuir a velocidade. Comecei eu também a procurar uma meia vaga, que fosse, suficiente ao menos para retirar da pista o grosso do corpo do carro, liberando o fluxo e evitando assim um acidente. Se parasse no acostamento, eu atenuaria também os riscos de um impacto com uma pedra maior, que poderia me quebrar o vidro da frente.

O cenário depressa se tornou caótico. A essa altura, o dia parecia noite. A chuva torrencial no para-brisa limitava a visão. A inundação aumentava e a maior parte dos motoristas não sinalizava a parada. Aberta uma via central graças à desistência generalizada de continuar guiando, resolvi seguir mais um pouco, à espera de divisar uma vaga. Ao me deparar com um espaço vazio à esquerda, tentei reduzir ainda mais, para me dirigir até lá, e então senti que os freios não obedeciam ao meu comando. Como jamais antes havia patinado na água, demorei um pouco para compreender, na prática, o que acontecia. A velocidade, que era baixa quando comecei a frear, foi aumentando à medida que o carro deslizava sem controle pelo asfalto inundado. Diante da impossibilidade de manter-me em linha reta por entre banhistas que atravessavam a avenida correndo para debaixo das coberturas dos quiosques, eu torcia para que o restante da pista estivesse vazio, e que meu carro não colidisse com nenhum outro.

A velocidade só aumentava. Um desespero extra vinha de não poder comunicar aos interessados, lá fora, que este carro aqui, pessoal, está sem controle, saiam da frente! Testei os freios ainda uma vez. Nada. Segui ultrapassando semáforos fechados e outros que já tinham entrado em sinal de alerta, devido à tempestade. Estava próxima dos noventa, o que não era pouco para um carro desgovernado numa via de sessenta quilômetros por hora. Por sorte, no ponto a que chegara agora, pouca gente se arriscava a atravessar aquela piscina geral, que já tocava os joelhos. Num medo aterrador, minimamente controlado devido ao imperativo de continuar guiando, eu torcia por encontrar adiante um trecho não inundado, em que, quem sabe, os freios voltassem a funcionar. Quase na metade dos quatro quilômetros que formam a via, pude enxergá-la inteira, e ela estava toda,

igualmente, sob a água. Testei os freios de novo, perdendo de vez a esperança de parar. Pensei nas minhas meninas e no que lhes sucederia, caso ficassem sem mim.

Felizmente, dali para a frente o tráfego era menor. Concentrei toda a atenção em tentar permanecer na pista, até que encontrasse o modo menos sinistro de parar. Cogitei raspar as calotas na calçada, mas em tempo entendi que poderia resultar em capotagem. O resto todo era uma selva de postes, calçamentos invisíveis e bueiros (por vezes abertos) sob a água. E veículos parados, de alguns dos quais consegui, a custo, desviar, iniciando o procedimento sempre com uma antecedência muito maior do que se faz comumente. Nunca antes tinha sentido a falta que fazem os freios.

Já no miolo da avenida, meu celular tocou, sobre a caixa de marchas, e vi que era Andrea. Pressionei a tecla do viva-voz, e, em poucas palavras, gritei para ele o imprevisto macabro. Aconselhou-me a agir precisamente como eu já tentava fazer, acrescentando ao final:

— *Aguanta firme, amor. Estoy a camino de ahí.*

Ao aproximar-se o fim da avenida, sentia-me em vantagem por tê-la conseguido atravessar inteira sem colidir, mas, ao mesmo tempo, sabia que o desastre era inevitável. Lembro-me de ter visto, parados próximos da pilastra de concreto do viaduto que cruza a pista, dois carros, um deles com o pisca-alerta ligado. Depois disso, viria a curva, que finda numa pequena mata de restinga, na entrada do porto de Baleia. Por detrás dos vidros suados, em meio ao movimento frenético do limpador de para-brisa, escolhi, entre os dois veículos, aquele que parecia ser o menos caro, o menos novo, aquele cujos custos de conserto seriam mais fáceis de cobrir, e que, portanto, menos problemas me daria com a colisão. E era justo o pequeno pampa do motorista prudente, que havia acionado o alerta e, inclusive, tinha saído do carro sob a chuva, atitude sóbria que só me foi revelada bem depois da pancada, do desmaio e do posterior retorno à consciência.

Antes de me chocar violentamente contra o outro cubo de lata, conferi os cintos e tentei buzinar. Mesmo sendo remota a possibi-

lidade de compreensão do recado, eu queria avisar, caso houvesse alguém no carro. Desafortunadamente, a buzina também falhou. Deve ser um curto elétrico, pensei. No entanto a música da cigarra continuava tocando, e não podia ser apenas na minha cabeça. A falha da buzina foi um pequeno acréscimo ao desespero, no meio daquela via crucis que já me parecia longuíssima, mas que, calculo, deve ter durado menos de quatro minutos, considerado o decurso da canção, que se iniciava quando atravessei a ponte, e que ainda tocava quando colidi.

Da batida em si, nada recordo. Lembro-me apenas de, pouco antes, ter tentado me alinhar numa posição menos prejudicial para a coluna. Considerei com tristeza a hérnia de disco que tenho em C6 e os danos que sofreria com o impacto em área tão delicada. Quando despertei, tinha a visão duplicada e gosto de sangue na boca. A primeira imagem que distingui foi Andrea, me engolindo com o olhar apavorado, o rosto pálido colado ao meu. Repetia meu nome baixinho, enquanto me massageava os ombros e o pescoço.

**C**hegamos, creia, ao pedido de casamento.

Sim, Vera, bodas de amante. E desta vez o rito incluiria uma categórica, vistosa, indiscreta aliança. Para Andrea, o sagrado matrimônio *es la tortura a la que nos ofrecimos de cuerpo y alma, pero de buen grado*. Apesar dos qualificativos, era essa mesma a proposta que tinha a me fazer. Casar-me-ia (com um homem casado), eu, que nunca, antes ou depois de Andrea, fui afeita sequer a considerar a possibilidade? O que era aquilo a que nos dispúnhamos nenhum dos dois sabia ao certo, mas a larga aliança de ouro e prata, do mesmo modo que o anel de noivado, foi encomendada de Lima, e tinha gravado, ao lado de dentro, o nome de Andrea.

Recebi a aliança e usei-a por todo o ano que se seguiu. Gostava dela. Em meio às tarefas cotidianas, o pequeno aro de metal recordava que em algum lugar havia uma bolha reservada para os meus afetos, proibidos aqui fora. Nessa época ainda éramos tomados, volta e meia, pela memória da pele, que surpreende ao volante, no meio de uma conversa ou de uma aula, eletrizando os membros com arrepios no dia seguinte a horas bem vividas, como se o calor da mão que o percorrera restasse um pouco por ali. Era um período de efusão dos desejos, e a paixão se prolongava para além do esperado, avivando em nós, ainda que furtivamente, a crença no senso comum de que não poder é o segredo do querer, e que o segredo é a alma do negócio.

Andrea, a essa altura, planejava, um tanto efusivo: nós nos casávamos numa cerimônia sigilosa (ou quase) na igreja de Caraípe, com vista para o mar. A mesma em que se casou meu irmão Davi. Chegadas a esse ponto dos acontecimentos, dentro do universo auto-ficcional em que nos movíamos, nada mais importava, e os freios davam um primeiro sinal de falha. Suspeitei de que partíamos do absurdo para o ridículo, por almejar ter e fazer justo aquilo que sabíamos ser impossível, mas que, por isso mesmo, alimentava a febre inventiva de nossas mentes e corpos. Em fuga do casamento, Andrea sonhava com um... casamento. Eu, quase sempre contente

com o nosso garimpo frutífero de amantes, não queria subtrair as suas fantasias, sob o risco de, junto da pirita, lançar fora o ouro e a peneira. E a lua de mel, que era o que de fato importava, por enquanto seguia quase ininterrupta.

**M**as nem tudo são flores e luas e anéis... Alguns dias antes do antepenúltimo rompimento definitivo – não tente saber com precisão qual seria, Vera; foram tantos que eu mesma os confundo, e é apenas por uma convenção romanesca da ordem da estrutura narrativa que os enumero –, eu havia encontrado por acaso, num restaurante, um antigo namorado, e caí na tentação de falar a Andrea sobre a coincidência. Teve início mais uma das longas sessões de tortura psíquica. Quis que lhe dissesse tudo sobre o almoço, a conversa, as impressões de um e de outro depois de tanto tempo afastados. E como é que se pode querer saber dizer tudo acerca de algo ou alguém? Eu mesma – foi o que tentei explicar – era apenas parte do encontro, não podendo, por isso, jamais querer sabê-lo por inteiro. Como é de praxe, o suplício terminou por extenuar também o torturador, e Andrea passou então a se esquivar com a saída mais fácil, a negação. Abrupto, simulou não se importar com nada daquilo, pensando poder apagar tão simplesmente os efeitos de mais um delírio passional. O recalque, porém, é tanto mais doloroso quanto mais bem-sucedido.

Dali a alguns dias, tornou a perguntar sobre Maurício. Respondi que tinha telefonado. Desta vez Andrea ensaiou um discurso diferente, quase revolucionário para um ciumento: não achava justo que, tendo ele outra mulher – era engraçado vê-lo referir-se a Mira como outra –, eu não pudesse sair com outro homem, como amigos, que fosse. Do mesmo fosso dos recalques saiu o conselho (inesperado e não solicitado) sem o qual, quem sabe, eu não tivesse pensado em aceitar o convite de Maurício, o mais chato, apesar de o mais bonito, dos namorados que tive:

— *Debes salir con él, así estaré más tranquilo y me sentiré menos culpable por la desigualdad de nuestras situaciones.*

De repente, Andrea se apresentava como um homem moderno, seguro e independente, politicamente correto, quase um feminista. O conselho ainda ecoava quando combinei de fazer com Maurício o mais inocente dos programas: levaríamos as meninas para passear à noite na Praia da Tosca, um balneário muito movimentado naquele

verão, cuja fama decairia rápido, devido a uma sequência de eventos de balas perdidas ocorridos na orla.

Eu não precisava que alguém decidisse por mim, mas aquele início de noite estava quente, as meninas alegres, cheias de energia, e o principal: eu ainda não me lembrava do quão desagradável a companhia de Maurício podia ser para pessoas com mais de quatro anos de idade. No fundo, percebi durante o encontro, tinha sido essa a razão recôndita pela qual eu recusei o primeiro convite. Faltava um reforço como aquele de Andrea para que eu fizesse o pequeno sacrifício em prol das crianças e da tentativa de estabelecer uma falsa igualdade entre as nossas condições de amante casado e amante solteira. Maurício, do seu lado, havia insistido em conhecer as gêmeas, e, ainda que eu rejeitasse a ideia do encontro, passei a considerar a hipótese, talvez porque agora não fluísse para ali apenas o desejo de um homem, mas o desejo de dois.

E como as meninas se divertiram com o tio Maurício, enquanto eu tomava uma cerveja na minha cadeirinha! E nem precisei dirigir!

— Mamãe, ele sabe brincar de tudo!

Estatelado na areia, o homem de quase dois metros trazia fácil da memória da infância já longínqua os jogos mais inocentes. Sujou-se de areia, molhou no mar as pernas da calça, comprou bexiga e picolé, fez brinquedo com os palitos... Com o passar dos anos, havia perdido a parte frontal dos cabelos, é verdade, mas engordara pouco e preservava a jovialidade dos bobos. Com a boca fechada, ainda era um belo homem. Era impossível, porém, suportar mais um passeio como aquele.

**N**a terça seguinte, retornando de um fim de semana prolongado, Andrea adivinhou ou intuiu que eu teria feito, afinal, o tal passeio com Maurício. E, claro, não acreditava na pureza de intenções do outro; nem nas minhas. Em algum ponto, fui obrigada a concordar com a sua tese: sem dúvida, é raro que um homem solteiro se proponha passar uma noite de sábado brincando na praia com crianças que nem mesmo são suas – a menos que haja a intenção implícita de agradar à mãe. Adveio novo interrogatório. Dessa vez não precisei de argumentos. Andrea se responsabilizava pelo ocorrido, lamentando ter ele próprio me instado a sair com Maurício.

— *Ni siquiera puedo imaginarte con otro hombre.*

Além de outra mulher, tínhamos enfim um outro homem. E Andrea não escondia que, para coroar convenientemente mais esse episódio, sentia ciúmes também do entrosamento de Maurício com as meninas, um pesar a mais, tendo em vista que ele mesmo mal se dirigia a elas, fosse em que circunstância fosse. Segundo afirmava, era uma distância calculada: caso um dia ficassem, ele e as crianças, frente a frente com Mira, elas não mostrariam nenhum tipo de afeto por ele, nem qualquer intimidade comprometedora que acabasse por nos denunciar.

Andrea agora sofria sozinho, torturado pelo próprio imaginário. Disse que vinha dormindo mal, e sua crise era compreensível. Sendo eu outra grande ciumenta, nunca foi difícil solidarizar-me com ele nessas circunstâncias. Vendo-o tão abatido, num instante sentia pena; noutro, alimentava o meu ego nem sempre tão seguro e confortável na relativa secundariedade da minha situação naquele triângulo. Matematicamente falando, a dupla vida de Andrea era bem mais complicada e difícil de administrar que a minha meia vida com ele: na condição de homem casado, ele nada podia me cobrar, daí a sensação de impotência diante de um fato simples como aquele, do meu encontro com um ex. Além de que o tipo ciumento sofre mais que qualquer outro, e, para ampliação da sua desgraça, é preciso reconhecer que não é fácil, mesmo à mais amorosa das criaturas,

suportar um parceiro que se deixa dominar por esse sentimento. Não somente porque os ciumentos em geral despertam piedade, verdadeiro antídoto da paixão, mas porque estragam os sentimentos dos seus pares, expondo aos quatro ventos a sua própria fraqueza e derubando sem pejo o que resta da nossa admiração por eles. É algo semelhante ao que sucede aos deprimidos. Por isso, talvez, os ciúmes escondidos não possam nem mesmo ser tidos como ciúmes, semelham outro sentimento. Ciúmes propriamente ditos são apenas a parte que se escancara, como a ponta do iceberg de um sofrimento maior, inominável, e que se aproxima, sim, de uma espécie de depressão. O ciúme é uma flor envenenada que guarnece a nossa lapela.

**U**m raio não cai duas vezes na mesma cabeça. Foi o comentário de Livia quando eu disse que não tinha dado o meu número ao rapaz que conheci na praia.

— Por que, tia? Ele era feio?

— Não. Pelo contrário! Foi isso que me deixou insegura.

— Ah, insegura! Insegura o cacete! Se ele deu mole, é que tava a fim.

— Pode ser.

— E o corpo, tia! Como era o corpo?

— Ele era alto, forte. Dava a impressão de praticar exercícios sem frequentar academia, sabe como?

— Hum, malhado ao natural... Deve ser lutador.

— Lutador?

— É. Costumam ser bons de cama. Cê não podia ter vacilado desse jeito. Isso não se faz. Se continuar assim, vai ficar sozinha pra sempre.

— Pois é! Já foi, está feito!

Pega de surpresa, sem saber o que dizer ao rapaz, respondi “não!”. Assim mesmo, curto e grosso. “Me dá seu telefone?”, ele pediu, num tom que eu achei bastante delicado para o tamanho do homem. “Não!”, respondi, com a máxima objetividade, e sem me esforçar nem um pouco para parecer polida.

O semblante surpreso do rapaz diante da minha negativa soava como uma comprovação do valor do produto, ainda que a propaganda silente emanasse do próprio produto. O “não” que lancei ficou ecoando na minha cabeça. Possivelmente souu rude, pretensioso ou exagerado. E ninguém nem se lembraria disso dali a pouco se eu tivesse vinte anos; contudo, tendo cruzado a casa dos quarenta, eu entrava agora num território com novas regras, e ainda não tinha aprendido a me mover com base nelas.

Mesmo antes de ter ouvido o vaticínio de Livia, deixei a praia com a impressão de ter bobeadado. Era como se, à sentença do raio irrepetível, só faltasse mesmo a formulação em palavras. A partir da

conversa com ela, prometi agir de modo diferente de uma próxima vez. Se é que haveria uma próxima vez.

Um raio não cai duas vezes na mesma cabeça. Não cai. Não na mesma cabeça. Ou não o mesmo raio. O mesmo raio? Que diabo de significado tem, de verdade, a ideia da irrepetibilidade dos eventos? Eu juro, Vera, por esse sol que nos ilumina, que eu seguia pela praia meditando nessas sentenças... E seguia pela mesma praia, a mesma em que encontrei o rapaz. Pisava uma areia quente que, ainda que remexida e com os grãos quiçá um pouco mais corroídos aqui e ali pela pisadura do tempo e dos banhistas, era, ela mesma, a mesmíssima areia de exatos catorze dias antes. O sol também era o mesmo, ou seja, os raios... Bom, quanto aos raios do sol, não sei dizer. Só sei que, quando ergui a cabeça, vi o mesmo, o mesmíssimo raio, digo, mesmíssimamente o mesmo rapaz de antes, e vinha na minha direção, quer dizer, andava pela beira do mar, uns cem metros adiante, e, do meu ponto de vista, se encaminhava direto para mim, eu que ia justo na direção dele, porque perto do mar só existem dois sentidos possíveis para o passeio, o qual, apenas iniciado, não é plausível que se interrompa assim, do nada. Portanto, mais cedo ou mais tarde, teríamos, de qualquer modo, de passar um pelo outro, feito raios. Só que, diferente da do raio, a lógica da caminhada à beira-mar é seguir sempre, de um jeito presumível, na mesma direção, e, quando vi o rapaz, eu ia sem ânimo de escapar mar adentro, e o meu andar não era tão rápido e nem tão determinado a ponto de eu poder simular o desejo súbito de mergulhar, me virar para as ondas e ir entrando com canga e tudo... Só se fosse para me afogar e gritar por socorro e o rapaz vir correndo para me fazer respiração boca a boca e...

Nosso movimento comia o espaço duas vezes mais rápido, pois fomos um na direção do outro, e eu tive de pôr a cabeça no lugar e resolver o que faria, caso ele falasse comigo, o que agora parecia impossível, diante da ideia fixa da irrepetibilidade do raio... Mas o que, demônios, significava aquele raio passando ali perto, de novo, no mesmíssimo lugar? Em questão de segundos, enquanto caminhava,

a conversa com Livia me passou inteira pela cabeça. Lembrei-me da promessa que me fiz. Raio... duas vezes... fazer diferente... pra sempre sozinha... agir... E o rapaz foi se aproximando, e eu fui me aproximando, e, quando apenas passávamos um pelo outro, ele se virou sobre os calcanhares, num gesto artiloso, e disse “Ei!”. E eu me virei, já avistando a cara da Livia quando eu lhe mandasse um torpedo dizendo “Um raio cai duas vezes na mesma cabeça”. “Ei!”, respondi, com um ar que eu achei bem calculado, de quem recorda algo não tão marcante, mas ainda vivo na memória, como quem diz “Te conheço não sei de onde!”, e ele entendeu o jogo, pois começou dizendo:

— Desculpe por aquele dia; eu nem me apresentei e fui logo pedindo o seu telefone!

— Ah, claro! Como vai?

— Bem, e você?

— Bem!

— Prazer! Alcibíades.

— Prazer! Dalva.

— Que nome bonito!

— Obrigada. O seu também é... diferente! Não conheço ninguém com esse nome.

A hora da troca dos nomes, por serem justo esses nomes, era o momento bom para se detectar um homem culto, mas dali não saiu cultura, nem filosofia, história ou lenda... Lenda era ele, belíssimo, esculpido sem pressa em dois metros de mármore, o sol refritando umas sardas solitárias no alto dos ombros, enquanto ele retirava da testa os cabelos loiros e cacheados, marcados longinquamente pelo trabalho inútil da tesoura. E ostentava um sorriso que era como uma varanda, varanda com sol. O restante todo eu teria de achar o ângulo certo para poder olhar; somente a parte superior me era permitida ali, em público e num primeiro contato. Porém estávamos próximos do mar, e nada me custava fugir de uma onda, para um lado ou para o outro, apontar-lhe uma concha, bater a canga nas pernas para retirar alguma areia... O sol esquentava meu rosto, e eu não sabia se sabia

lidar com tamanha beleza, mas eu sabia que, quem sabe, poderia aprender. A conversa fluía bem, pairando apenas um palmo acima do solo, como tem de ser num primeiro encontro. E a voz era realmente doce, conforme eu guardara na memória, e continha, eu acabava de notar, um leve acento melancólico.

À primeira vista, tentando equacionar as (poucas) roupas dele com a linguagem e os modos, concluí que a educação de Alcibiades excedia em muito a sua atual condição econômica, o que forçava a imaginar uma história de empresa familiar falida ou outra fatalidade. Não é preciso conhecer a fundo grifes de bermudas e chinelos para fazer uma leitura assim, ainda que se esteja no território pseudodemocrático da praia. Tudo isso passa antes por gestos e jeito e gingas – ou a falta deles. De qualquer modo, a mudança abrupta de classe social para baixo, não tanto quanto para cima, constitui uma raridade num país injusto e desigual como o nosso. No caso de Alcibiades, anunciava uma biografia que já me aguçava a curiosidade e fazia inevitável analisá-lo pelo recorte de classe. Ali estava um homem de mãos rudes e andar relaxado, porém sem nenhum traço de nostalgia hippie. No melhor contraste com as mãos, exibia uma fala polida e um olhar manso que, nestas paragens, eu bem sei, é resultado de algum tipo de influência religiosa.

E a minha banana não caiu longe do cacho: enquanto eu dissimulava a comoção que me surtia o tamanho dos seus pés brancos e bem delineados, em volta dos quais deu vontade de passar uma varinha, desenhando-os na areia, como quando criança, ele ia me contando, sentados ambos na faixa de areia dura que fica entre o mar e a restinga, um pouco da sua história: que não conheceu os pais, que ficou órfão ainda bebê e foi criado num abrigo de freiras, sem nunca ter sido adotado, até completar dezoito anos, quando teve de deixar a instituição para dar lugar a outro órfão. E isso tudo a um quarteirão de casa, em Beto Saraiva! Eureka! Estava explicado o olhar obediente e a voz mansa de quem foi adestrado a, sempre muito educadamente, pedir e, em seguida, agradecer, tenha recebido, ou não, o seu quinhão. As religiosas foram eficientes na propagação dos valores de um

estado burguês e cristão, sem espaço para desenvolver a agressividade. Em mais uma vitória sobre as suposições de Livia, e conforme eu desconfiava, Alcibíades não era um lutador. A não ser de modo simbólico. Era mecânico de automóveis, o que explicava os músculos trabalhados sem a uniformidade insossa que dá a musculação feita em aparelhos de academia. Dois raios a zero para a tia Dalva!

O sol lá em cima já dava cabo do seu trabalho naquele dia quando nos despedimos:

— Tenho de ir, Alcibíades.

— A gente pode continuar a conversa outro dia?

— Podemos sim, claro.

A sua expressão não escondia uma ansiedade meio infantil, mas expunha, ao mesmo tempo, a tranquilidade dos que não duvidam da própria beleza. Ao menos esse problema Alcibíades não teve de enfrentar, e parecia mesmo um desperdício não passar o resto da vida apenas olhando para ele.

— Me dá o seu número. Não, melhor: me liga, que é pra eu saber que o número tá certo.

Celular na mão, cabeça inclinada, aproximou o tronco, me fazendo sombra. Imaginei ter sentido, ou senti a penugem do seu antebraço roçando meu ombro. Um arrepio me correu o corpo. Sorri, repleta de expectativas. E liguei. Nos despedimos dando dois beijinhos. Em seguida, mandei um torpedo para Livia: “Um raio cai duas vezes na mesma cabeça.”

Dentro de alguns dias, lá íamos, Alcibíades e eu, empurrados pela fantasia de riscarmos o nosso próprio bordado, mas o tecido engrolou nos preâmbulos. Consternados, provamos na pele a aporia das nossas diferenças físicas: para nós não havia saída, até porque não havia entrada – o belo rapaz não me cabia. O raio caiu na pedra, e a banana, dessa vez, foi muito longe do cacho. A luta, porém, foi árdua, e uma luta árdua, ganhada ou perdida, nunca se luta em vão. Saímos ambos exauridos e, cada um a seu modo, vitoriosos. Melhor perder na prova de saltos que obter um triunfozinho qualquer.

O primeiro ano de convívio de Andrea e Dalva, se comparado com as etapas posteriores, mostrava um envolvimento menor, porém um cotidiano mais tranquilo. Nem por isso deixou de haver uma série de interrupções, todas elas propostas ou impostas por ela, e que tinham como motor um conjunto de pequenas frustrações acumuladas, em parte devido aos ciúmes e ao machismo de Andrea; em outra, à difícil lida com a lógica dos esconderijos. No entanto, após cada um dos afastamentos, o retorno se fazia radiante, o que, é preciso reconhecer, era mérito do apurado romantismo dele, a face mais doce do homem opressor. Os desdobramentos verbais de Andrea em torno dos seus sentimentos, dentre vários lugares comuns (e outros nem tão comuns) do discurso amoroso, não podiam deixar de envaidecer alguém como Dalva, que no fundo apreciava uma boa bajulação.

Num dos mais quentes dezembros do casal, deu-se a maior das desavenças, resultante, como sempre, em novo desligamento, um nó a mais na sinuosa linha pontilhada das infundas separações, todas elas definitivas. Tinham esvaziado uma garrafa de vinho, e a festa durava já um par de horas, quando um comentário acerca da desenvoltura sexual dele funcionou como uma picada de cobra. Não se tratava de nenhuma reclamação sobre o conjunto da obra; era antes o destaque de um fato específico, acrescido de um muxoxo sobre a veemente negativa dele diante do avanço dela em direção a áreas tabu – o que acionou em Andrea algum recôndito mecanismo sensível. Rapidamente, uma brincadeira tola se transformou num monstruoso mal-estar. Ao vê-lo contrariado e ameaçando retirar-se, ela tentou, com um gesto jovial, bloquear-lhe o caminho. Mexeu com ele, brincou, fez mimos e cócegas, acariciou os cabelos, beijou as costas, mordiscou os braços... Nada surtia efeito. Por fim, calçou os seus sapatos, quase o mesmo número dos dela, e ficou por ali, andando em torno da cama com eles nos pés, sem saber ao certo por que o fazia. Andrea se pôs de pé, a cara amarrada, não olhava mais para Dalva, era impossível saber o que lhe ia por dentro. Vestiu a camisa que, como sempre, tinha sido previamente esticada sobre uma cadeira, de modo a

permanecer livre de amassos, fios de cabelo e odores comprometedoros. Apanhou os sapatos que ela ia descalçando com tédio, e saiu sem dizer palavra. Como era de costume, Dalva ficou só em meio a mais aquela crise, enquanto Andrea deixava o quarto com ares de quem sai de uma guerra, a mágoa esborrando pelos bolsos da calça, talvez pensasse que já ia tarde. O molho de chaves tinha incomodamente na sua mão. Depois desse dia, ela nunca mais pôde ouvir o chacoalhar de um chaveiro sem experimentar uma certa agonia. Não tendo conseguido espaço para retratar-se, a amiga oculta ficava agora com o eco das suas próprias palavras de dissuasão, pretensamente divertidas. Reprisava renitentemente o redemoinho do remorso. Da cama onde quedava paralisada, escutou ao longe o barulho oco da máquina do velho elevador descendo os oito andares do edifício. Cutuleb. Cutuleb. Cutuleb. Cutuleb. Cutuleb. Cutuleb.

E, por mais que tenha sido sutil a queixa que originou a discussão, tudo indica que justo a sutileza moveu o enorme ressentimento de Andrea. Dava-se um novo aprendizado: dourar a pílula pode fazer de um conteúdo inócuo algo mais venenoso do que realmente é. Por meio desse contratempo, Dalva notou que, depois de tanto terem ardido na fogueira viva dos corpos, o entusiasmo de Andrea havia esmorecido (possivelmente, o dela também), e ela agora reclamava mais fogo, quase com o mesmo constrangimento com que pediria o isqueiro a um ex-fumante que ainda luta para superar o vício. Em geral, depois de rompantes como esse, não era ela quem buscava a conciliação – por orgulho e, mais ainda, por necessitar da demanda desejan- te de Andrea, sem a qual sentiria que estava recebendo de volta apenas meio homem. Mesmo porque era ele quem pregava que *aparte de tú y yo, creamos otra entidad que somos los dos juntos*. Ele que agora, e por muito pouco, deixava para trás a entidade.

Nesse ínterim, enquanto se desavinham por mal-entendidos de ordem sexual, do outro lado da cidade, o pai de Andrea sofria vários ataques cardíacos, que o levariam à morte. Para Andrea, durante muito tempo, as circunstâncias da discussão com Dalva ficaram

ligadas indelevelmente à tragédia familiar. Com quase todas as letras, disse, depois, que a culpa pela morte do pai era dela: se não estivesse trancado com ela num quarto, no meio da tarde e da semana, teria atendido ao telefonema da irmã que pedia socorro. Dalva não poderia adivinhar que o velho senhor morreria na sequência daquela briga. De fato, nos intervalos entre os enfartos, a família tentara, sem sucesso, entrar em contato com Andrea, que tinha posto o telefone no modo avião, como fazia sempre que estava com Dalva.

A partir de então o distanciamento se impôs, e foi o mais longo que já vivenciaram. Posteriormente, quando retornaram ao assunto que gerou a desavença entre eles, Dalva permaneceu calada. A essa altura preferia nada dizer, porque, de todos os ângulos, a problemática meramente sexual passou a envolver o delicado tema do luto, e era excessivo para ela o peso da insólita associação entre os fatos. Não discutiria com Andrea, exumando um cadáver com o qual seria incapaz de pular. Da sua secundária condição de corpo proibido de amante, não digladiaria com o corpo oficial, singular e honorável do pai.

**A**pós a morte do pai, e sem que eu tivesse tido conhecimento do fato, o silêncio se arrastava já por um mês, o mais longo dos intervalos das nossas inúmeras separações. Devido a alguns detalhes circunstanciais da desavença, senti que devia procurar Andrea. Calculei o horário em que ele estaria a caminho do trabalho e liguei para o celular, mas, azar, apanhei-o em casa. Atendeu, num laconismo quase ofensivo; fiz meu esforço de compreensão. Quem sabe Mira estivesse próxima e fosse um momento ruim para Andrea disfarçar a surpresa que lhe causava uma chamada minha – desde sempre vigeu o pacto silente de que eu jamais telefonaria. Não deve ter sido fácil decidir entre atender ou ignorar o meu chamado. Se atendesse, teria de falar comigo disfarçando o tom que assumiria numa conversa posterior a briga e afastamento. Não atendendo, teria de explicar a Mira sua negligência com uma ex-cliente sempre correta e pontual nos pagamentos, e ainda correria o risco de que eu ligasse de novo. Por outro lado, ampliando o impasse de Andrea, tanto quanto o meu aborrecimento, havia o contexto específico dentro do qual eu me aproximava: depois do atrito, já se passara um tempo incomum de mutismo, o que costuma endurecer certas vias de comunicação – ele também o sabia. No plano de fundo invisível, algo mais ampliava a cisão: eu não sabia da morte do pai, portanto, aquela não poderia ser uma conversa como qualquer outra. No primeiro mês do luto – soube depois – Andrea não trabalhara, ficando em casa durante todo o tempo. Ao telefone, não chegou a me tratar com frieza; parecia antes tentar se recompor do susto.

— *¡Hola! ¿Cómo estás?*

— Mal. E você?

— *De la misma manera.*

— Quer conversar?

— *En este rato no te puedo aclarar nada.*

O telefonema durou pouco mais de um minuto. A inesperada mudança nos horários de Andrea e as palavras escassas, somadas àquele período de completo sumiço, me deram a certeza de que algo

importante havia ocorrido no tempo em que estivemos distantes. O tom da voz também estava alterado. Do outro lado havia agora um homem triste, dono de uma dor bem mais contundente que a corredeira de tédio em que se afogava quando o conheci. Pensei em diferentes possibilidades. O embargo na voz parecia excessivo para o fato de estarmos brigados, por mais que esse estado se prolongasse. Imaginei que Mira tivesse descoberto algo e que Andrea talvez passasse por maus lençóis. Depois, considerando que nunca mais havia me procurado, cogitei que sua tristeza sinalizasse uma crise matrimonial resultante, quem sabe, do envolvimento com uma terceira mulher. Com essa dúvida eu já não conseguiria dormir. No mesmo instante, resolvi que tinha de fazer alguma coisa. Receando ter de arrastar aquela agonia por mais tempo, ameacei:

— Isso não pode ficar assim. Se você não me disser o que está acontecendo, eu vou até a sua casa. Vou agora mesmo, neste instante. Não posso continuar sem saber o que se passa com você.

A ameaça surtiu efeito imediato.

— *Te veré en media hora en el lugar habitual.*

O lugar habitual, nessa época, era o quiosque do Proveta. Retirei o sutiã, pus o seu vestido preferido, passei batom, perfume, ajeitei os cabelos e fui.

Ao chegar, vi Andrea de pé uns dois passos além da estreita fila de mesas que é arrumada todas as tardes um pouco acima da faixa de areia mole que o mar lambe, leva e devolve à praia. Pela primeira vez, desde que o conheci, vestia uma camisa preta; cheguei a dizer que a cor lhe caía bem, e de modo algum a relatei com luto. Quem, no dia a dia, ainda faz essa associação? Sequer podia supor que lhe tivesse morrido alguém próximo, menos ainda que, acontecendo, ele não me participaria. Andrea estava diferente, distraído. Bebia água direto do bico de uma garrafa de plástico, ao certo com nojo do copo americano que o garçom lhe entregou, e que descansava sobre a mesa. Estava bonito, mas o olhar vago me intrigava. Assim que me aproximei, sem qualquer gesto para mim, assumiu um posto por detrás

da mesinha de madeira, sentou-se numa cadeira dobrável e mal me olhou nos olhos. De modo inédito, faltavam-lhe palavras.

Como o tempo passava e ele nada dizia, fiz perguntas às quais foi respondendo aos poucos, negligente, de modo evasivo, quase cifrado. Parecia alguém que se sentia vigiado, mas nisso não ia nenhuma novidade. Concluí que talvez se tratasse de uma questão mais existencial do que a minha imaginação, envolta em desconfianças, tanto quanto em saudades, teria sido capaz de cogitar no caminho de casa até o quiosque. Com a morte, porém, não atinei. Perguntei se a criança estava bem; disse que sim, estava ótima. Perguntei pela empresa; *todo cierto*. Pensei em reclamar de alguns detalhes do acabamento da banheira que talvez necessitassem de uma revisão, mas evitei desviar o foco criando uma hipótese que disfarçasse o meu real interesse pelo seu paradeiro depois da briga. Fui mais direta, então. Perguntei se havia outra mulher, e ele riu de modo irônico. Disse que não, que se tratava precisamente de um homem, um homem muito querido. Percebi que falava do pai, mas, sabendo, como sabia, que nunca tiveram uma relação fácil, furtei-me a delongar o assunto, já que ele próprio não parecia nem um pouco disposto a confidenciar. Presumi que dessa vez tivessem se desentendido de modo mais categórico. Andrea estava mudado, e tão triste, que achei que falar de nós dois e de um possível retorno não caberia. Em poucos minutos, uma tristeza esdrúxula pesava no ar, que, mesmo soprado pela brisa marinha, rapidamente se tornou irrespirável. As suas dores, viessem de onde viessem, esmagavam também o meu peito. Nas horas de consciência extremada dos sentimentos, costumo ter reações radicais. Sob esse influxo, poderia ter enlaçado o seu pescoço, roçando o meu rosto no seu, tentando sentir-lhe o odor, mas estávamos em público – ele desejou assim, e assim propunha a cada vez que, como dizia, *es preciso resistir*. Entendi que permanecer afastada seria o mais adequado. Sem perder o aparente fleuma, insisti ainda, num tom forçadamente pacífico, em se havia outra mulher. Respondeu que não e esboçou um novo sorriso, menos irônico que o anterior. Depois deixou que a

cabeça pendesse levemente para o lado, em sinal de desolação. Perguntei se o problema era com Mira. Também não.

— Tem a ver comigo?

Esmerilhou-me com um olhar grave que dava medo:

— *Todo, Dalva, todo lo que me pasa tiene que ver contigo, siempre.*

Fui direto a algo que pudesse, quem sabe, assoprar aquela nuvem do nosso instante sombrio:

— Sinto muita saudade.

Sobreveio um longo silêncio.

— Andrea! — minha voz soou como a de alguém que se afoga nas águas sujas do fundo de um poço, enquanto vê afastar-se um último pedaço de corda, lá no alto. — É o fim?

Numa lentidão que, em ocasiões normais, muito lhe custaria, e que para mim denunciava um estado depressivo (ou então o uso de algum ansiolítico), Andrea desviou os olhos em direção ao nada que habita no horizonte. Olhava, mas não via o mar, os quiosques cobertos de palha, o céu azul da Iracema, nem mesmo o passeio público, repleto de gente se exercitando. Naquele momento, os casais que passavam me pareciam todos descomedidamente felizes, com suas roupas coloridas e tênis de jogging. Sem saber, ofereciam um contraste sarcástico ao nosso duro estado de comunicação, soturno e sem cor, de amantes presos por um fio.

Um filhote de bem-te-vi pousou na lata de lixo da prefeitura, que um dia foi cor de laranja, e que então já ia desbotada pela ação do tempo. Olhando na minha direção com os olhos maquiados, entoou um “take it rease”, sendo respondido por um outro da mesma família, que lançou, ao longe, o seu “let it be”. Eram filhos da fúria de Rushdie, bisnetos do corvo de Poe... Irresoluto entre repousar ou voltar a bater asas, o pequeno militante emplumado girava a cabeça seguidamente para leste e oeste. Logo em seguida gritou uma nova palavra de ordem e retomou o seu voo rumo ao firmamento sem firmeza daquela tarde insolentemente ensolarada. Um silêncio ainda mais opressor tomou conta de tudo. A algumas dezenas de metros

dali, no plano inferior, duas bocas de cano gigantes, saídas do fundo do mar, cuspiam sobre a orla fortes jatos de água e areia, devolvendo aquilo que as ondas, com os anos, tomaram de volta da faixa de praia. Cada segundo que corria entre mim e Andrea parecia empurrar, na areia fofa, uma pedra de toneladas.

— É o fim?

— *Sí* — engatou rápido no gancho da minha interrogação, fixando-se num ponto qualquer das ondas, que começavam a se revoltar. A resposta ecoava nos meus ouvidos: *Sí*. Era a afirmativa mais repleta de negação que eu jamais ouvira, um sim completamente não, extraído pela minha temerária pergunta apocalíptica. Em questão de segundos, aquela simples sílaba se desdobrava e ia distante... *Sííí*... Depois retornava, trazida pela brisa brava de um mar já abertamente ameaçador.

Respirei fundo e, feito um autômato, estendi-lhe a mão, no gesto mais estranho que pode haver entre duas pessoas que se amam. No fundo do poço do peito, sentia como se palmilhasse uma parede lamacenta. Sorvi o último trago do meu oxigênio. A solidão apenas nascera e já trazia o meu pescoço entre os dedos. De repente, claustrofóbica longeva que sou, ganhei forças inimagináveis. Ergui-me resoluta, como se de um ataúde. Aparentava saber o que fazer e aonde ir. Os olhos de Andrea riscaram-me o vestido na transversal, no mesmo sentido do decote, fixando-se sobre os meus seios, como se lhes fizesse, por detrás da mesa, uma última carícia. Corei, só de pensar em lhe perguntar se tinha certeza do que dizia. Temia pela resposta, tinha vergonha da insistência, o orgulho me puxava para trás. Despedi-me com um adeus quase inaudível, que era antes para convencer a mim que a ele do caráter definitivo daquela separação.

O carro aguardava pacientemente no fim do estacionamento. Abriu-se a porta, a poltrona acolheu o corpo de Dalva e a mão girou a chave, acionando o motor. A impotência lubrificava antigas engrenagens enferrujadas, impelindo adiante aquela máquina de dores e frustração. Nas veias, corria gasolina. Não, nada nela nunca mais sequer olharia para trás. Havia feito o possível e, quem sabe, um pouco mais.

**A**pós o encontro na Volta da Iracema, experimentei a corrosiva mistura de desejo irrealizado com ressentimento, mais a angústia redobrada por ter me afastado sem entender o que se passava com Andrea, nem dizer a ele o que sentia. Em casa, caminhei na esteira durante horas. Chorava por todos os poros. Faltava-me Andrea. Faltaria para sempre, eu adivinhava, e o modo que arranjei de purgar a sua ausência foi cansando o corpo, como se os vapores pudessem levar o que ainda restava dele em mim. Graças ao hábito de decantar as dores nessas longas caminhadas para lugar nenhum, emagrecia rapidamente a cada vez que nos separávamos. Ao fim do exercício, encharcada dos pés à cabeça, postei no blog o primeiro de uma série de poemas curtos, semelhantes a haicais, que acabaram por conquistar alguns leitores. Aquele que concebi no primeiro dia depois da separação chamei “Ocaso”:

Duas lágrimas – foi o que verti.  
Não é pouco, nem sinal de insensibilidade.  
Quem já olhou de perto uma gota sabe que nela cabe  
[inteiro um universo.

E ampliei a série, no dia seguinte, para “O caso”:

Cada canto da boca sorve uma gota salgada:  
antídoto longamente destilado.

Ainda que movidos à mágoa que eu de fato sentia, os dois pequenos textos foram planejados para denotar uma dor passageira, a qual um novo dístico, como desfecho, viria coroar com uma falsa promessa de superação. Tudo arquitetado para que não soassem a Andrea – eu estava certa de que ele os leria – como uma dissimulação da minha dor real, porque seria inacreditável (no mínimo estranho, ou mostra de grande frieza) se eu iniciasse o expurgo por aquele que postei no terceiro dia, e que nomeei “O caos”:

Desastre: por um segundo o prisma lacrimal apaga sol e lua.  
Num piscar de olhos a paisagem renasce luminosa.

Por último, como pá de cal, postei “O asco”:

Emerge do ventre salobro chafariz.  
Encontra o temido e desejado fim.

O tom definitivo desse – ou terá sido o tom resoluto do anterior? – parece ter tocado Andrea, e foi essa a única vez que deixou no blog um comentário (ineditamente em português!), o qual você mesma, Vera, pode conferir. Para tanto, teve de criar um pseudônimo – o qual não poderia ser mais apropriado –, além de uma conta de e-mail extra, para não ser descoberto por Mira:

Mr. Hide 17 de janeiro de 2013 08:15  
*O saco*  
*Provavelmente estava cheio,*  
*Mas nunca vislumbre o inexorável final.*  
*Da Supernova restou dolorosa saudade.*

Lamentei o mau gosto dos versos iniciais, aquele sarcasmo lançado sobre os meus trocadilhos repletos de sentimento. Todavia, apreciei a atenção que deu ao jogo anagramático, e, ao reler os versos finais, mergulhei irremediavelmente na expectativa de estarmos juntos de novo, o que não demorou mais que vinte e quatro horas para acontecer. São algumas das funções apócrifas da literatura, que não constam dos manuais de teoria literária: função cantada, função DR... e aquela em que uma faceta minha pretendia, na época, aperfeiçoar-se: a função vingativa da literatura. Porque era, como não dizer, sobretudo no influxo das nossas vivências de amantes que eu escrevia e postava. Daí que a separação definitiva, entre as definitivas, amputou-me por inteiro a capacidade de escrita. O resultado é a completa ausência,

no blog, de textos em prosa a partir de meados de 2013, quando terminamos – ou fomos terminados. E por mais que me custe admitir, era para Andrea, sempre e antes para ele, que eu escrevia. Nunca tinha tido um leitor tão arguto e pontual de todo e qualquer escrito que eu publicasse. Era o leitor ideal, e um comentário dele me bastava para querer seguir *en la lucha con las palabras*, como dizia ele, sem saber que citava Drummond.

Logo depois de ler no blog o comentário de Mr. Hide, antes mesmo de nos revermos, recebi também uma mensagem de Andrea, destinada a uma dezena de endereços de e-mail, agradecendo aos amigos o apoio no difícil período de luto pela morte do pai. E foi assim, pública e coletivamente, por escrito e com grande retardo, que fiquei conhecendo a razão do seu longo desaparecimento. Compreendi também que, devido às circunstâncias, a tragédia pessoal estaria para sempre ligada às razões de nosso afastamento e reaproximação. A mensagem aos amigos era bem mais que um texto protocolar. Na linguagem, aproximava-se de uma peça literária, ao mesmo tempo que trazia um relato confessional da vivência com o pai. E vinha tão recheada de sentimentos desconhecidos que me pareceu estranho que ele quisesse compartilhá-la com tantos conhecidos, ainda mais num momento como aquele. Não fosse o rebuscamento lexical e o apelo costumeiro de Andrea a figuras de linguagem, e eu o julgaria como sendo um desabafo depressivo do qual se arrependeria assim que retornasse ao estado de ânimo habitual, passados o luto e o efeito dos ansiolíticos que, com certeza, estava tomando. No meu caso, receber por escrito o irônico agradecimento pelo apoio (não prestado), sendo que o falecimento nem mesmo me foi comunicado, machucou-me ainda mais. Mesmo que a intenção de Andrea tenha sido apenas me participar o fato, quando vi o meu nome arrolado entre tantos outros que estiveram mais presentes que eu, senti-me posta de escanteio. Nas situações mais determinantes da vida de Andrea, Dalva era apenas um nome entre outros. Não me lembro exatamente do que respondi, se respondi. Desde então, a morte do pai ordenou entre

nós uma espécie de tabu. Para mim, pelas razões que expus antes, ligadas ao desentendimento que tivemos na véspera. Para ele, suponha que menos por isso que por tudo o que veio à tona no período de afastamento, e que dizia respeito ao difícil relacionamento que tinha com o pai, com todas as implicações que uma relação mal resolvida, e finda sem solução, pode acarretar. E nunca mais tocamos no assunto.

**A**s minhas meninas completariam quatro anos. Convidei Andrea (e Mira) para a festa. De todas, essa foi uma das situações mais embaraçosas para mim, e, estou certa, também para ele. Rapidamente percebi que o convite foi um erro, e, de modo igual, o aceite. Fazia um mês e pouco que o pai de Andrea havia morrido, e menos de uma semana que tínhamos reatado. Na festa, estávamos tímidos de passionalidade e ainda extenuados do dia anterior: a despeito da depressão de Andrea, ou quem sabe condimentado por aquela mágoa que dá às circunstâncias a aparência trágica e desesperada dos eventos derradeiros, o reencontro tinha sido forte, feérico, fulgurante.

Logo que o casal chegou ao salão, a primeira frase que Mira me dirigiu foi acerca da morte do sogro, se eu sabia. Não neguei direta e simplesmente, porque a negativa carregava cinquenta por cento de chance de erro. Se digo não, ela diz que Andrea lhe disse que me informara, e era algo muito grave para eu afirmar que havia esquecido. Se digo sim, posso ao menos alegar que soube por outra pessoa, já que se trata de notícia séria, de interesse comunitário. Nesse tipo de inquirição, a primeira pergunta, pela lógica espectral da abrangência, é sempre a mais genérica, e, por isso, a mais ambivalente. Logicamente, a primeira resposta também é a mais difícil. Pensando nisso, respondi com um lento e vago “Sim, eu soube.”, já tentando prever qual outra pergunta seria engatada naquela. Conforme o esperado, fechando um pouco mais o leque, ela quis saber quem havia me contado, já que Andrea andara recolhido todo o tempo, desde o falecimento. No calor da hora da inquirição, me esqueci da mensagem de luto recebida por e-mail a posteriori, e disse ter sabido por Valquíria (a esteticista que me ofereceu o cartão de visitas de Andrea, no início desta história). Foi a única pessoa que lembrei que nos conhecia a ambos e que morava próximo do casal, em Calabar.

— Ah, isso não pode ser, porque Valquíria não sabe de nada —  
retrucou depressa.

Foi o álibi que encontrei, tive ganas de dizer. E me imaginei acrescentando em seguida: você quer saber o quê? A verdade? É ela mesma que você quer? Tem certeza de que não prefere uma boa mentira?

Titubeei, disse que não lembrava ao certo como tinha sabido, mas aí o leite já tinha sido derramado e Mira voltava ao ataque, peremptória:

— Valquíria não sabe de nada!

— Tem certeza?

Foi tudo o que consegui dizer depois de, quase sem querer, ter trazido mais uma personagem para a trama infinita das nossas man-cadas. Cada uma dessas gafes, em separado, talvez não oferecesse grande risco. O problema é que Mira as alinhavava na grande colcha de retalhos, já um tanto esburacada, do convívio entre mim e o seu marido. E se Andrea, dali a algum tempo, não viesse a dar, ele mesmo, os pontos que faltavam naquele tecido, ela com certeza o teria feito, usando a agulha e a linha que, palmo por palmo, lhe fornecemos.

— Meus pêsames, Mira. E com licença, tenho de receber uns convidados.

Para mim, era assunto encerrado.

Para mim.

**U**m fio de cabelo, seja louro, ruivo, preto ou castanho, não dura para sempre.

Diversas litografias românicas trazem um Adão, que antes era retratado imberbe, incrivelmente peludo após provar da maçã. Os cabelos correspondem ao elemento fogo. Os escuros se associam a energias terrestres; os claros, aos dourados raios do sol. Uma vasta cabeleira, forte e brilhante, sempre esteve ligada à fertilidade e à força, enquanto o desapego e o desejo de ascese se iniciam, em diferentes religiões, pelo corte do cabelo. No aspecto simbólico, alhos não se confundem com bugalhos, e pelos não se misturam com pentelhos. Os cabelos da cabeça são associados a forças superiores; os de baixo se ligam a forças primitivas, sensuais e animais. Na iconografia cristã, os cabelos longos e sempre soltos de Maria Madalena lembram mais a sua entrega a Deus que a antiga condição de pecadora. Era comum às mulheres russas se ornarem com uma única trança, se virgens, e com tranças duplas, quando já não o eram. Os egípcios deixavam que os cabelos crescessem durante o tempo que durasse uma viagem. Para os hindus, cada fio de cabelo é uma linha de força trançando uma trama em que se mostra o universo. Os incas realizavam uma cerimônia especial para celebrar o primeiro corte de cabelo do príncipe herdeiro, que tinha de coincidir com o desmame e o recebimento do nome, aos dois anos. No século XIX era costume oferecer-se um bocado de cabelos a um pretendente ou ente querido. Dom Pedro II enviou a Maria Antonieta, numa carta, dois pelos do bigode, e, mais tarde, dois pentelhos. Numerosos povos entendem que uma cabeleira desgrenhada é um sinal de luto. Outros veem no cabelo a morada da alma. Em geral, os cabelos duram muito mais tempo que as carnes e continuam a crescer dentro das catacumbas. Depois que os amorosos cadáveres são decretados sem vida, fios de cabelo encontrados ao léu adquirem especial importância. Distantes das cabeleiras de origem, os fios perdidos passam a ser a melhor recordação, mas também símbolo e lembrança da finitude humana.

Mas que esposa amantíssima vai considerar tudo isso ao encontrar um fio de cabelo agarrado à camisa do marido? Aquela camisa que ela escolheu com carinho para presentear-lo no Dia dos Pais, a que ainda lava e passa uma vez por semana. A mesma que volta e meia ele veste para impressionar a amante. Pois foi a pura, a própria, a perene Mira quem, com zelos detetivescos, agachando-se sobre aquela trama quadriculada e repetindo o gesto mais ancestral do polegar opositor, pinçou o fino fio luzente da camisa polo daquele guerreiro, aproximando-o da luz e analisando-o minuciosa, com seu olhar aquilino: era um cabelo comprido, liso, solitário e claro, ainda mais claro porque solitário. Estirado entre os seus dedos nervosos, gritava, sob a lâmpada fluorescente, pelo retorno ao seio dos seus. É que, apenas finda a festa, não teve tempo de se unir de volta aos irmãos na quente e fértil carne de origem. Constava agora como índice indisfarçável das cabeleiras sedosas e aromáticas que brotam das peles macias das mulheres brancas de olhos claros. Apertando com força entre os dedos o pelo quase sem gramatura, transportada num déjà-vu traduzido por um espetacular ranger de dentes, Mira se lembrou de Susana, um cabelo à parte, digo, um capítulo à parte no livro entreaberto que era a vida amorosa de Andrea. Só que, desta vez, não houve qualquer reação visível, e a cena que poderia fornecer um bom desfecho a este capítulo foi calada, embrulhada e guardada no fundo porão sombrio e perigoso dos ódios silentes.

**N**uma tarde de sexta em que tive folga, após almoçarmos em Sambaqui, Andrea me deixou na escola das crianças, cujo caminho até em casa eu e elas inúmeras vezes fazíamos a pé. Com um último beijo – tinha sido uma tarde irretocável –, borrou o rosto no meu batom – vinha relaxando muito nos cuidados com isso. Quando nos despedíamos, era sempre eu quem se lembrava de apagar as pistas. No lusco-fusco dentro do carro, estando eu ansiosa por apanhar as meninas e ele bastante atrasado na sua rotina, esquecemos ambos aquele que é o elemento clássico do adultério distraído, junto do fio de cabelo: o batom. Para piorar, o gloss que eu usava era de grande aderência e repleto de minúsculos pontos de purpurina colorida – o brilho estava em alta naquela temporada.

Dali a pouco menos de uma hora, recebi de um Andrea assustado o mais novo telefonema da série dos arrependimentos: havia apenas pisado em casa quando Mira, furiosa com a demora, veio ao seu encontro. Melhor dizendo, veio de encontro a ele na porta e, acendendo a lâmpada do umbral, descortinou-lhe na face todo um céu fulgurante de estrelas, constelação que escorria lentamente em direção a um sorriso sem graça, evasivo, cravado bem no centro do rosto de um marido feliz, porém desgraçadamente impontual. É que não se pode querer ter tudo. Pego de surpresa trazendo na cara um espetáculo pirotécnico em miniatura, Andrea tentou fazer crer a Mira que se tratava quase de uma miragem: o que ela via eram os restos de um caramelo que ele havia comido.

Bravo! Brillhante! E o Oscar vai para...

Ao ouvi-lo narrar a cena, ao telefone, pensei que estivesse brincando, mas o seu timbre angustiado me convenceu de que o assunto era sério. Seu desespero era tamanho que perdera a elegância. Falava alto, rápido e ininterruptamente, num espanhol enfim quase genuíno. Em questão de segundos, designou-me nada mais, nada menos que a tarefa de encontrar no mercado um doce que tivesse as características exatas da descrição feita a Mira, ou seja, uma bala que se espalha

pelo rosto de quem a saboreia, grudando nas faces feito cola, e que tem purpurina entre os ingredientes.

Fácil! Excelente! Tivesse, na época, o humor que tenho hoje, teria tentado eu mesma prepará-la, inclusive o embrulho...

O medo que Andrea manifestava dos possíveis desdobramentos da desconfiança de Mira me encheu de raiva e desprezo. Era um borão passado sobre a ótima tarde que tivemos. O que parecia a surpresa feliz do telefonema fora de hora transformou-se, em segundos, numa prova do peso que tinha, e sempre teria, a relação dele com a outra, a opinião da outra, os desejos e desígnios dela. Pode ser que tudo isso fosse óbvio para mim, que sempre o soube. Uma coisa, porém, era sabê-lo; outra bem diferente era ter isso tudo passado na cara feito uma goma de glitter, e estragando um momento tão especial. Em resposta ao desespero de Andrea, agi feito uma criança que é rejeitada em prol de outra: deixei claro que nenhum fabricante se arriscaria a produzir tal confeito, já que não haveria demanda, podendo, tão inocente iguaria, estragar o casamento de muito cônjuge fiel. Rezei também a ladainha inteira do ressentimento: era inconcebível que ele me acionasse pedindo ajuda numa situação vexatória como aquela, ignorando os meus sentimentos, me tratando como se eu fosse um amigo. E a temperatura ao telefone foi subindo. Andrea reclamou de que dividia comigo a angústia gerada por uma circunstância da qual eu fazia parte, e eu lhe lançava em cima uma chacota. Parecia verdadeiramente decepcionado com a rapidez com que abandonei o barco. Como em outras ocasiões similares, esperava de mim uma atitude mais madura e equilibrada, com demonstrações de um companheirismo sólido, apto a enfrentar as dificuldades dessa nossa aventura já um tanto infeliz. Não entendia que, desde que instaladas por ele em ringues opostos, Mira e eu fatalmente digladiaríamos, cada uma com as armas de que dispunha.

Após alguns minutos ao telefone, abrandado a custo o fogo da minha ira, ponderei, pedi desculpas e aconselhei-o, como de outras vezes, a falar o mínimo, tentando, quem sabe, inverter o ônus da

prova – o que me parecia justo. Insisti em que não assumisse obtusamente a culpa, desviando uma temerária romaria de desculpas, dando explicações desnecessárias e contraditórias, jogando mais lenha na fogueira das suspeitas. Que se lembrasse de que não havia prova de nada. O que tinha acontecido não era claro, menos ainda inequívoco. A sua palavra deveria, portanto, alcançar a máxima transparência, refletindo o núcleo duro de uma certeza límpida e forte, a elevar-se diante do breu das dúvidas de Mira. E que usasse corretamente os tempos do diálogo.

A diferença entre a minha visão objetiva e a visão trágica de Andrea se baseava em que ele não tinha, não queria ou aparentava não ter, quase nunca, consciência dos atos que encenava. Da minha atuação, poder-se-ia dizer o oposto: eu mantinha o hábito de me afastar para analisar a peça, mas atuava, em geral, muito mal, desviando-me facilmente do conteúdo disposto no roteiro. Além do mais, eu nunca soube obedecer. Mas a ansiedade de Andrea, ao telefone, não cedia, e ele insistia na questão do caramelo, o que começava, como sempre, a me irritar. Aconselhei a que se esforçasse para acreditar naquilo que dizia, fosse o que fosse. Se conseguisse isso, suas chances de convencer Mira aumentariam bastante, mas que a ideia da bala era muito absurda.

— Desconverse. Diga o mínimo. Nada de detalhes. Não importa onde ou com quem você esteve. Agora é fixar-se na negação. Não houve nada. Faça-a sentir que está provocando uma tempestade num copo d'água. E não vá se complicar estendendo desnecessariamente a conversa.

De nada serviu minha dedicação, tentando dirigir a cena à distância. A essa hora, na certa, já estava tudo perdido. A situação de Andrea era dramática – ainda mais que, pressionado, ele dava, sem perceber, a sua contribuição para o jogo perigoso. Eu já conhecia a sua verve autodefensiva, de que era possuído nos momentos de má consciência – muitas vezes agira de modo parecido, comigo. Em geral, as suas crises de culpa forneciam vasto território de atuação para um

adversário desleal, terreno que se mostraria ainda mais ampliado para um competidor que quisesse vencer a batalha a qualquer custo. Ainda uma vez eu confirmei o já sabido sobre o casal: apesar das inúmeras reclamações de Andrea, o duradouro esquema de ação e reação, de culpa e castigo exercitado pelos esgrimistas não se desfaria de um momento para o outro. A consciência é uma máquina poderosa entregue a operadores desleais e mal-intencionados.

Como sempre, a cada vez que era pego numa enrascada, subindo-lhe o delíto à cabeça – ou descendo ao fígado, seu ponto maior de somatização –, Andrea arranjava um modo de compensar Mira – como numa armadilha skinneriana. O valor da recompensa era mensurado não pela gravidade da falta, mas tão somente pela intensidade da reação a ela, já que a culpa praticamente inexistia antes da revelação do ato desleal, o que me fazia questionar se, a essa categoria de sentimentos refratários, se poderia ainda chamar culpa. Por que razão a má consciência só se mostra como tal quando entra em cena o risco de ser flagrado em plena falta e ter de enfrentar as consequências? Logicamente, o jogo de culpa e castigo tinha lá seus propósitos e normas. Naquele final de semana pós-gloss, por exemplo, o prêmio pelo erro não comprovado foi uma viagem a Sábado Marins. Na tabela de conversão monetária do casal, uma noite numa pousada da cidade serrana era recompensa suficiente para as falhas médias, porém detonadoras de reações tempestuosas, aqueles desvios que não vinham acompanhados de provas, ou cujas provas, quando as havia (como o brilho do batom espalhado pelo rosto) não se ligavam de modo explícito a sua causa, que, desse modo, permanecia oculta.

Quando Mira soube (não se sabe ao certo por que meios) da existência de um certo anel vindo de Lima sob encomenda secreta do marido, ele primeiro afirmou que era uma surpresa para ela, comprando logo uma outra joia, substituta daquela. Eu já usava o anel desde o pedido de noivado feito no bar do Vigotski, mas imediatamente me ofereci para devolvê-lo, ato de desprendimento apenas

retórico que me custaria realizar, e que, felizmente, de maneira alguma Andrea aceitou.

Por meio da mesma engrenagem, descoberto nosso caso, ele buscou, sem demora, alugar o espaço que Mira desejava para abrir um restaurante, prometendo inclusive fazer uma reforma no local, um salão decadente num bairro idem, mas dentro do diâmetro no qual ela se sentia segura para dirigir o automóvel, recebido como recompensa pela falha anterior. No final, o futuro restaurante acabou por se transformar numa pequena loja de materiais de construção na qual Mira exercitaria enfim a sua liberdade de poder trabalhar fora, vendendo torneiras, ralos e vasos sanitários. Contudo a moeda compensatória sempre foi, prioritariamente, a viagem. E, se bem me lembro, Mira fez apenas duas viagens mais longas, durante os três anos e meio em que Andrea e eu estivemos juntos, o que significa que ele cometeu poucos erros fatais, ou então que não foi muito descoberto, a despeito dos seus inúmeros vacilos. E, infelizmente, Mira não era dada a sair sozinha do país. Quando acontecia, Andrea e eu íamos à praia, andávamos de mãos dadas pelas ruas e, se possível, dormíamos juntos. Enfim, os feitos e passeios mais inocentes que podem realizar os namorados. Todos aqueles programas previsíveis e banais que costumam revelar a gramatura do tédio de um antigo casal brilhavam, para nós, como troféus: caminhar pela areia, ir ao cinema, ouvir música ao vivo, comer caranguejos com cerveja no boteco da esquina. As viagens-recompensa, caprichosamente planejadas por ele e esperadas por mim (ao certo mais por mim que por Mira) concediam uma bênção ambígua, porque, a um tempo em que redimiam o eterno marido de uma falta de nível médio, fazendo com que se sentisse mais leve, liberavam a cidade e os arredores como território para tudo o que não ousávamos fazer sob a mira de Mira. Desse modo, a própria remissão abria espaço para perigos maiores, para mais indiscrição e, conseqüentemente, maior culpa. Estando Mira em viagem, qualquer um poderia nos encontrar de mãos dadas e aos

beijos nos bares da rua da Mala, na Praia do Cannot, em Camburi e até mesmo em Calabar. Andrea, ao seu modo, era um homem sólido e antigo, não parecia crer na propagação virtual dos mexericos. E o que era cada vez mais perceptível: não temia se mostrar ao meu lado em público, desde que Mira estivesse fora do país, como se a distância geográfica fosse garantia suficiente de que não seríamos descobertos, embora houvesse inúmeros conhecidos do casal espalhados pela cidade e portando câmeras de celular, em plena era do Facebook.

**M**ais de uma vez, inclusive, Andrea tentou me convencer de que precisava retribuir-me, *con al menos una recepción, las setecientas visitas y setenta ceviches* preparados em minha casa, segundo os seus cálculos. A cada vez que Mira viajava, estava de novo livre feito um pássaro de gaiola aberta. As grades da gaiola, pela proximidade excessiva, são matéria que o pássaro não enxerga. Assim, mesmo sem saber o que o prende, ele divaga e devaneia sobre a realidade lá de fora. Aberta a portinhola, porém, a ave, apenas evadida, muito rápido se entrega à nostalgia da comodidade e do conforto da antiga morada, querendo levar para dentro os companheiros de voo que encontra pelo caminho de ar. Há mesmo os que, passada a felicidade inebriante dos primeiros estágios do passeio, retornam à gaiola transformados, contentes de estarem de volta. Até que sobrevém o tédio, e nova ânsia de liberdade os instiga a sair.

Eu, de cá, sempre rechacei a ideia de visitar Andrea na ausência de Mira. Mas o sonho se alimenta da sua negação, e, numa ocasião em que ela se retirou para pernoitar em Nova Alameda, ele insistiu com mais veemência, e o argumento era sempre a possibilidade única de retribuir à minha hospitalidade. No dia marcado, mesmo sob minha mais forte negativa, comprou os ingredientes para o preparo do seu famoso ceviche. O convite insensato vinha com um apelo tão comovedor que era difícil dizer não, mas, dessa vez, foi justo a firmeza do meu declínio que nos salvou as cabeças.

Ao telefone, Andrea exultava, afirmando que Mira só retornaria no dia seguinte, depois do almoço, e que apenas Jól Ismert conhecia os seus planos de cozinhar para mim. Eu tentava demovê-lo da ideia, diante do óbvio constrangimento moral e do perigo que a situação representava. Mais uma vez, lastimei que tivesse se aberto com Jól. A cada dia era mais forte a impressão de que o dublê de amigo recebia de Andrea informações demais. Eu começava a suspeitar que o cantor se empenhava em chacoalhar a minha relação com Andrea e o seu casamento com Mira.

Estávamos nesse ponto do diálogo quando Mira entrou em casa num rompante. Andrea assustou-se e desligou o aparelho no meio de uma frase, como se surpreendido por um ladrão. Eu mesma não entendi o que acontecia, mas intuí levemente, o que me fez ter a cautela de, mesmo preocupada, não telefonar. Segundo me relatou depois, as frases que disse, no susto, não cabiam bem no contexto, e saíram entre risos nervosos, num tom pouco natural:

— *¡Buenas nooches! ¡Que sorpreesa! ¡Regresaste tan tempraaano!*

Recobrando-se ainda do susto, mas aliviado por não ter sido pego com a boca na botija, Andrea arfava e, em pensamento, me agradecia por não ter aceitado o convite. Assim que conseguiu respirar com mais alento, lembrou que não havia apagado o meu número da lista de chamadas, no celular, como fazia sempre, obsessivamente, a cada vez que me telefonava. Seguro como estava do pernoite de Mira em Nova Alameda e envolto no afã do *mise en place*, tinha me dado, a partir do meio-dia, nada mais, nada menos que catorze telefonemas, soma impossível de ignorar no campo dos registros de chamada.

De retorno ao seu território, Mira agora batia as portas dos armários e andava de um lado para o outro com a cara amarrada, removendo as cadeiras enquanto sondava o possível rastro de algum perfume no ar.

— *¿Qué tanto buscas?* — a voz de Andrea, ainda em recuperação do choque, soava abafada, semelhante à do Pinóquio, que, perdido, clamava pelo pai nas profundezas do mar.

Ela, em completo silêncio, revistava, um a um, os cômodos. Andrea, por via das dúvidas, seguia-a de perto, fingindo não a vigiar durante a sondagem atrás de cada porta, dentro dos armários. Somente ao término da revista, Mira resmungou qualquer coisa em resposta ao cumprimento inicial do marido, justificando o retorno antes do esperado. Sentindo que o diálogo tinha avançado um curto degrau, sendo, todavia, impossível permanecer no preâmbulo da desconfiança vaga, Andrea acrescentou, cedendo a ela um inegável palmo de chão:

— *¿De verdad crees que yo sería suficientemente tonto como para traer a alguien a casa?*

Antes mesmo que Andrea tivesse conseguido resolver o problema primário dos registros telefônicos, saltou na sua frente uma outra imagem: a garrafa de vinho verde, inexplicável dentro da rotina daquela casa. E assim foram rebentando na memória, um a um, feito um cardume de brilhantes sardinhas, cada um dos indisfarçáveis ingredientes do ceviche que aguardavam na geladeira, embrulhados num papel pardo de peixaria que, nas palavras de Andrea, *cheirava a divórcio*. As grandes postas de cação fresco, roçando nos inocentes conteúdos de um refrigerador familiar, como leite, tomates e ovos, eram, para Andrea, mais difíceis de explicar do que se Mira nos encontrasse aos dois nus, atracados bem no centro da cama do casal. Fosse esse o caso e traria ao menos o conforto de ele nada mais ter de esclarecer.

Enquanto Andrea revia mentalmente o conteúdo da geladeira, o medo caiu sobre ele feito um balde de gelo; torcia para que Mira não tivesse sede. No entanto, em sã consciência, não podia contar com a possibilidade de ela dormir sem antes checar o refrigerador. Num ímpeto de pânico, retirou-se de uma vez daquele torpor. Enquanto ela revirava a sala e o escritório, ele, metade do corpo na cozinha, metade no corredor, percorria virtualmente os demais cômodos, procurando por objetos suspeitos ou qualquer outro rastro que tivesse deixado no caminho, além das chamadas no celular, do peixe e do vinho na geladeira.

Mira mostrava estar ainda bem distante de penetrar o território da trégua. Andrea, pálido, pensou em estender a mão e apanhar o celular sobre a mesa para apagar as chamadas, porém titubeou, presumindo que o gesto pudesse ser impedido por ela a meio caminho, e a farsa toda, a partir desse pequeno passo para um homem, mas grande passo para a humanidade, fosse descoberta. Como não podia simplesmente jogar o aparelho no vaso e dar a descarga, concluiu que o melhor a fazer era fingir ignorar a existência do celular,

ainda que continuasse sob o risco de que Mira, a qualquer momento, o tomasse para vistoriar, como costumava fazer, mesmo em situações de risco e desconfiança menores que naquela. Não se sabe por que, naquela noite Mira não conferiu o telefone de Andrea. A única explicação plausível para essa falha de vigilância era a obsessão específica do momento – obsessões ou são específicas ou não são obsessões –, que se resumia a encontrar uma mulher de carne e osso dentro da casa, intuição que a cegava para qualquer outro indício, mais ou menos evidente, de traição.

Enquanto isso, bem no centro visível do refrigerador, dormitavam, por minutos longos e frios como a eternidade, o limão, a pimenta, o coentro e o peixe, o qual Andrea rezava para que ainda não tivesse exalado ao entorno nenhum eflúvio dos seus odores. Apenas se iniciou a inspeção de Mira no banheiro, e lívido, quase em síncope, Andrea abriu a porta da geladeira. Num salto que ele próprio considerou velocíssimo, apanhou tudo de uma só braçada e lançou fora, na lata de lixo da área de serviço. Estava ali o seu novo purgatório, que teria de esvaziar cedo, no dia seguinte, antes que Mira acordasse, preocupação que punha mais uma conta no seu longo rosário de razões para ter uma péssima noite, insone: nas primeiras horas, devido ao estresse, que afinal demora a esvair-se; nas últimas, pela apreensão sobre o momento em que deveria se levantar, sem despertar suspeitas, e levar ao depósito público de lixo, na rua, o ainda róseo cação fresco, escolhido a dedo, pelo qual chegara quase a digladiar com outro comprador, que, a essa hora, num bairro operário do outro lado da cidade, dormia tranquilo o sono dos justos, ao lado de uma esposa satisfeita, depois de terem comido ambos os seus camarões empanados no jantar e, quem sabe, tendo feito um amor previsível, contudo mais reconfortante para os nervos que manter um caso extraconjugal nutrido a ceviche e mentiras.

Naquela noite, Mira não lhe dirigiu uma palavra. Mal e mal respondeu a sua pergunta retórica:

— *Por favor, di-me, ¿de verdad creíste que encontrarías a alguien en uno de los armarios?*

— Não foi dessa vez. Mas não desisti ainda.

Com um marido assim azarão, distraído e apavorado, não era preciso empreender longas viagens surpresa de retorno a casa, nem mesmo contratar um detetive para investigá-lo. Bastava esperar calmamente que ele próprio se enforcasse com a corda que levava no bolso, como veio a ocorrer algum tempo depois.

**T**ornou-se hábito, no verão, Mira ir a Nova Alameda com a criança e lá permanecer por dois ou três dias, em casa de amigos. O próprio Andrea, apesar do trauma da noite do ceviche, arquitetava detalhadamente cada uma dessas pequenas viagens para o litoral, simulando, com grande esforço de atuação, não ansiar por elas. No feriado de Carnaval, angustiou-se quando lhe pareceu que os preparativos para um desses passeios se frustrariam. Na última hora, a amiga de Mira que guiaria o carro até a praia resolveu não ir, e ela não se sentia segura para dirigir à noite. Que fez então o nosso herói – ele que, preparando a justificativa para sua permanência em Vitória, havia alegado enorme cansaço da semana de trabalho? Ora, em vez de desmarcar o compromisso comigo e propor a Mira que viajasse apenas no dia seguinte, num ímpeto cavalheiresco, controlado para permanecer, segundo ele, aquém dos limites da suspeição, ofereceu-se para enfrentar o trânsito noturno de plena terça-feira gorda e levá-la até o seu destino na praia mais distante da Grande Vitória, gerando um atraso de mais ou menos três horas para o encontro comigo. Com ele foi o velho comparsa húngaro, dublê de amigo que era, a um só tempo, confidente seu e de Mira, algo que, dadas as circunstâncias, tornava-o um duplo inconciliável: sendo amigo dela, não poderia ele esconder-lhe a traição do marido. Por outro lado, sendo amigo do marido, como poderia denunciar à esposa a traição? A mesma lógica que regia a manutenção do matrimônio mantinha o prosseguimento do vínculo de amizade entre Andrea e Jól, por um lado, e entre Jól e Mira, por outro: sobejavam interesses irreveláveis, quem sabe mais dignos de cultivo que a lealdade exigida pela simples amizade.

Tendo deixado Mira e a criança em Nova Alameda, Andrea retornou direto a minha casa, perfazendo quase quatro horas de asfalto, entre ida e volta, com direito a foliões travestidos parando o trânsito na orla de Caraípe, onde deixou Jól – ao menos foi essa a versão que obtive, naquele momento anterior ao uso da onisciência, conquistada apenas agora, com a narração distanciada dos fatos. Mesmo com o atraso, a noite foi bonita. As crianças dormiam na casa do pai.

Absortos na música e na bebida, Andrea e eu nem sequer ouvimos o alarme tocar, enquanto uns ladrões lhe depenavam a caminhonete, estacionada diante do prédio. Roubaram quase todos os instrumentos de trabalho, entre eles aparelhos caros, mais o equipamento de som e os óculos de sol que tinha acabado de ganhar de Mira.

Antes das sete, fomos acordados pela sirene da polícia. Andrea desceu sem dizer palavra, com a cara amarrada e amarrotada, enquanto eu tentava decifrar o que teria acontecido lá fora. Ao retornar, trazia uma expressão que era um misto de tristeza com outro sentimento negativo que eu não conseguia detectar. Segundo me relatou, a dupla de policiais se ofereceu para registrar o endereço do furto em um boletim de ocorrência com o nome do proprietário do carro, proposta à qual, para surpresa dos dois homens, Andrea se opôs com veemência, alegando que seria *una pérdida de tiempo*. Desse ponto eu duvidei: não da perda de tempo, mas da surpresa dos agentes. Custava-me acreditar que os policiais realmente estranharam a recusa de Andrea. O mais provável é que tenham percebido o constrangimento no seu rosto bem amassado e mal dormido. O resto da trama, verdadeira razão do seu declínio quanto ao BO, ao certo nem um pouco incomum na rotina da polícia da capital, a dupla pôde supor.

— Ora, Andrea, policiais são treinados pra lidar com situações de risco, costumam ser bons observadores. Daí, é só juntar essa sua cara constrangida com o carro todo remexido em frente a um prédio com garagens vazias... Dizerem pra você fazer um BO deve ter sido só zombaria mesmo.

A situação não deixava de ter a sua graça, mas, por se seguir a uma noite clandestina, o peso da culpa de novo se abateu sobre Andrea, expressando-se, desta vez, na forma de autocomiseração. Assim que amanheceu para o comércio, fomos em busca de uma loja que repusesse vidros de carro, em pleno Carnaval. Em Granpoo Candy, descobrimos um novo nicho, o do comércio da desgraça: uma fila de carros com vidros quebrados se formara na porta da empresa. Na semana seguinte, presenteei Andrea com uma nova aparelhagem

de som. Afinal, também me sentia responsável; melhor dizendo, irresponsável. Não poderia ter me furtado a lhe oferecer uma das vagas na garagem para que guardasse o carro, nem ter me esquecido de alertá-lo acerca dos roubos que ocorriam, à noite, na minha rua, realidade que, de resto, ele próprio conhecia e poderia ter previsto.

O último fim de ano que passamos juntos foi o mais intenso, embora tenhamos tido de enfrentar o outro lado, menos visível, da moeda (ou da aliança), cujas dificuldades já prevíamos: Mira viajara para Lima, e, sem a sua constante vigilância, Andrea queria desfrutar de tudo o que não podia quando ela estava por perto. Eu, acostumada a sua rotineira vida familiar, me angustiava com a visão daquele indômito recém-liberto, subitamente investido de energia, que fazia um amor intermitente e, à noite, mesmo esgotado, saía para os bares e bailes da orla em companhia do amigo húngaro.

Foi então que se confirmou também algo que Andrea sempre dissera temer: assim que estivesse solteiro, ele não me despertaria mais o mesmo interesse. Definitivamente, a tese que eu tanto rejeitara tinha a sua lógica. Não que eu o desejasse menos pelo fato de a esposa estar longe; é que agora se tratava de um outro homem, com o qual nem eu nem ele sabíamos lidar. E ainda havia o agravante de que aquilo que o casamento lhe dispunha – segurança e conforto, além de almoço ao meio-dia e roupa lavada –, isso eu não tinha a menor disposição para proporcionar.

Nos dias que precederam a viagem de Mira, algo intrigante aconteceu: mantendo em segredo o motivo, ela encaixotou toda a casa, como se fosse levá-la consigo. Por uma semana, num diligente trabalho de formiga, enrolou cada um dos objetos, sinalizando com um pincel, nas tampas das caixas, acerca dos conteúdos mais frágeis, separando roupas de louças, etiquetando com critério os utensílios do escritório e envolvendo os móveis em velhos lençóis, como se os preparasse para uma mudança. Nesse ínterim, Andrea e eu cogitávamos diariamente em torno das prováveis razões, estranhas ao nosso entendimento, embora não devessem sê-lo nem um pouco, do ponto de vista de Mira. Por orgulho e teimosia, Andrea nada perguntava.

Finda a longa e misteriosa empreitada, que já nos angustiava, Mira revelou a razão de ser (para Andrea, pouco convincente) de todo aquele trabalho: havia contratado uma empresa de dedetização, serviço que tinha de ser feito na ausência da criança – e sua. Restaram

desembalados, para uso do marido, apenas uma cama de solteiro, um prato, um garfo, uma faca e um copo. Sentindo-se desabrigado sob o próprio teto, o eterno marido adoeceu antes que os insetos-alvo.

Evitando o quanto pude dar a minha opinião, interpretei o gesto de Mira de modo simbólico, praticamente como um sintoma: num ímpeto de identificação doentia com os objetos que cercavam a vida do casal, ela aproveitou o ensejo da viagem e preparou o ambiente de modo a potencializar o seu afastamento, radicalizando-o na falta que fariam a Andrea um sofá, um jarro ou um cobertor. Talvez de modo inconsciente ela tenha deixado vir à tona, em mais esse momento de crise conjugal, o desejo de transformação (no sentido amplo), representada naquele simulacro concreto de uma mudança. Aproveitando-se do retorno próximo ao seio da família no país de origem, Mira deixava pairando no ar ferruginoso de Calabar a ameaça de abandono definitivo do lar. A casa encaixotada era o set perfeito para uma cena que, internamente, já se desenrolava bem antes do empacotamento geral.

Na leitura bem menos subjetiva de Andrea, Mira deixava a casa inabitável para que ele não tivesse como receber mulheres durante a sua ausência. De acordo com o seu conhecimento da alegada praticidade da mulher, ele dizia que talvez ela receasse ainda que uma faxineira fosse contratada por ele após a dedetização e lhes roubasse objetos de valor. A mim não parecia uma prova de praticidade encaixotar inteira uma mobília com base numa hipótese assim. Também não era o caso de optar por apenas uma entre as explicações, já que cada uma fazia algum sentido, em menor ou maior grau.

Aproximando-se a data prevista para o retorno de Mira, Andrea descobriu que nenhuma dedetização havia sido marcada. Em poucos dias, aproveitando o fato de a casa estar vazia de gente e com os objetos embalados, contratou enfim a empresa de nome mais adequado que poderia haver: Kafka Dedetizações. A verdadeira razão do encaixotamento seguiu sendo um mistério.

**D**ois mil e treze, férias de julho, as meninas viajam com o pai. Uma tarde, após o almoço, Andrea vem ao meu encontro em casa. Enquanto preparo um suco, narro o pesadelo que tive à noite: ao entrarmos lado a lado por um portão idêntico ao da casa em que morei quando criança, algo como uma lâmina incandescente cai do céu em grande velocidade, passando justo entre nós, sem tocar a um nem a outro, causando, no entanto, uma dor enorme que me faz contrair os ombros.

Nesse ponto da minha narrativa, tocou o celular de Andrea. Ele atendeu rapidamente e pôs o dedo indicador sobre os lábios me pedindo silêncio, gesto que, na verdade, há anos não precisava fazer. Passou uns dois ou três minutos apenas ouvindo. Parecia não saber como secundar o que era dito do outro lado. Notei quando empalideceu.

— *No, no estoy en casa. Estoy trabajando, sabes.*

Pelo tom que dava às palavras, só podia ser Mira.

— *¿Qué?! ¿Que sucedióoo? ¿Dónde estás?*

(Longo silêncio. Ligação interrompida. Andrea liga para o celular de Mira. Aparentemente o monólogo tem agora um tema definido. Andrea tenta participar, com frases curtas e tartamudeios.)

— *No, no es lo que piensas.*

Assistindo à peça com a audição de apenas um dos roteiros, imaginei que Mira já usasse as respostas dadas por Andrea para confrontá-las com as que viriam a seguir, tentando apanhá-lo em contradição.

— *¡Nooo, por favoor!, no fue lo que yo dije.*

Era um exame em que o aluno já ingressava reprovado, o professor havia confiscado a cola e tinha-a nas mãos, como evidência.

— *No importa ahora, me voy. En casa lo explico tooodo, ¿sí?*

Nesse ínterim, entre uma resposta e outra, enquanto ouvia muito atentamente o que era dito do outro lado, Andrea fitava o nada como se procurasse por manchas na tintura nova da minha parede. A angústia crescia visivelmente. Supus que houvesse algum problema em uma das obras ou com a criança, que mais poderia ser? Nas interjeições que lhe vertiam dos lábios, subitamente ressecados, alinhavavam-se

agora muitos ãos, e cada um deles, em tom decrescente, parecia menos carregado de convicção que o anterior. Decididamente, Andrea não sabia mentir.

Desligou o aparelho como quem amassa um inseto e encarou-me com uma expressão que, de tão aterrorizada, já nem o era, alcançava outro patamar: ao sair de casa para vir ao meu encontro, esquecera aberta a caixa de mensagens do Gmail. Mira tinha acabado de ler inteira a nossa correspondência.

O preparo do suco ficou pela metade. Não fazia muito que Andrea havia chegado; saiu de imediato. Desci junto, sem saber por que, já que nunca o acompanhava até a saída lá embaixo. O silêncio compacto instalado entre nós como que pressionava meus braços em direção ao tronco, causando dor, exatamente como no sonho daquela noite. Ao final do lance de escadas que liga o elevador ao portão, nos deparamos com Mira, que chegava. Eu, assim como Andrea, em algum momento a imaginara telefonando de casa, apesar de que tenha, ela mesma, perguntado se Andrea estaria em casa. Os detalhes daquela armadilha eram totalmente inescrutáveis para nós. Diante da visão de Mira por trás das grades do portão, nada dissemos, ambos sem reação. Andrea e eu apenas nos reconhecemos na nossa enorme ingenuidade. Nesse ínterim, Mira nos olhava indiferente, estranhamente indiferente. Qualquer pessoa que passasse pela rua naquele momento suporia uma visita comercial, uma cobradora em serviço ou a mera portadora de uma encomenda sem muito valor. Por alguns instantes, eu ainda quis me apegar a uma dessas fantasias sobre a razão da visita inesperada, mas logo despertei de mais esse devaneio, ouvindo Andrea dizer algo como:

— *Vamos a subir y acabar con esto de una vez.*

A frase me deixou confusa quanto ao que ele queria, ao que de fato acontecia ali. Permanecer em silêncio me pareceu ser a coisa certa a fazer. Autômata, com o pé esquerdo pisei o térreo, ao fim da escada, e com o direito, rodando sobre o corpo, toquei de volta o primeiro degrau da escada, subindo diante dos dois, que iam me secundando

com passos desencontrados, naquela estranha procissão sem fé. No elevador, olhos fixos na sequência de números, eu ouvia apenas a minha própria respiração, além dos sons daquele cutuleb reverso, oito andares acima com o coração na boca. Calculei que Andrea, um passo atrás, estivesse tentando ganhar tempo enquanto inventava uma desculpa dessas que jamais são aceitas, mas que mesmo assim não podem deixar de ser apresentadas, em certas circunstâncias. Eu sentia os olhos de Mira me queimando a nuca.

Empurrei a porta, cruzei o hall do elevador. Mira apenas passou pelo portal da sala, o seu humor se demudou: o silêncio e a frieza mostrados lá embaixo deram lugar à expressão de sentimentos que ao menos me pareceram mais compatíveis com a situação. Andrea veio logo atrás, assumindo vagarosamente a postura de uma rês humilhada. Ficamos os três de pé no living, ele encolhido, ela ereta feito um soldado, eu com vontade de fugir dali, de expulsá-los, de assumir de volta a minha casa, a minha vida. Com uma voz cuja firmeza eu mesma estranhei, convidei-os a entrar e sentar. Não conseguia pensar em outra coisa a dizer ou fazer naquela hora. Hoje, ao buscar o fio lógico de tudo o que, na ocasião, foi dito por Mira, descubro que minha memória suprimiu grande parte, e que, portanto, seria inútil tentar, especialmente depois de tanto tempo, ser totalmente fiel aos fatos. Lembro-me apenas de recortes da sua fala, aquilo que mais me marcou, além de uma ou outra frase solta dita por mim. Também não recordo se houve, por parte dela, a preocupação em situar-nos com relação ao que havia descoberto ao ler as nossas mensagens. Acho que foi direto ao tema, não sei. Límpido como água, sei apenas que nos acusou de falsos, hipócritas, traiçoeiros e mentirosos (nessa ordem), dirigindo-se a ele com mais veemência que a mim. Para minha surpresa, Andrea não negou nada, nem disse qualquer palavra de autodefesa; apenas ouviu atento tudo o que ela expunha, a sua versão dos fatos. No início da fala de Mira, cheguei a balbuciar, ridiculamente, algumas palavras com as quais tentei minimizar a culpa de Andrea, gesto que ele reprovou com o olhar, e que de

fato não melhoraria a nossa situação. Hoje chego a achar que só não houve um desfecho mais violento porque tentativas de intervenção e apaziguamento desse tipo, da minha parte ou da dele, praticamente inexisteram. Em minutos, Andrea mergulhou em mutismo profundo. Tempos depois, ao falarmos sobre a cena, convenceu-me de que esteve animicamente ausente e não ouviu quase nada do que foi dito ali. Na hora, no entanto, a sua expressão não expunha temor, muito menos descaso. Se é possível elaborar tal paradoxo, o marido pego em flagrante se esforçava por manter a dignidade diante da esposa, tanto quanto da amante, sem ser ofensivo ou soar vulgar a nenhuma das duas. Continha-se, protegendo-se sob um manto de silêncio. Lembro que cheguei a admirar o minimalismo na sua atuação, aplaudindo secretamente o talento imprevisto que demonstrava para o drama. Era isso, então: quando se tratava da mais franca e descarada comédia, Andrea nunca soube atuar com um mínimo de competência. Assim como não sabia, de fato, mentir. Escancarada a verdade, porém, a situação era bem outra. Bem que um dia eu desconfie: a tragédia era o seu habitat natural. Nasce um astro, pensei ao tentar olhá-lo nos olhos, dramaticamente voltados para o chão. Naquele instante, eu seria capaz de indicar inteiro, e com precisão, um fundo musical para o ato. Afinal de contas, eu tinha uma colaboração a dar para aquela arte. Mas a vida não é só teatro. Em meio à cena na qual apenas Mira falava e meus ouvidos não conseguiam captar muita coisa, ofereci um copo d'água, pensando poder apaziguar o nervosismo – mais o meu que o dela. Não sabia o que fazer numa situação daquelas, então apelei, sem muito pensar, para um dos inúmeros comportamentos úteis que nos são ensinados desde a infância de modo enfático: como receber uma visita, como lidar com desconhecidos e como se comportar numa festa, ou num velório. Não consta do discurso doutrinário moderno, porém, uma frase sequer sobre como agir quando nos entra em casa, inesperadamente, o cônjuge traído.

Você talvez ache graça, Vera, em que eu, numa circunstância tão constrangedora, tenha tentado engrenar na função fática com um

copo d'água. Mas o que, afinal, eu poderia fazer? Compreendi a dificuldade que enfrenta um novelista na criação dos diálogos para um clímax como o desse núcleo dramático. Agora pode parecer inclusive que a minha oferta fosse irônica, mas não: tudo o que emerge nessas horas é o lugar-comum da polidez social, o qual, pela repetição cotidiana, já se entranhou nos modos, feito o ar que respiramos. Hoje entendo ser possível que, sob a mais desagradável e acalorada discussão, uma das partes se agache, e, gentilmente, apanhe o objeto que o rival derrubou, devolvendo-o ao lugar, e que o outro, antes de reiniciar o desfecho de impropérios, agradeça educadamente, gentilezas intercaladas com frases rudes e xingamentos, e, quem sabe, encerradas com um tiro disparado por um dos dois, dali a segundos. Mas deixemos de lado as fatalidades. Apesar de plausível, a oferta da água seria uma cena a evitar-se na ficção, pois certamente pareceria cômica, sem, contudo, poder sê-lo. Talvez soasse mesmo inverossímil. Mas não era só eu quem procurava palavras para utilizar. Empurrando o copo com um gesto brusco que quase o derruba, Mira soltou por entre os dentes:

— Tira isso daqui. Deve ter veneno!

De repente, o conto de fadas estava ao avesso. O príncipe, recostado à parede da sala, quedava mudo e inerte. De onde eu o olhava, parecia ter diminuído ainda mais de estatura. Enquanto isso, eu fazia a bruxa má, que, em vez de ir à procura da doce menina para envenená-la, recebia em casa, a contragosto, uma *Blanca Nieves* chamuscada do sol dos trópicos e bufando de raiva, para lhe ofertar, liquefeito num copo, o sumo envenenado da maçã da traição. Ou, numa versão mais realista da fábula, a pobre menina despenteada, perseguida pela madrasta, teria vindo buscar, na casa da amante, o seu príncipe desencantado. O cavalo branco, transformado numa caminhonete prateada cheia de entulho de obra, havia sido deixado a três quarteirões da gruta maldita, mediante a promessa de retornar a casa infalivelmente antes do meio-dia, escapando ao risco de virar uma abóbora. De quase tudo me esqueci, mas “tira isso daqui, deve ter veneno”

ainda hoje ecoa nos meus ouvidos, como se tivesse acabado de ser dito. Em que outro lugar Mira buscaria suporte teórico, senão nos contos de fadas, literatura que, de par com a *Bíblia Sagrada* em espanhol, compunha, desde a infância, o arcabouço da sua formação? Ao ouvir a palavra “veneno”, de nervoso, ri e, na mesma hora, entendi que precisaríamos de séculos para que se transpusesse o cânion de mal-entendidos e, agora, de muitos bem-entendidos, que havia entre as dela e as minhas intenções acerca de Andrea. Cremava-se ali a ilusão já morta que um dia alimentei de que os desejos meus e os de Mira fossem compatíveis, de que poderia, cada uma de nós, conviver com a parte de Andrea que mais lhe interessava, sem termos de esquarterá-lo, física ou psiquicamente. Mas Mira não estava para conversas. Eu mesma odiaria ter sido enganada de tal maneira, e, é claro, uma parte de mim se solidarizava com a mulher que achava que, caso pudesse, eu envenenaria sua água, que pensava que eu queria matá-la, que eu lhe desejava mal e que ansiava por um marido, o qual coincidia de ser justamente o seu.

Num átimo, sem que esperássemos, como que erguida a um palmo do chão, Mira nos encarou feiamente e, com a mesma agulha, transpassou os olhos de Andrea e os meus.

— Você disse que a achava feia!

— *¡No hay necesidad de eso!* — a voz de Andrea estava um tanto sumida, mas o tom se mostrava repentinamente firme, como o daqueles que não têm mais o que temer, uma vez que acabaram de despenhar no precipício.

Completamente fora de contexto, como num roteiro de que se perdeu uma página, me senti imensamente próxima e cúmplice dele, e tanto que tive vontade de abraçá-lo – feito irmãosinhos que se protegem mutuamente de uma reprimenda dos pais.

— Do mesmo jeito que dizia que a outra era burra — continuou ela.

Andrea, mais de uma vez, havia me descrito essa atitude típica de Mira, que consistia em colocar-se numa disputa imaginária com quaisquer mulheres que lhe cruzassem o caminho, fossem parentes,

conhecidas, amigas ou inimigas. Dessas autoavaliações, que o marido dizia delirantes, ela sempre saía vitoriosa, fosse em que aspecto fosse. Para sobreviver a uma realidade ameaçadora, Mira criara para si uma autoimagem ilusória, como de resto é toda autoimagem. Nesse caso, especificamente, figurava como portadora de qualidades que as duas (Susana e eu), juntas, jamais teríamos. Note, Vera, a sutileza dessa distorção: destacando em uma a feiura e na outra a burrice, Mira se elevava à condição de possuidora incontestável dos dois traços que, avaliadas as amantes separadamente, nos faltavam e que, na sua lógica, ela mesma possuía com sobeja: a beleza e a inteligência. No momento crucial do conflito em que se debatia, não calculava que cada uma poderia ter ao menos uma das duas qualidades, e que, ao contrário do que queria crer, poderiam ambas lhe faltar. O fato de Andrea destacar em Susana a ausência de inteligência e em mim a pouca beleza – caso o tenha feito – era interpretado por Mira como um elogio que, por contraste, o marido lhe fazia. Era outro erro de avaliação, porém mais plausível que acreditar que uniria ela, em si, as qualidades que faltavam a cada uma das mulheres que passavam pela vida de Andrea. Como resultado do trauma da primeira traição, Mira nos unia, as duas, num bloco, que olhava sempre pelo prisma do que acreditava nos faltar. Criava assim o monstruoso compósito monolítico da amante de duas cabeças, em que uma metade era feia, e a outra, burra. Desde sempre, Mira vinha presa ao mais estrito eixo maniqueísta: maridos são provedores, mulheres educam os filhos, amantes são gente ruim, bonitas são burras, feias são inteligentes, cerveja é para putas, casamento é para sempre, o inferno são os outros. E avançou um tanto mais:

— Ele não gosta de você. Ele não gosta de ninguém. A única pessoa com quem ele se importa é ele mesmo.

E depois, virando-se para Andrea:

— Foi assim que prometeste me fazer feliz?

Iniciou pausadamente, mas logo começou a emendar as frases umas às outras de um jeito que dificultava a compreensão. Ela, que,

quando queria, se expressava com grande clareza em português, passou rapidamente a um espanhol metralhador e, em seguida, a um portunhol que, surpreendentemente, despontava como o mais autêntico e menos sofrível dos idiomas que a ocasião lhe permitia articular. Num dado momento, já falava um idioma indetectável, talvez porque ora se dirigia apenas ao marido, ora dizia expressões endereçadas a mim, as quais pretendia que ele não entendesse. A partir de um certo ponto, à medida que falava, acertava pequenos tapas com estalidos de bombinhas no rosto de Andrea, gesto que foi o punctum pulsante daquela tarde. A graça involuntária da cena soa mais absurda cada vez que a relembro. Sem saber onde enfiar a cara, tentei me concentrar em temas tristes, reprimindo um riso que acabou vindo à tona, arrastando o que me restava de pudor diante da situação.

É verdade, Vera, que, quando um não quer, dois não brigam. Em se tratando de uma tríade, porém, é como dirigir uma fotografia em que posam três pessoas: justo quando duas sorriem com mais graça, a terceira fecha os olhos. E se a muda harmonia que Andrea e eu conseguimos manter durante aquele ato tivesse se estendido até o desfecho, quando fomos de fato obrigados a encarar os infelizes desdobramentos dos fatos, creio que ainda hoje estaríamos juntos. Quando dois não querem, três não brigam, e foi assim que, em vez de um pastelão, ou uma tragédia em muitos atos, tivemos apenas o monólogo da mulher traída, que acabou durando menos do que seria de se esperar, visto que Andrea, que começava a se esmerar nas artes cênicas, mostrou-se um ator habilidoso, chamando de volta o elevador que algum condômino tinha feito descer. Esperando a pausa certa, conduziu para fora a protagonista daquele ato, num cutuleb inédito e ainda mais lúgubre que todos os outros, para mim que, desta vez, não sabia se tornaria a vê-lo, depois de tudo, nem como ou quando. Sob o braço com que Andrea segurava a porta do elevador para que ela entrasse, Mira me lançou uma última olhada, repetindo, por entre os dentes, que eu não pensasse que era a única. Por fim, garantiu que as flores que recebi no Dia das Mães – leu sobre isso nos e-mails

– tinham sido compradas às dúzias, em promoção. Achei que fosse uma figura de linguagem, indicando que Andrea teria presenteado outras mulheres, naquele dia; mas não: significava apenas e simplesmente que o buquê custou pouco – certamente achava que isso faria diferença para mim. Quão pouco nos conhecemos!, eu me lembro de ter pensado. Para a contadora, porém, uma rosa não era uma rosa, não era uma rosa, não era uma rosa, porque ela não era poeta, nem contadora de histórias. O que ela contava era dinheiro, em verdes folhas, e, sendo assim, uma rosa autêntica, a melhor rosa do universo, era aquela mais bem cotada no mercado, ou então a rosa exclusiva, rara – e, por isso, cara. *Una plata sí es una plata, es una plata, es una plata.* Antes de sair, como se desejasse ampliar momentaneamente a sua pequena estatura, Mira projetou a voz e o corpo na minha direção, envergando uma expressão de quem dirá algo revelador. Então, olhou-me com ares apocalípticos:

— Você é tão vítima quanto eu.

A essa altura, inacreditável, ela desenterrava a velha lógica do carasco e da vítima. Já era quase impossível controlar a minha vontade de lhe dizer que falasse por si, que o orifício era mais aquém. Deixei claro que, embora ela talvez não gostasse de saber, eu não me sentia vítima de ninguém. E não alonguei mais o diálogo. Mira já não me ouvia, Andrea se engastava mais e mais, e, da minha indigna condição, não achei justo entrar em atrito verbal com a esposa traída, embora tenha me parecido, depois, que ali, com aquela última frase, ela me dava a chance de, ingênua ou espertamente, dependendo dos meus objetivos, aliar-me a ela contra Andrea. Seria talvez a sua oportunidade de nos separar em definitivo. Aí veio a declaração que me deixou confusa quanto a suas intenções. O novo golpe, esse realmente surpreendente, mirou direto nas partes baixas de Andrea, esfregando nas suas feridas o sal de umas poucas palavras bem escolhidas:

— É por isso que você não transa comigo há três anos!

Tentando escapar à armadilha da generalização, que poderia fazer com que eu reputasse a Andrea o papel de suprassumo da ver-

dade, revi imediatamente a desconfiança que sempre nutri acerca de suas afirmações de que, desde que nos conhecêramos, nunca mais transara com Mira. Algo, no entanto, me intrigava. Diante das outras assertivas feitas ali, aquela destoava. Talvez a intenção fosse, expondo esse óbice íntimo, cuja revelação era, a priori, vexatória, provar que tudo o mais que afirmara acerca do que Andrea teria dito de mim era verdade. Ou, então, tudo o que ela dizia era verdade mesmo. Fui obrigada a cogitar outras possibilidades, para além dos dois extremos, o da pura mentira e o da pura verdade. Entre um lance e outro, experimentei uma repentina empatia por Mira. Estive a ponto de pedir-lhe desculpas por todo o ocorrido; cheguei a sentir o assomo verdadeiramente ridículo e humano de abraçá-la. Agitei a cabeça, refreando a formação de uma lágrima. Será que apenas a inequívoca e revelada fraqueza do outro é que desponta a nossa empatia? Em seguida, considereei que teria sido tudo tão mais fácil se eu tivesse me mantido firme ao esboçar, logo no início, a nossa separação. Ou se Mira pudesse, um dia, ter aceitado a proposta da trindade, que nem mesmo lhe chegou a ser feita.

Do canto em que se prostrava, Andrea parece ter lido as minhas emoções no nascedouro: olhou-me com o semblante aflito, misto de espanto e reprovação. Titubeei um pouco diante dos meus novos sentimentos, mas caí de volta em mim, pensando sobre a estranha ausência de surpresa que, paradoxalmente, sobressaía na indignação de Mira. Ou ela tem uma vida secreta incrivelmente compensadora, pensei, ou tudo aquilo que me disse um dia, sobre ter sido criada para o casamento, constitui o seu mais íntimo e firme postulado. Como em outras ocasiões que envolviam Andrea e Mira, tive o receio súbito de estar tombando numa armadilha.

**N**o dia seguinte ao do encontro a três, amanheci com uma grande ressaca de sentimentos contraditórios. Pelas dez, Andrea ligou de um telefone público, avisando que me enviara uma mensagem por e-mail e que eu deveria responder com cópia para Mira. O telefonema durou pouco. Ele, que tinha uma fala sempre tão organizada, trazia agora a voz embargada, quase um fiapo, e parecia confuso. Escapuliu de responder às perguntas que lhe fiz sobre o resultado, desconhecido para mim, dos acontecimentos da tarde anterior. Por entre frases desencontradas, disse que me amava, mas que não poderia viver sem a filha. Em seguida, contra o meu protesto, desligou sem nada me esclarecer.

Angustiada com o estranho telefonema, abri a caixa de e-mails para ver logo a tal mensagem. O texto, curiosamente em português – a meu pedido, Andrea me escrevia sempre em espanhol –, dizia: “Você tem despeito porque sabe que o meu casamento é eterno e que eu amo Dira, mas o que é seu está guardado, você não perde por esperar.” Era como um soco no estômago, e o tom intimidador me encheu de ira. Que necessidade havia de me enviar uma mensagem assim dura e ameaçadora, que me impelia à condição de inimiga, ignorando a dificuldade da minha situação e acusando-me de sentimentos que, ele bem deveria saber, eu não alimentava? O que estaria por detrás da divergência entre o conteúdo do telefonema e o do texto, se um era anúncio do outro? Que Andrea era esse? Era o mesmo que amei, que dizia me amar e com quem convivi por anos?

Quando da nossa posterior reaproximação, tentou me convencer de que se tratava de um estratagema que não fui capaz de compreender. A primeira parte da mensagem, afirmou, era um despiste para Mira, uma piscada de olho por cima do ombro. Daí o pedido de que eu respondesse com cópia para ela. A segunda parte, citação do dito popular, ele esperava que eu interpretasse de maneira literal, sem figuração ou ironia: o que era meu estava guardado e eu não perdia por esperar. Ora, das duas, uma: ou Andrea era um prestidigitador invejável, capaz de torcer e destorcer o discurso ao seu bel-prazer, ou superprezava a minha inteligência. Ou as duas coisas.

Ou o contrário delas. Segundo consta da carta que me enviou algum tempo depois, esperava que eu tivesse reagido com mais frieza e equilíbrio. Ao ler a mensagem, pelo contrário, galguei um patamar sem retorno de decepção e raiva pela deslealdade do parceiro de tantas aventuras e desventuras. Jamais, antes, ele havia usado comigo termos como aqueles. A humilhação era impossível de suportar, e ainda mais pensar que ele não havia feito qualquer esforço por se colocar no meu lugar ou tentar saber o que me ia por dentro. Diante do seu casamento, nada mais existia; eu era uma mera terceira pessoa, e foi como uma mera terceira pessoa que passei a agir. De todo modo, respondi a ele, com cópia para Mira: “Ninguém zelou tanto pelo seu casamento quanto eu. Você é que não teve inteligência para mantê-lo. Respondo com cópia para Mira, conforme você pediu. E, como se trata de uma ameaça, encaminharei também ao meu advogado.” Advogado não havia, nem nada. Na minha resposta descarnada, nem mesmo citei a aparição daquele D (de Dalva) em Dira, inserido de modo involuntário onde deveria brilhar sem dúvida o M de Mira – não me pareceu um bom momento para a análise semiológica ou psicanalítica dos atos falhos de Andrea.

Do mesmo modo que nos rompimentos anteriores, aqui também eu não imaginava a falta que Andrea ainda me faria. Foi quando juntei tudo o que era dele e entreguei diretamente nas mãos de Mira.

**A**bsorvido o impacto inicial do flagrante, as semanas seguintes, para mim, foram um tormento. Dia sim, dia não, Mira ligava para “dar notícias”. Num desses telefonemas, aconselhou que levasse comigo, para o trabalho, a mãe de Andrea, como escudo contra as possíveis agressões dele.

— E registre logo um BO na delegacia, porque ele estava furioso e saiu armado, dizendo que iria matá-la.

Mal vislumbro que destino Mira planejava dar ao ato que, diabolicamente, faria passar como o sequestro de uma idosa. Depois de denunciar Andrea, eu, como um bandido, levaria comigo o que havia de mais sagrado para ele. Imagine Mira comunicando o meu gesto, e a repercussão de algo como o rapto de uma frágil senhora. O arдил só teve expostos os contornos de armação porque, em algum momento, desconfiei da veracidade de uma cena em que Andrea aparecesse armado, tentando eliminar alguém – eu não via qualquer articulação entre gesto e personalidade. A partir de então, Mira fez diversas tentativas de manipular-me, especialmente na segunda semana, quando Andrea, sem aviso, sumiu do mapa. Ficou claro que ela não havia desistido, nem parecia disposta a impor-se limites. Ao contrário: estava em plena batalha por manter-nos o mais afastados possível. Nesse ínterim, Andrea parou de fazer contato comigo e, ao que consta, também com ela. Durante os dias que durou seu exílio, a frieza de aço que a mulher trazia na voz contrastava com o que era de se esperar caso fossem verdadeiras as informações escabrosas que me dava, de que Andrea havia desaparecido sem deixar rastros, que havia lhe telefonado aventando a possibilidade de suicidar-se, ou que pretendia me matar. Como eu disse, esta última afirmação me fez intuir, embora com certo retardo, que ela estivesse mentindo também com relação a todo o restante. Difícil era saber se existia alguma verdade, e onde.

Na segunda-feira seguinte, Mira ligou muito cedo, insistindo em que eu tinha de fazer alguma coisa para defender-me:

— Ele vai te matar, depois não diga que eu não avisei.

Achei uma graça muito efêmera do paradoxo involuntário na fala de Mira. Simulando uma calma que no fundo não havia e uma certeza que já não tinha, pedi que ela se mantivesse tranquila, que Andrea jamais faria algo violento contra mim ou qualquer outra pessoa. No mesmo dia, telefonou próximo da meia-noite:

— Chegou a notícia de uma caminhonete acidentada. Quer ir comigo ao IML, para reconhecer o corpo?

Com essa, parei de atender aos telefonemas de Mira. O seu timbre me incomodava fortemente. Dali a uns dias, no uso da tática desesperada dos que ainda não conhecem o último placar, veio pessoalmente sondar a rival. Chamou pelo interfone, queria subir. Disse que tinha de me fazer duas perguntas. Respondi que eu não tinha nada a dizer, que ela deveria se contentar com as verdades de Andrea. Propôs marcarmos um outro dia. Eu disse que não, não tinha nada a tratar com ela. Antes que eu desligasse, acrescentou, com a urgência de quem fará a grande revelação.

— Você sabe que estamos nos divorciando?

De pé na calçada, em pleno sol, frente a um frio aparelho de interfone e com os carros passando ao fundo, emendou um comentário deslocado sobre bens, separação de bens. Talvez ela quisesse apenas ouvir uma resposta como: “Sim, eu sei!”, e constatar, de acordo com o protocolo das suas arguições, que Andrea e eu continuávamos nos encontrando. Certamente, porém, ela imaginava que eu intencionasse a separação, o que fazia sentido para quem tinha o casamento como instituição vitalícia. O divórcio, mal sabia ela, era a última coisa que eu lhes desejaria. Além disso, eu estava dilacerada e não queria ver Andrea tão cedo. Ao que parece, nenhuma de nós entendia sobre os sentimentos que gritavam dentro da outra na ocasião. Respondi apenas:

— Não, não sei. E desliguei o interfone, que voltou a tocar imediatamente. Aproximei-me da janela e reparei que Mira tinha vindo acompanhada de Jól. O grande amigo se mantinha uns cinco passos recuado, a perna direita dobrada como a de uma garça e a mão

esquerda apoiada sobre o tronco da árvore recém-podada. Por que diabos ele tinha de estar presente em cada um desses contextos constrangedores, esgarçando sempre as pontas da nossa pirâmide? Amigos são para essas horas – é o que se diz.

Seguindo os conselhos de uma amiga advogada, Mira passou a andar atrás de mim com o celular escondido, tentando gravar um diálogo que funcionasse como confissão, não sei ao certo de que, para, valendo-se das assertivas que imaginava obter, infernizar a vida de Andrea e, quiçá, a minha. Tentava cavar às escondidas uma declaração para juntar ao seu espólio de razões e usar contra o marido, ou contra mim e a favor do seu retorno com ele, a depender das necessidades, na época do tal projeto de divórcio que, até onde sei, nunca foi além de um projeto de projeto.

**M**enos de vinte e quatro horas depois da visita investigativa de Mira, Andrea ressurgiu usando seu próprio celular. Nas mensagens de texto que trocamos então – cada um tinha suas próprias razões para não querer ouvir a voz do outro, e principalmente para evitar que o outro ouvisse a sua; no meu caso, um timbre miserável, revelador de uma mistura de ódio e insegurança –, disse que *necesitaba hablar personalmente*. Embora, por baixo de tudo, permanecesse inalterado o núcleo duro dos meus sentimentos, não anuí à ideia do encontro. O deslante da mensagem ameaçadora ainda reverberava – “o que é seu está guardado, você não perde por esperar” –, e eu temia uma armadilha dele ou de Mira (ou de ambos). Sentia-me exposta, e tão desamparada que cheguei a desejar que nosso vínculo afetivo apodrecesse de vez. Seria uma saída razoável, diante da única outra possibilidade: ficar presa a uma ilusão idiota.

E agora já não sei se foi antes ou depois da mensagem em que me ameaçava, antes ou depois que entreguei a ela as coisas dele, antes ou depois do sumiço de Andrea, da visita de Mira, da ameaça de morte, do anúncio do divórcio, do retorno de Andrea... Só sei que, a cada mensagem de teor emocional que recebia de Andrea, eu respondia com outras de péssimo tom, recheadas de mágoa ou sentimento pior. É a elas que, na carta que você vai ler adiante, Andrea se refere como sinais de perfídia. Entre três ou quatro outros torpedos gentis recebidos num espaço de quarenta e oito horas, um se destacava pelo conteúdo inteiramente adverso com relação ao dos demais, que lhe antecederiam ou sucederiam em algumas horas. Dizia apenas, em português: “Me esqueça. Não telefone mais. Vou continuar tentando reconquistar minha esposa.” Aí a confusão se implantou de vez, e eu não via mais lógica nas atitudes de Andrea. Por vezes, pungentemente, imaginava-o sendo ameaçado por Mira e obrigado a me enviar um texto ditado por ela. Reforçava o meu estranhamento o fato de a mensagem ter sido escrita em português. Depois voltava atrás, me achava estúpida, duvidava de tudo. No isolamento em que me encontrava, presa da desconfiança, passei a acreditar principalmente na ideia de

que, entre uma e outra mensagens, Andrea titubeara e resolvera me rechaçar em definitivo, humilhando-me diante de Mira para receber, assim, o seu perdão. Em nenhum momento cogitei que Mira, chantageando-o, pudesse ter confiscado o seu celular, e que fosse ela própria a autora de um ou outro torpedo. Ainda que, tempos depois, essa hipótese me tenha sido apresentada por Andrea como a verdadeira, jamais seria justificativa suficiente para o conjunto da obra, e, a essa altura, não havia mais qualquer condição para confiar. Envolta num turbilhão mental, percebi que em algo Andrea tinha razão, que eu devia me afastar em definitivo e, definitivamente, esquecer. O que era meu estava guardado e eu não perdia por esperar.

**A** carta que transcreverei adiante faz parte de um conjunto de dez ou doze que trocamos pouco mais de um ano depois de termos sido descobertos por Mira. Em algumas delas há muito ressentimento de ambas as partes; em outras, a ironia de Andrea é cortante.

*Créeme, la situación fue más compleja y algo diferente de la que tú sabes o crees saber. Parece que vimos la misma película, pero tú la viste con un solo ojo y un oído. Percibo mucho resentimiento y rabia en medio de cada silaba que escribiste, sin espacio para la autocrítica.*

*Ese deplorable E-mail al que haces referencia fue sólo un ardid que merece alguna explicación, quizás un día.*

*Equilibrio e inteligencia eran necesarios, pero eso era de lo que más se carecía. Todo tiene su tiempo y su forma y en esos atribulados momentos esas dos condiciones no estaban presentes. Todo se salió de control súbitamente aquel día y mi reacción inmediata, desesperada, instintiva, infructuosa, fue la de tratar de mantener las cosas en el orden previo, orden que probablemente ya no existía. Esa actitud mía fue el detonante para que tu lado más siniestro y menos inteligente saliera a flote. No te cansaste de vomitar toda tu perfidia sobre mi. Cada insulto, impropio y vejamen tuyo me acertó de lleno, frente a eso me vi obligado a no atender tus “llamadas”, así de simple. No existe comparación que quepa entre mi sentido de preservación (el silencio) con la actitud alevosa de revelar maldosamente nuestra intimidad. Dicen que en la guerra como en el amor todo se vale, yo no lo creo así. Uno puede morir o perder con dignidad y aún ser honorable, digno, respetable. Tampoco existe medida para el dolor, por tanto, toda comparación del mismo me resulta absurda. Me conformo con saber que al dolor lo llevo dentro como un amigo inseparable, algo parasitario pero amigo al fin, aprendí a convivir con él, a vivir vacío.*

*Cegada por la ira olvidaste todo lo que compartimos, sentimos, pensamos, soñamos y me colocaste como a tu principal enemigo. No tuviste el tino de entender las circunstancias desde otro punto de vista*

*menos egoísta. Y si quieres saber, en esa guerra ya había perdido irrecuperablemente un brazo (Mira) y fue luego después que perdí el otro (tú). Con ese escenario escogí irme de Vitória sin ninguna esperanza de volver a rehacer algo. Por ironías del destino (así se dice) mi regreso a Vitória y a mi nueva condición te la debo a ti, específicamente a tu última acción. Aún no sé si agradecerte o maldecirte.*

*Me enseñaste muchas cosas, no exagero cuando manifiesto que sigues siendo una referencia importante, tampoco guardo resentimiento alguno contra ti, cómo podría después de lo vivido. Al contrario, cada música que escucho, cada paisaje que veo, en cada gesto, irremediavelmente y a pesar mío, tu imagen aparece súbita. Mi vida no la veo como un libro, ni las paginas, capítulos que la conforman, más bien como un árbol donde cada rama y hojas son mis vivencias y ellas forman parte de mi permanentemente. Me alegro mucho, de corazón, que te vaya bien y te deseo lo mejor, quién sabe, tenga tiempo aún en esta vida de conversar contigo con el mar de fondo o simplemente tomarnos una cerveza bien helada en completo silencio.*

O homem digno que escreve então, como se nota, foi vitimado pelas circunstâncias – e por mim. Ficou marcado pela minha, sim, pela minha perfídia, e, ao que tudo indica, foi purificado pelo sofrimento. Em cada linha estão presentes a autovitimação e o desejo de designar a mim a culpa pelo desfecho dos eventos. *La última acción* minha a que se refere foi ter entregue a Mira seus pertences, entre eles cartas, bilhetes, o anel e a aliança.

Andrea sempre foi um bom argumentador, por vezes irrefutável. Escolhia bem as palavras e tecia comparações exatas, como as que usa na carta para expressar sentimentos nobres, existam eles ou não. Além da força da escrita, notável na sintaxe, no vocabulário e no uso de figuras de linguagem, avulta, nas linhas finais, algo ainda mais curioso: o tema da literatura e a metáfora (refutada) do livro – e num período em que unir as duas instâncias, como faço hoje, com estes escritos, ainda nem me passava pela cabeça.

Sentenças negativas, do tipo “*mi vida no la veo como un libro*”, sempre me despertaram suspeitas sobre que afirmativas tentavam esconder. Analisando as imagens presentes na carta, noto hoje que a ideia de escrita esteve sempre presente para Andrea, o que corrobora as minhas suspeitas de que quem tinha o maior desejo de tornar-se personagem era ele, e me leva a crer que grande parte dos fatos, depois de determinado ponto, tenham sido articulados como peças numa engrenagem por meio da qual Andrea fosse infalivelmente conduzido ao interior de uma narrativa, armadilha construída para que eu mesma expusesse a minha responsabilidade no nosso caso e, ainda por cima, fizesse de Mira uma inimiga revelada. Eu sofreria, sozinha, as consequências de todos os nossos atos, embora esse mesmo conjunto de eventos me transforme, imediatamente, numa mera personagem. De repente sou Dalva, criação de Andrea. Sou a autora que ele inventou para a personagem que ele seria. De certo modo, o Andrea que conheci sempre foi uma personagem, algo que seu discurso quase literário, na carta, faz apenas ressaltar.

Admito certa paranoia, da minha parte: não se pode querer tirar conclusões exatas dos atos incertos que envolvem uma escrita como aquela da carta, ou como esta. Menos ainda se pode pisar com firmeza nas fronteiras nebulosas que separam a ficção da realidade. Caminhando em meio à neblina, como saber que tipo de terreno se vai encontrar? Isso vale para o que está dentro e, igualmente, para o que está fora da narrativa. Apenas agora realizo que, ao planejar os textos curtos, porém caprichados, das cartas, Andrea expressava um desejo recôndito de inserir a sua palavra bem dentro do meu romance.

Hoje, que a ideia do romance começa a se materializar, não resta dúvida de que, tudo passado, com a carta, ele ainda me furta uma pequena parte do meu próprio espaço de escrita; por extensão, da minha voz e das minhas premissas – e com meu completo assentimento, eu que me deixei seduzir pela elegância das suas palavras, chegando ao cúmulo de enxertá-las aqui.

Do mesmo modo que na carta, em uma de suas alegorias mais frequentes, Andrea afirmava que Mira era parte dele próprio, e que a perder seria como perder um braço. Com relação a mim, dizia, a sensação era outra, praticamente oposta: sentia que era parte de mim, e que me perder seria perder-se, imagem que não aparece na carta, na qual Mira e eu somos elevadas à condição de dois braços em torno do tronco que seria Andrea. Considerado o desfecho que deu aos eventos, calculo que, tendo que optar, preferiu perder-se a perder um pedaço.

Com a troca de cartas, muitos sentimentos confusos vieram à tona, para ambos, e terminamos por novamente nos afastar magoados, antes mesmo de nos reaproximarmos verdadeiramente.

Dali a alguns meses, confusão novamente silenciada, surpreendeu-me uma mensagem de Mira na caixa de e-mails, um convite pessoal para amizade no Facebook, com o texto oficial do aplicativo sutilmente modificado. A mensagem era curta; todavia, depois do ocorrido, recebê-la me pareceu inacreditável:

“Olá, Dalva! Como vai? Quero ser sua amiga no Facebook!”

No mesmo instante, impulsivamente, respondi:

Eu adoraria acompanhar os acontecimentos da sua fantástica vida familiar, mas infelizmente tenho mais o que fazer.

Lá se iam dois anos do nosso afastamento. Uma noite, exaurida pela sequência de tarefas que iniciara antes mesmo das seis da manhã, me joguei no sofá, diante da tevê. Entre um cochilo e outro, o som das manchetes me chegava abafado, como se os âncoras falassem de dentro de uma banheira: Guerra na Síria. Grandes nações testam novas armas... (Abro os olhos com dificuldade, pesam sobre eles tanques e mísseis.) Ataques com drones americanos... (Os olhos já não se abrem, mas os ouvidos ainda resistem.) Atentado terrorista na França. Mais de cem mortos... (Já não consigo abrir os olhos, apenas entreouço as palavras.) Terremoto em Arequipa... (Com grande esforço, abro os olhos decidida a espantar o sono.) Os sobreviventes socorrem familiares e conhecidos... (Enquanto dezenas de Andreas invadem a tela, removendo escombros, carregando nos braços crianças feridas, bocejo e cochilo irresistivelmente.) No Brasil, sobe o preço da gasolina... Multidões vão às ruas contra a corrupção... Rompe uma barragem em Minas Gerais... Mudanças climáticas parecem inevitáveis...

Dormi sob o noticiário, ouvindo as palavras pela metade, e com a roupa que cheguei da rua. Sonhei com Andrea. As imagens são realistas. Em meio a uma luz suave de fins de outono, nos encontramos no trânsito, sob o semáforo fechado. Paralisados pelo choque do acaso, janela a janela trocamos frases curtas, repletas de urgência e intensidade. Em seguida já não há mais o trânsito, nem os carros. Caminhamos quietos e contentes, lado a lado, pela orla de Camburi. Entardece.

Numa terceira cena, a água da praia recua mar adentro. Um vento feroz faz tremular o outdoor em que se lê, em itálico, “*Ai de ti*”, com o número de um salmo em uma das extremidades. Em seguida, a placa é arrancada violentamente, voando sobre os carros que passam na avenida. O céu escurece muito rápido, e as marolas desenham no mar grandes quadrados. Não há mais dúvida, um tsunami se aproxima – ambos, silentes, sabíamos. E sabíamos também que não havia como, para onde ou por que correr. Não éramos Peri e Ceci. O desastre era iminente, viria súbito e tão avassalador que seria inútil investir as esperanças numa impossível fuga.

Alguns instantes depois, a água tomava tudo de modo violento. Andrea e eu, porém, parecíamos misteriosamente além ou aquém da grande massa líquida, imunes a sua força. Frente a frente, nos olhávamos em silêncio. Fruímos então de uma paz compacta, não havia sequer a necessidade do riso ou a busca do olhar. Mesmo o anseio do toque já não existia. Brutal na sua imensidão, a água a tudo arrasava. Em segundos cobria a orla, a calçada, os prédios. Invadia a área do aeroporto, carregando carros e barcos e troncos. Iluminação não mais existia. Os alto-falantes instalados ao longo da avenida encoberta iniciavam uma transmissão em tom parabólico, um tanto ameaçador. Reconheci trechos de uma crônica de Rubem Braga. A voz que os dizia parecia mesmo a do escritor cachoeirense:

*E os escuros peixes nadarão nas tuas ruas e a vasa fétida das marés cobrirá tua face; e o setentrião lançará as ondas sobre ti num refulger de espumas qual um bando de carneiros em pânico, até morder a aba de teus morros, e todas as muralhas ruirão. E os polvos habitarão os teus porões e as negras jamantas as tuas lojas de decorações (...). Então quem especulará sobre o metro quadrado de teu terreno? Pois na verdade não haverá terreno algum (...). E os pequenos peixes que habitam os aquários de vidro serão libertados para todo o número de suas gerações (...). Assim qual escuro alfange a nadadeira dos imensos cações passará ao lado de tuas antenas de televisão; porém muitos peixes morrerão por se banharem no uísque falsificado de teus bares.*

Camburi e Calabar submergiam. Num átimo, perdi a consciência. Crescia a escuridão.

Às catorze do dia seguinte, a caminho do trabalho, eu ainda rememorava o pesadelo, mergulhada vivamente na sensação de que, depois de todo o tempo passado, mágoas e remorsos teriam se diluído no esquecimento. Talvez Andrea e eu prescindíssemos já de palavras, embarcados na comunicação transcendente de uma realidade outra, para além dos condicionamentos cotidianos, um retorno ao que no fundo éramos e sabíamos que éramos, sem palavras.

Ao chegar ao campus para as reuniões da tarde, ainda no estacionamento, de dentro do carro, resolvi telefonar. Após tão longa ausência, eu não sabia o que dizer e, apenas por prever a situação, a voz me sumia um pouco. Respirei fundo uma, duas vezes, e disquei o seu velho número, durante muito tempo intocado e, no entanto, claro na memória, como se o tivesse digitado pela última vez há alguns minutos. Antes do número, acionei no teclado #31#, os ícones que asseguravam o anonimato, sem saber por quantos segundos eles me protegeriam de mim. Com o carro fechado, o toque da chamada soava alto e claro. Cada intervalo entre os sons parecia tempo demais; tempo bastante inclusive para arrepende-me e desarrepende-me de ter telefonado. Em milésimos de segundo, eu ideava todo tipo de razão que fizesse com que Andrea, do outro lado, não atendesse de imediato. E já divagava em meio a devaneios negacionistas quando ouvi o alô peruano, que era antes um alóo, em que o *a* era mal e mal pronunciado, toda a força recaindo sobre os *os*, vogal e semivogal, iguais na pronúncia, porém a segunda dita com uma intensidade mais moderada, em comparação com a primeira.

Ao ouvir a voz do outro lado, o coração bateu forte, senti como um vazio no peito e em seguida a vista se ofuscou. Naquele momento, se me perguntassem, não saberia dizer ao certo em que lugar me encontrava. Aos poucos voltei a mim e me lembro de ter estranhado o dulcíssimo tom de voz que de mim escapuliu, buscado, involuntariamente, em alguma remota ancestralidade abscôndita, numa desconhecida mulher imaginária, a um tempo carente, saudosa, apaixonada e feliz de, enfim, reencontrar o seu homem, ainda que através

das fibras óticas. As palavras que eu disse hoje não saberia reproduzir. Recordo somente que compunham um discurso irretocável na sua pureza primitiva, um compósito de vagos sentimentos, misturados pelo distanciamento indesejado e confuso, marcado por decisões atropeladas e indecisões absurdas, nunca depois plenamente esclarecidas, de ambas as partes.

Um silêncio espantoso crescia do outro lado enquanto eu, entregue àquela correnteza incontrolável, num borbotão dizia a Andrea da falta que me fizera, da falta que ainda fazia. Súbito, o silêncio espesso pareceu mais longo que o natural. Senti-o duro; não era um silêncio normal. Era Mira ao telefone, e assim que ouviu o principal do que eu declarava, passou a me bradar os bordões mais humilhantes que se pode escutar sem ter vontade de matar e sem enlouquecer. Aterrada, encolhida na poltrona, que fritava ao sol da tarde, eu buscava entender como e por que não percebera que a voz do outro lado não era a de Andrea. Inerte, num mutismo envergonhado às raias da idiotia, sem dizer uma palavra, convenci-me de que sim, era Andrea quem tinha me atendido, e que, em seguida, teria passado o telefone traiçoeiramente a Mira, numa armadilha quem sabe há quanto tempo articulada para que a mulher traída, a oficialmente traída, pudesse dar vazão ao amargo grão guardado nas grutas da sua ira.

Desliguei em pânico, como se, movida por uma curiosidade banal, tivesse aberto a tumba infectada de um faraó enterrado com seus vírus mortais.

**E**ste romance deveria findar aqui. Mas não.

No mês seguinte lancei enfim o meu primeiro livro de contos, há uma década engavetado. Eu sequer imaginava que Andrea já o tivesse adquirido e lido, quando me procurou dizendo-se ainda *tonto* pela leitura de um dos textos, que chamei “Os olhos do capitão”. Transcrevo-o aqui, Vera, e depois lhe envio um exemplar do livro pelos Correios:

*De repente trepidou a nau e somente eu fiquei à deriva, naufraga.*

*Com grande dificuldade para me segurar à borda, consegui apoiar a mão gélida no que sobrava daquela parte da embarcação. Sem saber ao certo por que, tive receio de que os outros sobreviventes, especialmente o capitão, me pisassem nos nós dos dedos, fazendo com que me desgarrasse de vez mar afora, em meio à forte correnteza do vento sul de lua grande.*

*Lutando por respirar, com a cabeça praticamente submersa, eu nem mesmo conseguia gritar por ajuda. Somente meus olhos emergiram para implorar e implorar um gesto de misericórdia, mas encontraram os olhos insanos, indiferentes, do capitão. Estranhamente, já não tinham órbita nem ponto fixo. Jamais me esquecerei dessa imagem sem comparação. A lua, feito um farol, morria no horizonte.*

*Ao me ver no auge da agonia silenciosa, o capitão se aproximou resoluto e estendeu a perna na minha direção. Estava pronta para agarrar-me ao seu pé quando, em meio à tormenta, senti no topo da cabeça a sola dura da sua bota, empurrando-me para o fundo.*

*Foi o primeiro – e último – gesto firme que o vi cometer em sua já longa vida de marinheiro.*

Em meio a uma crise de identificação com a personagem, Andrea me acusou de estar sendo injusta, que eu o teria reduzido a um monstro sem sentimentos. Disse que era muito fácil, com a faca e o queijo, o papel e a caneta na mão, acusar qualquer pessoa do que fosse, sem lhe conceder o direito a defesa, e ainda por cima covardemente, dando tudo a público sob a tarja de ficção. Fez um discurso longo e inflamado,

que ouvi com a calma triste dos cansados, as emoções todas, a essa altura, já recolhidas a um canto escuro. Ao final, perguntei se ele gostou, se era um bom texto. Confessou que, devido ao conteúdo, não conseguiu atentar para mais nada que não fosse a indignidade que lhe imputei com a criação de *su personaje*.

— *¿Son mis ojos, los ojos del capitán?*

— Não, não são. São os olhos do capitão.

— *¿Quién es el capitán?*

— É papel, agora.

Eu não queria, depois de tudo, não tinha ânimo para falar, mas ele seguia me provocando, querendo me arrancar verdades. Eu devia ter me virado e saído, unicamente, mas achei que tinha algo ainda a fazer nesta trama, então respondi.

— Ah, Andrea... Andrea que eu tanto amei... Logo você, o meu melhor leitor, que vivia me estimulando com *escribe sobre nosotros*. Pois então: o capitão não é você, ou não é só ou especialmente você. Nenhuma personagem dá conta do que seja uma pessoa de carne e osso. Pra ser sincera, eu nem tinha pensado nisso. Pelo menos não nesse caso. Mas, veja só, eu também não tenho como inventar sentimentos do nada. Por outro lado, não sou capaz de imaginar exatamente quem vai se identificar com o que, entende? De verdade, quem é que consegue definir os limites entre o vivido e o inventado? E, na hora da leitura, não se trata mais somente do vivido por quem escreveu; tem também a vivência do leitor. Só não vá pensar que tudo é sobre você. Quantas figuras masculinas passaram por mim, nessa vida. Com quantos mestres e charlatães não me deparei? Quantos homens conheci pelos relatos de outras mulheres. Quantas centenas de fisionomias, prolixas no seu silêncio, não acompanhei disfarçadamente enquanto comia, sozinha, num restaurante? Quantas histórias não criei, recriei e descrei seguidamente, ao longo dos anos, pra cada um dos rostos que passavam ao meu lado no trânsito, no elevador, na escada rolante? E agora vem você me interrogar sobre o capitão! Logo você, que insistia que *basta poner en la portada la*

*palabra novela, e que no se debe desperdiciar una vocación de estas,* e não sei mais o quê...

Enquanto eu falava, Andrea me encarava com um olhar desconfiado, não parecia convencido pelos meus argumentos. Assim que terminei, desculpou-se meio sem jeito, com ar pensativo, disse que eu tinha razão. Em minutos, portanto, parecia ter mudado de ideia sobre o capitão. Passaria ele também, o meu Andrea, a defender o direito irrestrito à liberdade de expressão do escritor?

Eu, pelo contrário, deixei o encontro pensando sobre as implicações e os desdobramentos que pode haver na realidade, a partir de eventos vividos e reinventados na escrita. Bastou que eu estivesse face a face com um reclamante da condição de personagem e a minha visão sobre o fenômeno mudou. As ideias que eu acabara de defender perante Andrea já não me convenciam mais.

**D**e depois do lançamento, vínhamos nos reaproximando aos poucos e vagarosamente, quase sem contato físico. Ali pelo terceiro encontro, Andrea me ligou na hora do almoço, perguntando se eu estaria livre no fim da tarde. Mira tinha viajado. Conhecendo o seu lento digerir de certos temas, temi que quisesse ainda falar de literatura; felizmente não era isso. Andrea queria sair; por alguma razão, receei. Perguntei aonde iríamos; ele quis saber o que eu sugeria. Ninguém ousou propor Jerusalém, a história lá já estava muito confusa. Combinamos uma ida à Vila Lupara, acreditando que ali poderíamos recuperar, a dois, a memória de um tempo feliz. Há alguns anos não retornávamos àquele recanto no alto do penedo, de base imersa no mar, e que encontra o continente apenas por um istmo. No caminho de subida, já então repleto de igrejas neopentecostais, cada um no seu carro, fomos surpreendidos por grandes suásticas, pichadas nos muros sujos do antigo reduto hippie. Uma parte da restinga havia sido queimada para dar lugar a nada; a outra parte continuava na mesmíssima dança com o mar. À direita, vi quando um cardume de tainhas sincronizou as suas luzes prateadas. No alto da pedra gigante, Andrea e eu tínhamos vivido momentos bonitos, para sempre impressos sobre a paisagem deslumbrante, de um lado o continente, do outro os contêineres chegando e saindo da baía de Vitória. O termômetro do meu carro marcava trinta e oito graus.

Na lanchonete inócua, as mesas estavam repletas de pó de minério – o rei da torta capixaba, que frequentávamos anos antes, havia fechado –, Andrea iniciou a conversa por tópicos há muito ultrapassados e, para mim, já sem interesse, como o da redundante, inacreditável, arcaica ladainha do casamento infeliz. Às suas primeiras palavras, eu nada disse; apenas sorri, como quem, tendo caído num precipício e, estando já à espera da morte, é colhido, ao fim da queda, pela fronde de uma árvore que o mergulha suavemente num lago de águas tranquilas. Não que houvesse a sensação de vitória em, depois de tudo, vê-lo constatar – ou reinventar – a própria infelicidade; o sentimento agora era de grande liberdade, ao reconhecer que

aquele homem e aquele discurso simplesmente não me moviam mais. Voltei à tona com uma pergunta sua sobre as minhas filhas, e ele mostrou fotos da sua... Dali a pouco mais de uma hora, sugeri que fôssemos a um motel. A proposta não foi nenhuma surpresa, mas, mesmo assim, titubeei. Depois de tantas idas e vindas, uma fibra em mim havia se rompido, tudo indicava que de modo irrecuperável, mas certeza plena eu ainda não tinha. Andrea disfarçou num gole d'água uma ponta de desgosto pelo meu silêncio, então mudou de assunto e em seguida voltou a insistir, manejando diferentes versões de um mesmo argumento, num espectro que ia do simples desejo ao já conhecido *que tenemos, más tarde, para contar?* Enquanto o ouvia, interiormente eu discutia comigo. Eu precisava confirmar que Andrea não me despertava mais o mesmo desejo de antes. Joguei conversa fora até que o nosso tempo começasse a rarear. Ele seria obrigado a deixar bem claro, em alto e bom som, que quem desejava era ele.

Feito isso, fomos.

No motel houve uma rápida controvérsia sobre a iluminação, a música e a temperatura do ar-condicionado. Eu não me lembrava de que Andrea apreciasse o gelo glacial. Menos ainda de que preferisse fazer amor no escuro. O mergulho na água morna da banheira de repente nos fez sentir como estranhos. O tempo não é uma entidade maleável, e, para quem se feriu um dia, qualquer cor ou sombra ou tom de voz ou ponta de rusga ou objeto cotidiano mal posto pode, inesperadamente, trazer à tona velhos monstros soterrados. Os pródromos fluíram fácil, como sempre. O cheiro de Andrea, a prisão suave dos braços, o beijo longo e lento, tão adequado ao meu ritmo... Sem dúvida era por ali que passava a fração de poder que ele ainda exercia sobre mim. Surpreendida pela minha própria nostalgia, enquanto acariciava os cabelos molhados de Andrea, me lembrei de que antes, a cada vez que dispúnhamos de tempo, não fazíamos amor, deixávamos que o amor se fizesse. Para isso bastava que, por um intervalo pequeno, deitados lado a lado, um dos dois sutilmente negaceasse. Projetava-se assim, numa tela imaginária, por meio de

poucas palavras, um filme para dois de final conhecido, mas cujas cenas e sequências eram, a cada vez, diferentemente encenadas. O restante todo funcionava por si, e, quanto mais simulávamos não pensar no clímax, mais próximo e certo e fácil o trajeto o tornava.

Desse mesmo modo, com a memória acesa da velha receita infalível, tentamos fazer ainda uma vez, sem pressa, corpos contentes colhendo o que uma noite pode conceder, mas, em meio a um afago de lábios mais audaz, notei que Andrea pareceu ao mesmo tempo se deleitar tanto quanto, estranhamente, impor resistência. Aproximei os lábios outra vez e revelou-se, enfim, a novidade que viria a coroar a série de incidentes infelizes que ameaçava não ter mais fim, desde que estivéssemos juntos, Andrea e eu: ele tinha algo no pênis.

Eu estava sem óculos e por isso tive de me aproximar um pouco mais do seu colo para ver que se tratava de uma tatuagem em lettering. Era o nome de Mira, gravado em traços pretos, numa fonte de estilo vitoriano. Na longitudinal, o nome dela, de quatro letras, mal cabia. O meu, com apenas uma letra a mais, resultaria ilegível. Diante da visão inesperada, o que restava do meu desejo, a essa altura apenas morno, recolheu-se a um lugar obscuro e gélido de mim. Elevei os olhos em direção ao seu rosto. As mãos percorreram-me a silhueta com o gesto triste de um condenado no teatro nô. Pela primeira vez, fui inteiramente capaz de não o desejar, e ele o sentia. Perdíamos assim a nossa chance de dar um novo final, menos indigno, para o que um dia foram Andrea e Dalva.

Minhas mãos agora trabalhavam sozinhas, ritmadamente, fechando zíperes e botões. De certo modo, eu já não estava ali, e conhecia bem a Dalva que me esperava ao lado de fora, com a chave na ignição, a Dalva das ações concretas e gestos definitivos, aquela que sabe quando algo chegou ao fim. Passei do quarto para o banheiro, onde permaneci alguns segundos em silêncio diante do espelho, ajeitando os cabelos. As únicas palavras que me vinham estavam no velho idioma chamado desesperanto e ornavam com o ambiente frio e impessoal da antessala do motel, em que se espera a conta do amor.

Pensei em dizer algo, mas desisti a tempo. Eu podia entreouvir os movimentos de Andrea, no quarto ao lado, recolhendo as roupas e os sapatos. Acompanhei, dessa vez sem assombro, o tinir do seu chaveiro. Apanhei o meu e saí para a garagem. Entrei no carro e, enquanto subia o portão do estacionamento claustrofóbico, vi Andrea se aproximando no espelho retrovisor. Pela fresta que se abria lentamente sob a chapa de aço, vinham enfim a luz e o vento do litoral, fazendo se erguerem do chão centenas de milhares de estrelas de poeira dourada, que iam morrer logo depois, na faixa de sombra.

Andrea se debruçou sobre a janela do carro com os ombros encolhidos, como se fosse se projetar para dentro. Olhei-o ainda uma vez, desfocado feito um Monet. Tomei uma última foto, imaginária, e saí, a alma inteira de volta ao corpo. Já não havia amor, nem desamor. Nada de culpa, remorso ou pesar. Nem medo, nem mágoa. Nem desejo, nem sonhos, nem saudade, nada.

Foi a primeira vez que vi Andrea chorar.



Andréia Delmaschio é contista: *Mortos vivos* (Secult, 2008), *Aboio de fantasmas* (Secult, 2014) e *Tem uma lua na minha janela* (Secult, 2015). É mestra pela Ufes, com *Entre o palco e o porão: uma leitura de Um copo de cólera, de Raduan Nassar* (Annablume, 2004), e doutora pela UFRJ, com *A máquina de escrita (de) Chico Buarque* (7Letras, 2014). É autora de *Nas águas de Lia* (Cousa, 2018), *Ensaio de Literatura Brasileira Contemporânea* (Edifes, 2021) e *Flores inventadas* (Cândida, 2022). É professora titular do Ifes.

Ai de ti, Camburi apresenta um triângulo amoroso clássico, mas de um ponto de vista incomum. Construindo o romance diante do leitor, a narradora o seduz até o fim: "Se Mira tivesse aprovado o arranjo, seria a situação mais confortável que teríamos vivido (...), há algo de excitante em dividir um homem com outra mulher". Os amantes, separados no auge da aventura, se reencontram para testemunhar a deterioração, dentro e fora. "No caminho de subida, repleto de igrejas neopentecostais, fomos surpreendidos por grandes suásticas, pichadas nos muros sujos do antigo reduto hippie. Uma parte da restinga havia sido queimada para dar lugar a nada; a outra parte continuava na mesmíssima dança com o mar".



EDUFES